

DORTESI  
DO  
EDITOR

# veja

E LEIA

EDITORA ABRIL - N.º 15 - 18 DE DEZEMBRO DE 1968

NCr\$ 1,00



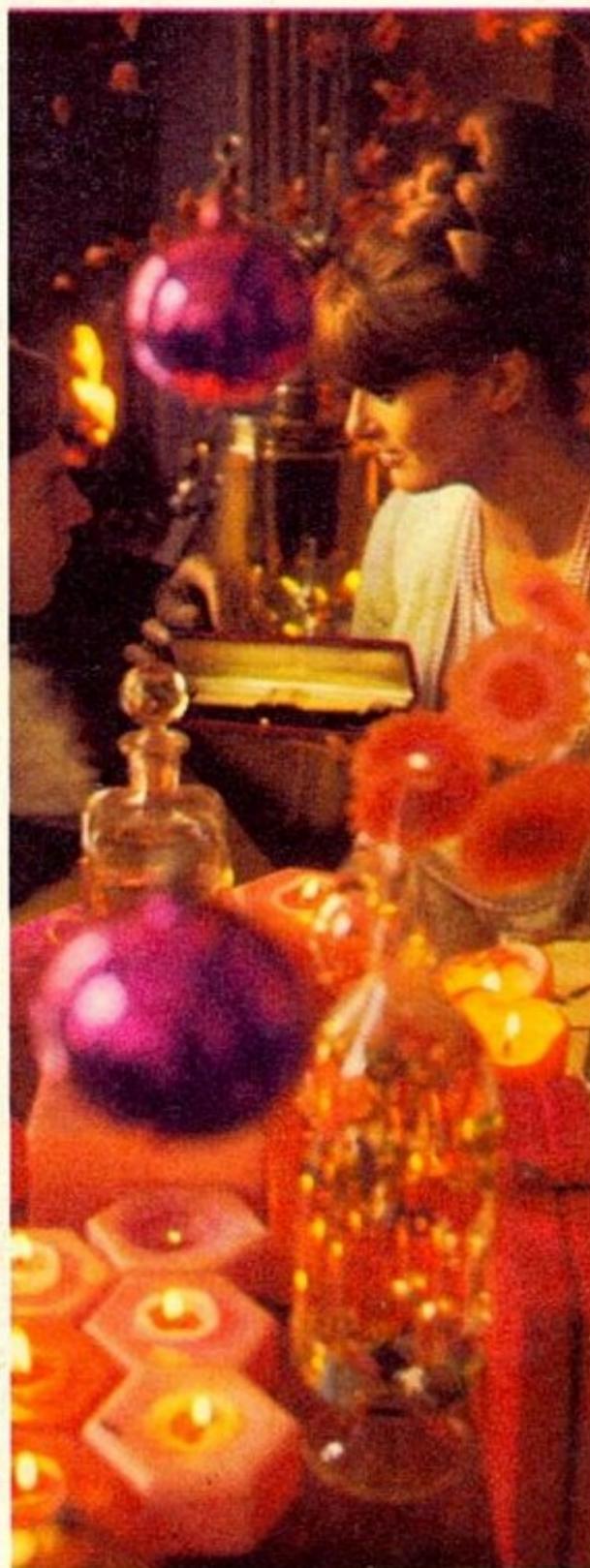
"Saphette" com pulseira na mesma largura do relógio. Ouro 18 k.



Pequenino relógio-jóia com vidro "Saphette", em ouro 18 k.



Outro "Saphette" em ouro 18 k. Inclusive sua original pulseira.



Omega de linhas clássicas, com caixa e pulseira em ouro 18 k.

## Em cada segundo, um Omega recordará todo seu carinho

Omega é um precioso presente que faz feliz a quem o recebe. Em questão de bom-gosto, mais vale presentear bem do que muito - e com um Omega você consegue ambas as coisas. Cada vez mais, em todo o mundo, vai se afirmando a idéia de que um Omega é bem mais que um bonito relógio. O nome Omega dis-

tingue, hoje, o que é de grande classe - traduz a satisfação de oferecer, a alegria de ganhar. É um régio presente, constantemente recordando a ternura de quem o ofereceu...

Escolha na portentosa Coleção Omega o relógio exatamente adequado a quem você deseja presentear. Mo-

dêlo clássico ou esportivo. Automático ou de corda manual. Todo em ouro 18 k, inclusive com ricas pulseiras de desenho exclusivo. Folheado a ouro ou em aço inoxidável. Todos com aquela famosa precisão que distingue um Omega. E com Certificado de Garantia do Serviço Mundial Omega, válido em 163 países.

**Ω**  
**OMEGA**

Assistência Técnica Omega: São Paulo, Av. Paulista, 352 - 13.º • Rio de Janeiro, Av. Rio Branco, 99 - 7.º • Porto Alegre, Rua dos Andradas, 1629 - 1.º, ou por todas as Concessionárias Autorizadas Omega.

## CARTAS

### SE NÃO ME ENGANO

Sr. Diretor: Gostaria de saber qual a reportagem que vocês pretendiam fazer na revista n.º 12, de 27 de novembro de 1968, pág. 54, em que apresentaram a foto colorida de um estádio, se não me engano o Maracanã, e nada falaram. Obrigado.

Francisco Monteiro / Brasília / DF

*Engana-se sim, Sr. Francisco. É o estádio do São Paulo, o Morumbi. Nós não pretendíamos fazer uma reportagem: a foto é parte do anúncio da Pirelli, como o senhor pode ver na página 55 (o "spallia di sicurezza" é silencioso como estádio depois de jôgo). E não há de quê. Só que o senhor se arriscou a receber duas outras respostas dos nossos humoristas:*

1. *A reportagem não saiu porque — como o senhor deve ter visto na foto — o estádio estava vazio quando chegamos lá.*

2. *Se o senhor adivinhar o que queríamos fazer, ganha um pneu.*

### CAPAS

Sr. Diretor: Li num jornal do Rio de Janeiro que a capa da VEJA n.º 13 (4/12), sobre o Congresso Nacional, é imitação de uma revista francesa de três meses atrás. Creio que deve ser eliminada essa tendência a imitar coisas que vêm de fora. Já no n.º 9 (6/11), a capa com Nixon e Humphrey era uma clara imitação da imagem do Deus Jano que os romanos veneravam há mais de 2 mil anos. A do n.º 11 (20/11), então, está vergonhosa: aquela capa do Marighela para mim não passa de uma reles imitação dos cartazes de "Wanted" que os americanos já faziam no Faroste no século passado.

Benjamim Constant de Oliveira / Niterói / RJ

### JÂNIO

Sr. Diretor: Com referência à reportagem "Quem se lembra de Jânio Quadros?", da VEJA n.º 12 (27/11, pág. 24), gostaria de ser esclarecido em um ponto que me suscitou dúvidas: se, de fato, Jânio Quadros foi um dos últimos a entrarem na lista de cassações, como se explica tenha o mesmo aparecido como um dos três primeiros nomes a encabeçarem logo a primeira lista de cassados?

Adão Fidélis de Almeida / Jardim / MT

*continua na pág. 4*

VEJA

# GERENTE DE VENDAS

A Distribuidora Abril - responsável pela distribuição nacional de publicações como VEJA, REALIDADE, CLAUDIA, QUATRO RODAS, TIO PATINHAS, BOM APETITE e GRANDES COMPOSITORES - procura um executivo de alto nível para dirigir o seu setor de vendas.

Queremos um homem entre 30 e 40 anos, com formação universitária, conhecimentos de marketing e larga experiência na administração e planejamento de vendas em âmbito nacional.

Oferecemos amplas perspectivas de realização profissional num trabalho dinâmico e fascinante dentro da maior empresa distribuidora da América Latina.

Cartas com curriculum vitae, pretensões salariais e foto recente para:

Roberto Frota  
Diretor Gerente  
Distribuidora Abril - Caixa Postal 2372  
São Paulo

# SORRIA:

Quase de graça,  
e muito *prá frente*  
é dar poster  
de presente.  
um mais  
*bacaninha*  
que o outro



**POSTER SHOP**  
CARTAZES DE TODO O MUNDO

R. Augusta, 2360  
Fone: 80-5834  
S.P.

# CARTAS

continuação da pág. 3

Sr. Diretor: Não concordo com a reportagem sobre o Dr. Jânio Quadros. Trata-se, evidentemente, de uma opinião dos senhores, mas não dos 5 milhões de brasileiros que o acompanham. Poucos foram os que o esqueceram ou tentaram desprestigiá-lo, mas estes não pesam na balança... Nem sempre está extinto um vulcão aparentemente calmo!

Nina Zin Rabeno / Pôrto Alegre / RS

## EDUCAÇÃO

Sr. Diretor: Lendo na VEJA de 13/11, pág. 30, "Escola para 7 milhões", achei realmente um espetáculo os planos para a alfabetização deste imenso número de pessoas que atingem a idade adulta sem nem sequer assinar o nome. Queria saber se estes planos serão concretizados ou não, pois, como todos sabemos, muita coisa já foi idealizada para este mesmo fim, sem chegar à realização.

I. Araújo / Recife / PE

Sr. Diretor: Leitora assídua desta revista, peço que divulguem este fato muitíssimo importante: o Hospital São Paulo, que em 1962 atendeu 185 mil doentes e em 1967 atendeu 60 mil, fechou suas portas aos doentes necessitados por falta de verbas do Governo; a Escola Paulista de Medicina, que forma cerca de cem médicos por ano, está fechada! A Escola de Enfermagem, anexa ao hospital, também está com suas atividades paralisadas. Esta situação há quarenta dias perturba não só os 780 alunos da Escola, como os professores e os pais dos alunos, que se encontram em assembléia permanente. Há ameaça de reprovação em massa, isto é, este ano a Escola não contribuirá com a formação de médicos e enfermeiras, além do atraso na carreira de todos nós, a inutilização de um ano de vida. E mais: há cerca de 8 mil alunos inscritos no Cescem (Centro de Seleção de Candidatos às Escolas Médicas) que não contarão com as 120 vagas da Paulista de Medicina, e isto quando se fala em ampliar o número de faculdades e vagas já existentes!

Helenice C. Cabral / São Paulo / SP

## BEATLES

Sr. Diretor: Não me surpreendeu saber que John Lennon e Yoko Ono tivessem posado nus para a capa de um de seus compactos. Surpreendeu-me vê-los estampados numa das páginas desta revista que eu reputo como digna de penetrar em todos os lares brasileiros.

Adib Tabach / São Paulo / SP

Sr. Diretor: Sugiro que fotografe nus masculinos, mas bem viris, bárbaros, coloridos. Mas nada de velhotes ou meninos cabeludos! Será um "arrombo", não?

M. da Silva / Teresópolis / RIO

Sr. Diretor: "Enquanto não se torna descarado não se cria fama", foi o que disse um amigo sobre a reportagem dos Beatles nus. E concordo com ele, pois, se qualquer brasileiro sair pelado e cantando, se a polícia não prende por julgá-lo louco, fará sucesso sem esforço.

Dilair Darós / Vila Velha / ES

## LITERATURA

Sr. Diretor: É pena que muitas reportagens são verdadeiras armadilhas para os homens de amanhã. A imaturidade de muitos leitores exige uma visão mais crítica. Cito, neste caso, o leitor R. da Silveira ("Cartas", VEJA n.º 11). Revela não só ignorância, mas estreiteza de idéias e incapacidade. Seria melhor calar-se. Quando falo de visão crítica, refiro-me a "É a explosão erótica nas livrarias". Um adolescente que lê este artigo confirma e justifica seu impulso de procurar novas sensações e abusar de tudo. Os autores dos livros citados são homens frustrados, como aqueles que devoram sua "literatura", todos procurando uma sublimação para seus recalques.

João Sossai / Vitória / ES

## O JUIZ

Sr. Diretor: Atribuiu esta conceituada revista à minha pessoa, no seu número de 4 do corrente, pág. 21, na reportagem intitulada "Todos protestam por mais dinheiro", logo em seguida ao subtítulo "Todos reclamam", a autoria de conceitos e expressões que jamais disse ou pensei. Tal procedimento constituiu rude e injusto golpe na luta que faz cinco anos estou travando pela união e dignificação da Magistratura Trabalhista, por melhores instalações, pela construção de juntas e residências para juizes, por direitos inscritos numa lei orgânica definidora de direitos e obrigações até agora incompletamente anunciados e esparsos em inúmeras regulamentações. Essa minha campanha sempre almejou também uma estreita e digna colaboração com os poderes Executivo e Legislativo, sem prescindir de igual reciprocidade. Jamais a minha preocupação se concentrou no problema dos vencimentos, pois a respeito sempre procurei seguir a lição do eminente e pranteado Desembargador Edgard de Moura Bittencourt, que, no seu livro "O Juiz", dizia que "a solução da chamada crise da Magistratura" não envolveu apenas o "reexame da remuneração dos juizes" (pág. 154). Repito, com o eminente magistrado, uma "verdade sabida e quase

sempre desprezada" — "O que o Estado faz pela Magistratura não entra na categoria de gastos, mas de investimentos" (obra e autor citados, pág. 143). Esta minha posição está resumida nos provimentos 3/68 e 4/68 que baixei em 31-10-68 e que foram publicados no "Diário de Justiça do Estado de São Paulo", edição de 15-11-68, págs. 55/56, e no "Diário de Mogi das Cruzes", edição de 12-11-68, pág. 4. Lamento que esta revista, tendo em mãos o citado "Diário de Mogi", haja interpretado precipitadamente, embora com a melhor das intenções, o meu pronunciamento, o qual procurei tornar digno e elevado, empregando-lhe um significado simplesmente argentário.

José André Beretta / Juiz do Trabalho / São Paulo / SP

*O "Diário de Mogi" apenas publicou dois provimentos do juiz do Trabalho, presidente da Junta daquela cidade, José André Beretta, focalizando o problema da constitucionalidade ou não da lei que criou o Fundo de Garantia e enfatizando o "desrespeitoso tratamento" que o Poder Executivo vinha dispensando à Magistratura trabalhista, notadamente no que se referia a vencimentos, sem falar em porcentagens de aumento. Aquêlê juiz esclarecia que a partir de então passaria a trabalhar sob protesto.*

## ZÉ FIDÉLIS

Sr. Diretor: Leitor assíduo que sou de VEJA, deparei em seu número de 4-12, pág. 13, com a "Carta do Editor", com a qual não posso concordar. Trata-se da apresentação de Millôr Fernandes, afirmando que o mesmo fez em "O Cruzeiro", semanalmente, durante dezoito anos, a seção humorística mais duradoura de todo o jornalismo internacional, ou seja, o "Pif-Paf". Permita-me contradizê-lo nesta afirmativa, pois a seção humorística mais duradoura do jornalismo internacional foi a minha: "O Sarravulho", página lusitana do maior semanário humorístico até hoje editado no Brasil, o popularíssimo "O Governador", com 100 mil exemplares semanais. Essa minha seção, que ainda hoje é lembrada com saudade, apareceu pela primeira vez em princípios de novembro de 1934 e foi publicada ininterruptamente até fins de janeiro de 1959, quando "O Governador" encerrou suas atividades. Vinte e cinco anos, portanto, o que me dá uma vantagem de sete anos sobre a seção do Vão Gôgo. Sou fã incondicional do Millôr e estou apenas reivindicando um direito que é todo meu e do qual posso apresentar provas irrefutáveis.

Zé Fidélis / São Paulo / SP

*Cartas para: Diretor de Redação, VEJA, Caixa Postal 2372, São Paulo, Capital.*



## ACQUA DI SELVA VICTOR

Nell'amaro e fresco profumo dell'acqua di selva Victor una nota moderna e virile che diffonde attorno a voi un'atmosfera di simpatia e di raffinato buon gusto



**VICTOR**  **la linea maschile**

São Paulo: Greenwood, Rua Cardoso de Almeida, 163 - Fone: 62-4483 • Rio: Cerrone, Fone: 46-1938 • B. Horizonte: Sanches, Fone: 24-4416 • P. Alegre: Cyrino, Fone: 4-7641  
Recife: Zirpoli, Fone: 4-1282 • Brasília: Pintos, Fone: 3-3361 • Salvador: Macdonald, Fone: 5-2009

# SUPERMERCADO

Tão americanófilo, tão americanófilo, que jamais dizia outrossim.  
Dizia sempre outroyes.

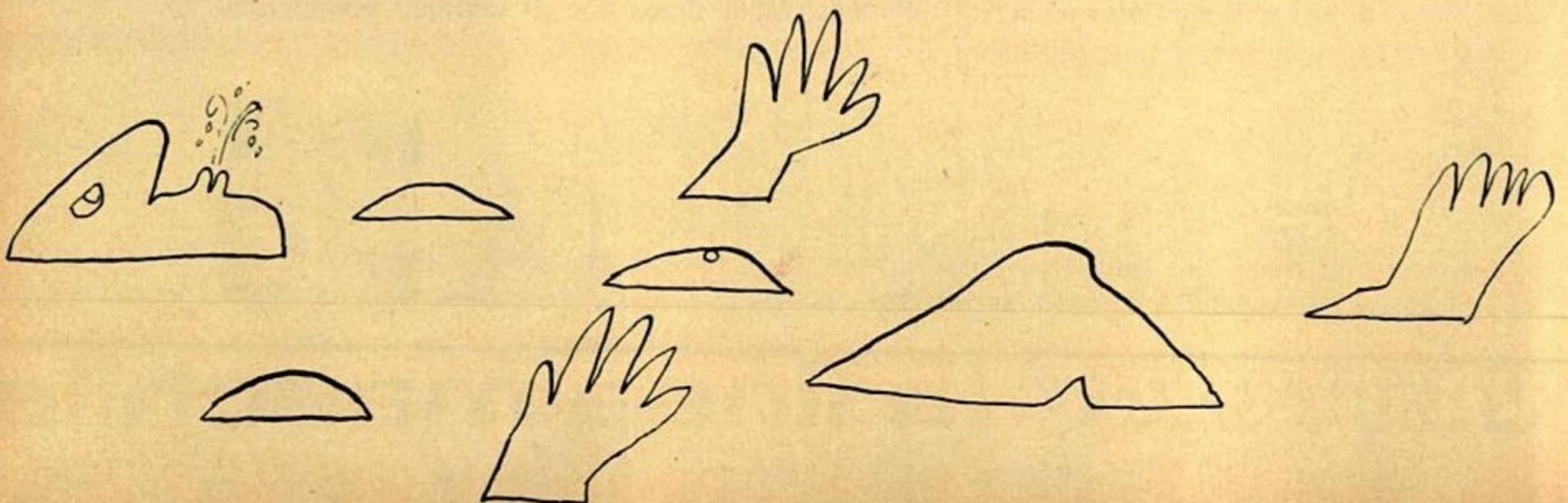
## E ISSO É ISSO

Pois a semana foi de dissidências, o mar todo onipotências, as potências cada vez mais reticências, enquanto o fim dêste ano indica (não confundir com oceano Índico) que o sessenta e nove chega. (1) Os cientistas concluíram que a lua não é a lua mas a anti-lua, ou seja, apenas um buraco no céu, iluminado pela luz do outro lado, vejo algumas reproduções do mural de Siqueiros, no México, e fico bêsta com a alta qualidade da pintura, mas depois reflito: "A gente só não pinta assim porque também, que diabo, as nossas revoluções não animam", madame Thi Binh, líder vietcong na Conferência de Paris, tem uma cara bonita à beça e os americanos lançam no mercado (super) uma torradeira que imprime BOM DIA na torrada. (2) No mais tudo são vicissitudes e excêntricidades, a Guanabara prepara sua polícia científica (3) o que significa que vamos ser assaltados pelo radar e torturados pela química inorgânica, o Governo parece mesmo que resolveu incrementar a integração de todo o território nacional (começando por urbanizar (4)

a Barra da Tijuca), tudo que sei da vida é tudo que já foi dito, a ONU estuda os efeitos da poluição (5) e vai lutar para que o "o Homem (6) não contamine e saqueie os recursos naturais" e afirmam que a Rainha gritou irritada, num dia de trabalho intenso: "Tudo é comigo, tudo é comigo! Vocês pensam que eu sou a única Rainha dêste país?" (O leitor me seguiu até aqui? Então, por favor, não me perca de vista que eu vou saltar de parágrafo.) O desconto do Imposto de Renda vai ter um teto tão baixo que é mais chão do que teto, o Instituto Paulista (De Direitos Humanos) e a ONU comemoraram os ditos direitos (Humanos) tentando naturalmente equipará-los aos dos macacos, só sei da vida que ela não acontece a ninguém morto, em Nova York James Lee Byars lança a **roupa coletiva** (plural **dress**) apresentada pelo psicólogo cuca-fundida inglês Alexander Weatherston: "Tôda roupa deve ser prática e divertida, melhorando o nível social sem deixar de ser confortável, folgada mas íntima, única mas atendendo

às exigências temporárias das idéias do Grupo Social e às necessidades psicológicas e psicosssexuais de quem usa" (7). antigamente todos os caminhos davam em Roma, hoje tôdas as rotas aéreas podem acabar em Cuba, dizem que o Marcelo Caetano é o Salazar do século XX, um amigo nosso, cansado de pesquisas de IBOPE, IBGE, MARPLAN, FUNDAÇÃO GV, etcetera, resolveu fazer uma pesquisa por conta própria e perguntou a 1 000 pessoas se elas eram contra ou a favor, descobriu que no Brasil 70% das pessoas são contra, 17% a favor e o resto sem opinião, e o Papa, perturbado pela crescente agitação dentro da Igreja, ameaça abandonar o Vaticano, deixando de paparicar.  
MILLOR FERNANDES

1) Para muitos não chega. Gente insatisfeita! 2) Tá bem, americano. 3) "Tutuuto xi-xi-xi-eeennn-ti-fiico", como dizia o Vitorio Gassman. 4) Também, com a Marisa Urban morando lá, até eu urbanizo aquilo. 5) E nós que ainda estamos estudando a poluição! 6) Deixem com o Dops que êle enquadra logo êsse homem. 7) O que é muita filosofia prum pedaço de pano com alguns buracos nos quais quatro pessoas enfiam as cabeças e saem andando juntas, mas o que seria dos pedaços de pano com quatro buracos sem os grandes teóricos do mundo? Déem êsse pano aos irmãos Campos e vejam como êles traçam o subject.



# MILLOR

ANO 1 Nº 3

marketing is  
**LOVE**



*E como dizia o guarda de trânsito, contando sua aventura sentimental: "Pois é, só quando o marido entrou foi que eu percebi que estava na fila dupla do amor".*

## ALFABETERIA E TERMINOLOGIA DO SUPERMERCADO OU

### ENSINANDO MEU FILHO A SER UM SUPERCONSUMIDOR

**A** meu amor, é de **Aproveite** (a oportunidade sem igual).

**B** é de **Big** (mais que grande) grande em inglês, universal.

**C** é de **Compre** e de **Completo** (com algo mais que o outro não tem) ou **Crediário** que só se paga ano-que-vem.

**D** é **Delícia**, **Desconto** e **Diferente**.

**E** faz a palavra mestra: **EXTRA**. Extra, Extra-fino e Extra-Extra.

**F** é de **Família** (tamanho), **Formidável**, **Fixo** e **Facilitário**.

**G** é de **Gigante** (maior que Big e o mesmo que Família) ou **Garantido** ou **Grátis**. (Aqui não há debates.)

**H** é de **Homogeneizado**, e

**I** é de **Importado** (prestígio nunca contestado!)

**J** é de **Jovem** (vende tudo, sobretudo aos velhos).

**K** não é mais alfabético mas ainda muito dietético: **Ki-Bon**, **Ki-Koisa** e **Ki-Ka-Ké-Ti-Ko**.

**L** é de **Lar**, **Limpeza**, **Lucro** e **Lançamento**: a Calma, o Ar, o Ganho e o Momento.

**M** é **Mamute** (mais que o Grande, o Big, e o Família reunidos).

**N** é de **Nôvo** (que faz, dos outros, uns carcomidos) e é, também, **Natal** mês de **Vendas sem Rival**.

**O** é de **Oferta** (anormal) ou de produto (**Original**).

**P** é de **Preço** (excepcional) e **Plano de Vendas** genial.

**Q** é de **Queima** (geral) ou **Qualidade** (especial).

**R** serve a **Remarcação** (que é sub-queima).

**S** é **Sabor** (tropical?) **Serviço** ("Legal"?) **Sanforizado**, **Supremo**, **Sem similar** e... **SUPER!**

**T** é de **Tudo** (para evitar que você vá a outro lugar).

**U** é de **Único**.

**V** é de **Vantagem** ("É isso mesmo: não é miragem!")

**W** por favor, não risque, ainda serve ao **Whisky**.

**X** é de **XPTO** (sigla que já vendia no tempo da vovó). E finalmente

**Z** é de **Zigundo**, você, meu filho, que um dia já então conhecedor profundo irá, em **Zigue-Zague**, pelos corredores internacionais do Supermercado comprando tudo, qualquer coisa, e todo mundo.

## BÔLSA DE VALÔRES

O preço da badalação  
é a eterna solidão



E pode não ser verdade, mas dizem que o Imperador chamou o cara e disse: "Olha aqui, eu vou lhe dar o cargo de Donatário por causa dos nossos inúmeros amigos comuns, mas uma coisa você tem que me prometer: não vai roubar no cargo". E foi aí que o cara respondeu: "Olha, Imperador, eu fico muito agradecido, mas ou eu tenho carta branca, ou não aceito".

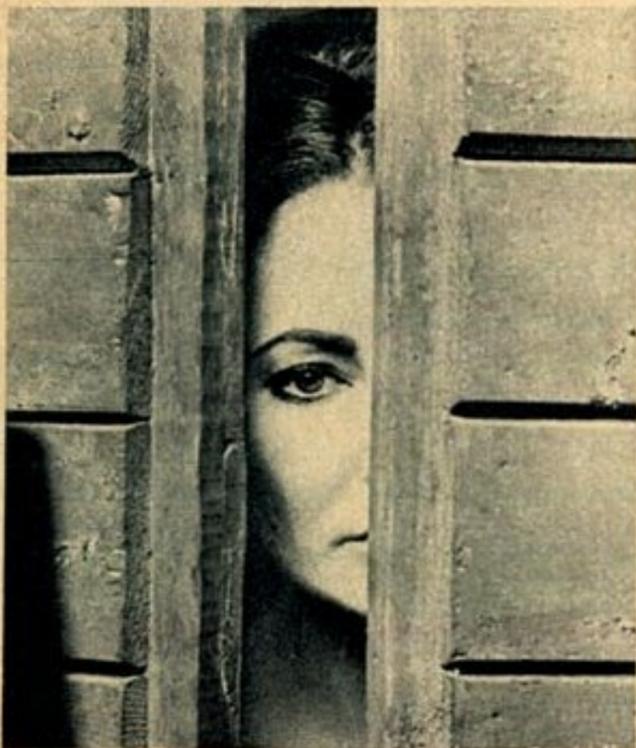
Nossas pequenas lições de  
**MORAL &  
CÍVICA**

Beber é mal,  
mas é muito bom

O Parlamento sueco vai legalizar o casamento entre irmãos.  
Enfim vamos ter um pouco mais de liberdade na fraternidade.

# CINEMA

Filmes Recomendados



Para bom domador meia megera basta

## Belo Horizonte

### A MEGERA DOMADA / Acaiaca

Inglês, em cores, de Franco Zeffirelli. Um cavaleiro pobre de Verona (Richard Burton) propõe domesticar a rica e rebelde Catarina (Elizabeth Taylor). Todos os ingredientes do original de William Shakespeare comparecem. E a obra é acrescida da inteligência do diretor — especializado em Shakespeare. Resultado: uma grande comédia. Estréia quarta, 18.

### CONFLITO DE DUAS ALMAS / Auditório do Banco da Lavoura

Americano, de Rouben Mamoulian, baseado na peça de Clifford Odets. Uma descobridora de talentos (Barbara Stanwyck) às voltas com um violinista (William Holden) e seu pai (Lee J. Cobb). A opção é entre o violino e as luvas de boxador. Primeiro papel de William Holden. Um dos principais representantes da fase clássica do cinema americano, Mamoulian dirigiu Greta Garbo em "Rainha Cristina".

## Brasília

### ALPHAVILLE / Cultura

Francês, de Jean-Luc Godard. O agente Lemmy Caution (Eddie Constantine) é encarregado de ir a Alphaville, cidade dominada pelo computador Alpha. Sua missão é destruir o computador. Na cidade, Ana Karina mal consegue fugir ao torpor, à insensibilidade e à padronização que Alpha impõe. Um Godard dos mais preocupados em cantar o amor antes que o amor acabe. Segunda, 16, e terça, 17.

## Curitiba

### BRASIL VERDADE

Brasileiro, episódico. "Memórias do Cangaço", de Paulo Gil Soares, reconstrói os movimentos do cangaço entre 1935 e 39 e acrescenta depoimentos. "Nossa Escola de Samba", de Manuel Horácio Gimenez, é a história de uma escola de samba, a Unidos

de Vila Isabel. "Os Subterrâneos do Futebol", de Maurice Capovilla, focaliza o jogador de futebol fora do gramado e conclui com uma frase de Pelé ("O jogador é um escravo"). "Viramundo", de Geraldo Sarno, trata da migração nordestina com música de Caetano Veloso e Capinam cantada por Gilberto Gil. Premiada em vários países.

### GAROTA DE IPANEMA / Excelsior

Brasileiro, em cores, de Leon Hirszman. "Um filme que é uma canção", diz a propaganda. "O filme mais caro já feito no Brasil", dizem os produtores. Márcia Rodrigues desfila seu biquíni numa fossa sem medida: apaixonou-se por um homem casado. Seu pai é João Saldanha, o comentarista de futebol. Seu tio é o cronista Rubem Braga. E assim desfilam todos os vips da Zona Sul carioca ao som de Ronnie Von, Chico Buarque, Nara Leão e até Vinícius de Moraes, o pai (com Tom Jobim) da música-título e inspiração.

## Pôrto Alegre

### O HOMEM NU / Marabá

Brasileiro, de Roberto Santos. Uma crônica muito engraçada de Fernando Sabino é o ponto de partida para um filme menos cômico que meditativo. Desde o momento em que o circunspecto (mas não tanto) folclorista vê-se nu nas ruas e favelas do Rio, a reação das pessoas muda totalmente. O drama do homem nu (Paulo José) é o do marginal. No elenco, Leila Diniz, Esmeralda Barros e Walter Forster.

### TALVEZ SEJA MELHOR ASSIM / Continente

Americano, em cores, de Raoul Levy. Montgomery Clift como um cientista americano em viagem pela Alemanha Oriental é induzido pela CIA a auxiliar um alemão em fuga para o Ocidente. Último filme de Levy, o produtor dos primeiros filmes de Brigitte Bardot. Também o último filme de Clift, que morreu num acidente em 1966. Levy suicidou-se alguns dias depois.

## Recife

### O BANDIDO DA LUZ VERMELHA / Art-Palácio

Brasileiro, de Rogério Sganzerla. O diretor chama seu filme de "um faroeste do terceiro mundo" e não tem a mínima preocupação de fazer um filme "bem feito" ou de bom gosto. A trajetória de um marginal leva o espectador do sorriso à irritação, do tédio à emoção, do desprezo à admiração. Helena Ignês interpreta uma prostituta da bôca-do-lixo, onde foi filmado grande parte do filme. Paulo Villaça faz o bandido.

### ESSE MUNDO É DOS LOUCOS / Coliseu

Francês, em cores, de Philippe de Broca. Alan Bates chega a uma cidade muito estranha. Em tempo de guerra, todos abandonaram suas casas e os loucos do hospício vivem uma boa vida. No final, a conclusão de Broca é a de que, em meio à guerra, a razão está com os loucos. No hospício estão Jean Claude Brialy, Micheline Presle, Geneviève Bujold (Coquelicot) e Pierre Brasseur.

## Rio

### COM 007 SÓ SE VIVE DUAS VÊZES / Capri e Comodoro

Inglês, em cores, de Lewis Gilbert. Coisas novas e velhas misturam-se nesta quinta aventura de James Bond. O diretor é novo,

o cenário — Japão — também, mas a missão — impedir a deflagração da terceira guerra mundial — não chega a ser novidade. De velho continuam James Bond e o final feliz: fantasiado de pescador japonês, amando Akiko Wakabayashi, Sean Connery destrói um foguete dentro de um vulcão japonês.

### VIAGEM AO FIM DO MUNDO / Capitólio, Riviera

Brasileiro, de Fernando Coni Campos. Inspirado em dois capítulos ("O Delírio" e "O Senão do Livro"), de "Memórias Póstumas de Brás Cubas", de Machado de Assis, Fernando Campos faz seu segundo longa-metragem (o primeiro, de 1963, é "Morte em Três Tempos"). Passageiros de um avião aguardam o embarque. Começa a viagem. Cada um medita alguma coisa e o diretor joga com todos os recursos cinematográficos possíveis para mostrar o que pensam Annik Malvil, Talula Campos, Jofre Soares, Karin Rodrigues, além de outros.

## Salvador

### AS CONFUSÕES DO GORDO E O MAGRO / Tamoio

Produção americana, de Robert Yuongson, reunindo trechos de comédias de Stan Laurel (o Magro) e Oliver Hardy (o Gordo). O Gordo num trecho de Billy West, quando a dupla ainda não estava formada; com o Magro, em "The Second Hundred Years"; os dois ex-prisioneiros que visitam um diplomata numa luxuosa recepção; ou envolvidos com o sobrenatural em "Habeas Corpus"; ou então como um milionário (o Gordo) e seu desastrado mordomo (o Magro), fazem rir tanto quanto na década de 20. Astros e estrelas de um passado já distante, como Jean Harlow ("a namorada da América", "a rainha sexy"), Charlie Chase e outros, desfilam. Esta obra de Robert Yuongson mereceu ser premiada com dois "Oscars" pela Academia de Artes Cinematográficas de Hollywood.

## São Paulo

### JOGOS DA NOITE / Metrópole

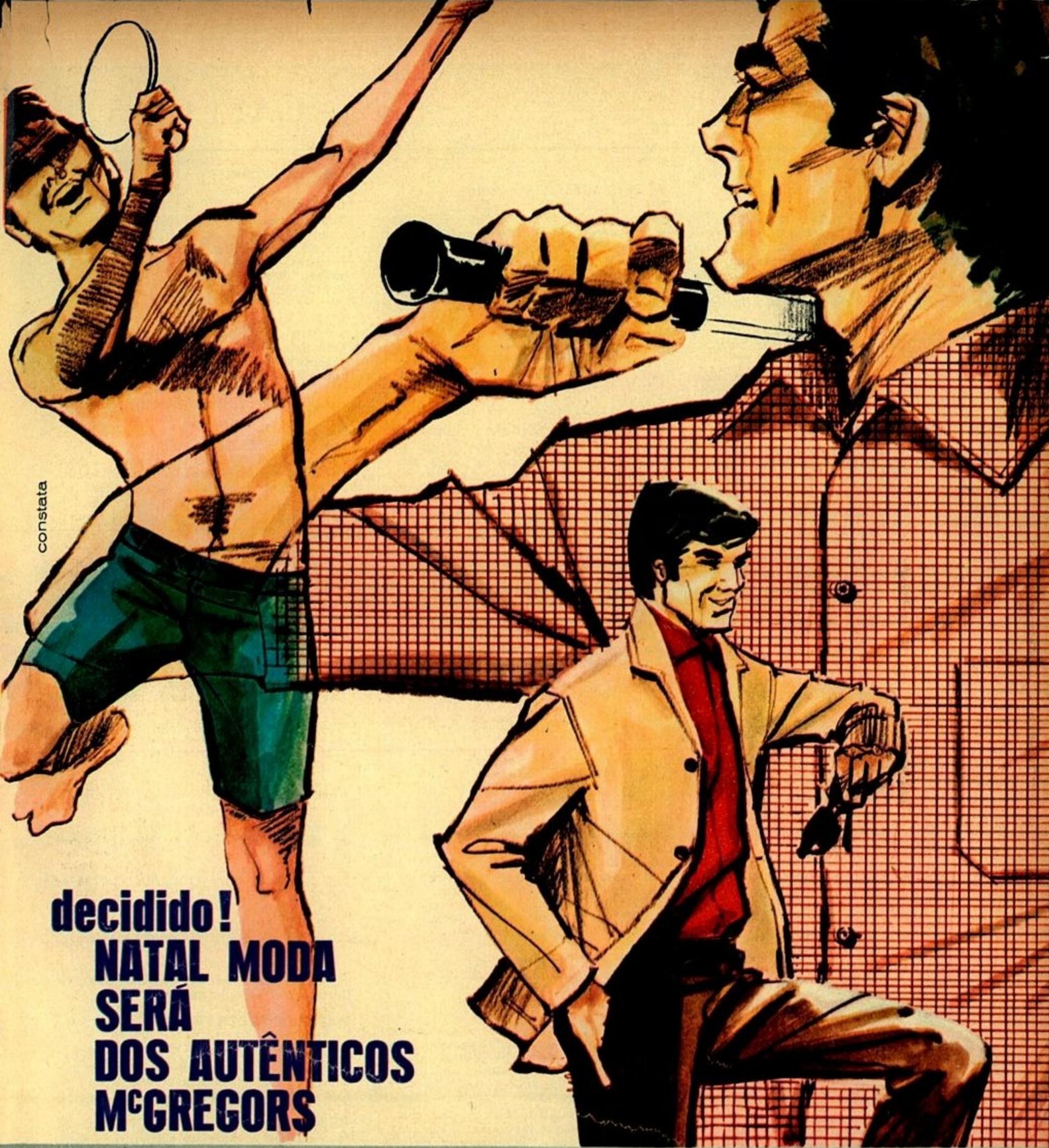
Sueco, de Mai Zetterling. Num estilo que os críticos europeus descrevem como "barroco e surrealista", a ex-atriz de melodramas em Hollywood, Mai Zetterling — agora diretora — mostra as estranhas aventuras sensuais de um grupo liderado por Ingrid Thulin. Com Keve Hjelm, Lena Brundin e Jorge Lindstrom. Estréia segunda, 16.

### BARBARELLA / Ipiranga

Franco-italiano (falado em inglês), em cores, de Roger Vadim, adaptado das histórias de Jean-Claude Forrest. Jane Fonda é Barbarella, astronauta do futuro. Visita um planeta dominado pelo Mal, envolvendo-se em aventuras tipo Flash Gordon. Faz um sensacional strip-tease, flutuando no espaço, e ainda liquida a máquina do amor letal. Com David Hemmings, Ugo Tognazzi e outros.

### PRIVILÉGIO / Bijou

Inglês, em cores, de Peter Watkins. Roupas, tipos, personagens, intérpretes, diretor, argumento, tudo neste filme está bem na moda. O cantor Steve Shorter (Paul Jones) é manipulado pelas instituições de direita para estimular a alienação e massificação do público. Sua retratista, Jean Shrimpton, é igualmente uma figura da moda. Ex-modêlo, começa sua carreira no cinema ajudada pelo diretor consagrado por "The War Game", ainda inédito no Brasil.



constata

**decidido!  
NATAL MODA  
SERÁ  
DOS AUTÊNTICOS  
MCGREGORS**

Os McGregors brasileiros, licenciados da McGregor Doniger Inc dos E. U. A., criaram para V. a COLEÇÃO NATAL MODA, vibrante, colorida, super moderna, prá frente, bem a vontade... em todos os detalhes.

**MCGREGOR**

A ROUPA ESPORTIVA MAIS FAMOSA DO MUNDO

**Porisso...**

**ADORO  
OS  
MCGREGORS**



R. 7 de Abril 261- 2.º conj. 208- Tels. 33-2514 e 37-4974

# TEATRO

## Belo Horizonte

### A MANDRÁGORA / Marília

De Niccolò Maquiavel (1469-1527). O teórico da conquista e da detenção do poder político aplica sua "ciência" à conquista e posse da mulher. Na bossa da conquista tem lugar especial uma erva, a mandrágora, que cura a esterilidade. Direção de Paulo César Bicalho. De terça a domingo, às 21h. Tel. 24-3021.

### DOIS PERDIDOS NUMA NOITE SUJA / Imprensa Oficial

De Plínio Marcos. Os dois perdidos são marginais que acabam matando e roubando para não morrer. A noite suja é a sociedade. Com Paulo Graça e Roberto Pirilo. Até quarta, 18, às 21h. Tel. 22-2256.

### LIDERATO, O RATO QUE ERA LÍDER / Imprensa Oficial

De André de Carvalho e Gilberto Mansur. Peça infanto-juvenil, baseada num conto de Monteiro Lobato. Em Ratolândia, o eleitorado se divide entre Liderato, o líder dos ratinhos, e Ratildo, que promete trabalhar pela comunidade. As ratas, Ratinha, Ana e Operária, enfeitam a estória. Música de Aécio Flávio. Direção de Helvécio Ferreira. Sábado, às 16h, e domingo, às 10h. Sócios de clubes de futebol e operários sindicalizados pagam meia. Tel. 22-2256.

## Fortaleza

**O BURGUEZ FIDALGO / José de Alencar**  
De Molière. No século XVII, Molière contava como um burguez quer passar por fidalgo mas só consegue o ridículo. Em 1968, Sérgio Pôrto traduziu e adotou a gíria corrente para atualizar o texto. O resultado é o que Paulo Autran e sua companhia estão apresentando em várias capitais. Em Fortaleza, até sexta, 20, às 21h.

## Pôrto Alegre

### OS FUZIS DA SENHORA CARRAR / Arena

De Bertolt Brecht (alemão, 1898-1956). Entre 1936 e 1939, a Espanha dividida em Guerra Civil: povo, Igreja, falangistas, comunistas, republicanos. Dona Teresa Carrar chora a morte do marido e do filho e recusa-se a entregar seus fuzis e o filho que lhe resta. Fábula sobre a responsabilidade do indivíduo na sociedade. Direção de Wagner de Melo. Diariamente, às 21h, menos segunda.

## Recife

### A PANELA DE OURO / Associação de Imprensa de Pernambuco

Comédia de Plauto (254-184 a.C.), traduzida por Ariano Suassuna. A panela guarda as economias de um velho preocupado com a possibilidade de o sogro passar-lhe o golpe do baú. Milton Baccarelli dirige uma versão modernizada. Somente sábados e domingos, às 21h. Avenida Dantas Barreto, 576, 13.º andar.

## Rio

### LINHAS CRUZADAS / Copacabana

Comédia do inglês Alan Ayckbourn. Tradu-

ção e direção de João Bethancourt. Glória Menezes, Tarcísio Meira, Paulo Gracindo e Lara Côrtes no elenco; muita fofoca no texto, muitas mulheres na platéia só para ver Tarcísio Meira. De terça a sexta, às 21h. Sábados e domingos, às 17h e 21h30. Avenida Nossa Senhora de Copacabana. Tel. 57-1818.

### OS PAIS ABSTRATOS / Serrador

De Pedro Bloch. Uma crítica aos pais modernos e a seus filhos. Teatro realista, onde só é abstrato o título. De terça a domingo, às 21h30. Rua Senador Dantas, centro. Tel. 32-8531.

### MINHA DOCE SUBVERSIVA / de Bólso

Comédia de Aurimar Rocha, com o próprio e Maria Lucia Dahl, Renato Sérgio e Sônia Maria no elenco. Um jovem — vestido de escafandrista — é perseguido por muitas môças em situações suspeitas. De terça a sexta, às 21h30. Sábados e domingos, às 18 e 21h. Avenida Ataúlfo de Paiva. Tel. 27-3122.

### VIÓVA, PORÉM HONESTA / Sérgio Pôrto

De Nelson Rodrigues, uma antiga farsa transformada em "happening" pelo diretor Álvaro Guimarães: cada coisa na sua época. Brigitte Blair, Teresa Barroso e Carlos Prieto no elenco. De terça a domingo, às 21h30. Rua Miguel Lemos. Tel. 37-6343.

## Salvador

### FARSA DO ADVOGADO PATELIN / Vila Velha

Peça medieval de autor desconhecido. Sátira à advocacia. Um pastor procura um advogado para defendê-lo da acusação de roubo de ovelhas. O estrategema do advogado é fazer o pastor passar por débil mental. A causa é ganha: quem perde com isso é o pastor. Montagem do Teatro de Máscaras da Bahia, direção de Sóstrates Gentil. De sexta, 20, a 25 de dezembro, às 21h30.

## São Paulo

### GALILEU GALILEI / Oficina

De Bertolt Brecht (alemão, 1898-1956). Ter a coragem de afirmar que a Terra gira em torno do Sol custou muitos sofrimentos a Galileu, mas inspirou Brecht, numa de suas melhores peças. Direção de José Celso Martinez Corrêa, com Cláudio Correia e Castro interpretando o papel título. Diariamente, às 16 e 21h, menos segunda. Rua Jaceguai, 520. Tel. 32-3039.

### MACBIRD / Ruth Escobar

Sátira da americana Barbara Garson (26 anos). O casal Lady Bird—Lyndon Johnson é acusado do assassinio do Presidente Kennedy pela autora, que satiriza o povo de seu país e sua política, repetindo e parafraçando situações e trechos de Shakespeare. Direção de Augusto Boal. No elenco, Renato Consorte, Ety Fraser e outros. Rua dos Ingêleses. Diariamente, às 21h. Tel. 35-8843.

### NOITES BRANCAS / Itália

De Feodor Dostoiévski (russo, 1821-1881). Adaptação de Edgar Gurgel Aranha. Direção de Osmar Rodrigues Cruz. O coração de Yara Amaral (que substitui Débora Duarte) entre dois pretendentes: um bom e tímido, o outro inescrupuloso e oportunista. O conto de Dostoiévski foi adaptado para o cinema, num filme do mesmo nome, dirigido pelo italiano Luchino Visconti, com Marcelo Mastroianni e Maria Schell. Até o fim do ano. De quarta a sexta, às 21h. Sábados, às 20 e 22h. Domingos, às 18h30 e 21h. Avenida São Luís, 50 — subsolo. Tel. 32-3139.

# GALERIAS

## Belo Horizonte

### III FEIRA DE ARTE / Guignard

Coletiva com obras de mais de cinquenta artistas: Marlene Trindade, Aluizio Carvão, Guima, Heider Silva, Inimá, Lourdes Cedran e outros. Ao lado do acervo, desenhos do italiano Massimo Signorini, premiado no I Salão de Arte de Sabará.

### XXIII SALÃO DE BELAS-ARTES / Museu de Arte da Pampulha

Mais de trezentos quadros, incluindo os premiados: Maria Bonomi (gravadora, prêmio especial), Yutaka Toyota (prêmio de pesquisa), Eduardo de Paula (pintura), Dileny Campos (escultura), José Ronaldo Lima (desenho) e José Lima (gravura).

### ORLANDO TERUZ / Itatiaia

Pintor carioca. Técnica flamenga, com cores sombrias. Teruz já expôs em vários países da Europa e da América do Sul. Inaugura quarta, 18. Horário comercial. Rua da Bahia.

## Curitiba

### XXV SALÃO PARANAENSE / Biblioteca Pública

Cento e noventa artistas plásticos, com um total de quinhentas obras. Os premiados (primeiros lugares): Antônio Henrique Amaral (pintura), Lafaiete (escultura), Yutaka Toyota (desenho), Newton Cavalcanti (gravura). Em salas especiais, pintura do paranaense Alfredo Andersen e gravuras de Lasar Segall. De segunda a sábado, até 30. Das 9 às 21h.

## Pôrto Alegre

### REGINA SILVEIRA E BELA ALTHOFF / Instituto dos Arquitetos do Brasil

Artistas gaúchas. Lâminas de plástico, metal, espelhos, lâmpadas vermelhas e tubos plásticos combinados para estabelecer um novo tipo de relacionamento arte-espectador. Rua Professor Annes Dias, 166. Das 16 às 22h.

### BAZ-ART / Moz-art

Gravuras, desenhos, artesanato de couro, pintura, cerâmica, cartões e arranjos de Natal. Promoção dos alunos do 3.º e 4.º ano da Escola de Artes da UFRGS. Shopping Center, loja 10. Diariamente, até 22h.

### MARLENE FUSER / Centro Livre de Cultura

Desenhos da nordestina radicada no Rio Grande do Sul. Simbolismo carregado de metamorfoses kafkianas. Em horário comercial. Rua Marechal Floriano, 285.

### GRAVURAS DA POLÔNIA / Museu de Arte do Rio Grande do Sul

Seleção de trabalhos dos melhores gravadores poloneses. Promoção da Embaixada da República Popular da Polônia. De terça, 17, até fim de dezembro. Diariamente, em horário comercial.

## Recife

### COLETIVA PARA NATAL / Ranulfo

continua na pág. 12



HUMM  
QUE NATAL  
GOSTOSO!



**É GOSTOSO PRESENTEAR COM  
CHOCOLATES NESTLÉ!**

CHOCOLATES  
**NESTLÉ**

Fabricados com o melhor  
cacau brasileiro, sob fórmula  
original suíça.

*sempre um bom presente!*

AE-RV-1/68

# GALERIAS

continuação da pág. 10

Desenhos, guaches, óleos, gravuras, tapeçarias e cerâmicas de Antônio Bandeira, Émeric Marcier, Ismael Nery, Pancetti, Guignard, Portinari, Grassman, Djanira, Manabu Mabe, Aldemir Martins, Scliar, Raimundo Oliveira, Genaro e outros. Praça Machado de Assis, 63.

**ARTESANATO DE COURO / Oficina 154**  
José Tavares, Sílvia Pontual, Gilberto Dantas e Paulo Neves com 3 mil peças de couro cru, queimado, pintado e gravado. Preços entre 5 e 35 cruzeiros novos. Olinda.

**AGNES STRAUSS / Empetur**  
Óleos e experiências com pedra e cal. Austríaca, já expôs na França, Alemanha e Estados Unidos. No subsolo, Lojinha da Empetur, trabalhos de doentes mentais da clínica do Dr. Ladislau Pôrto. Avenida Conde da Boa Vista, 785. Das 9 às 21h.

**COLETIVA / Atelier 46 do Amparo**  
Mirella, Jobson, Sílvia Pontual, Olímpio Ronald e Adão Pinheiro com pinturas a óleo Olinda.

## Rio

**FARNESE E ANA LETYCIA / Piccola**  
Dois artistas que representaram o Brasil na última Bienal de Veneza. Gravuras de Ana Letycia e desenhos de Farnese de Andrade. Até fim de dezembro. Avenida Nossa Senhora de Copacabana, 919, sala 201.

**CARLOS SCLiar / Relêvo**  
Nova fase do gaúcho radicado no Rio, 48 anos. Pintura, colagens e relevos. Até início de janeiro. Avenida Nossa Senhora de Copacabana, 252. Diariamente, até 22h, menos domingo.

**NELSON LEIRNER E MARCELO NIETZSCHE / Man**  
Artistas paulistas, Leirner apresenta "Love Life of a Gorila" e Nietzsche, "Bôlha". Arte de vanguarda, muito bem humorada. Até 19h. Dias de semana, das 12 às 19h. Domingo, das 14 às 19h.

**FUNDAÇÃO RAIMUNDO CASTRO MAIA / Alto da Boa Vista**  
Peças e objetos de arte: vasos, estátuas, cerâmicas, painéis de azulejos portugueses, aquarelas de Debret, uma série "Dom Quixote", de Portinari, e outras obras. Até janeiro. Terças a sábados, das 14 às 18h. Domingos, das 11 às 18h. Estrada do Açude, 754.

**FRANK SCHAEFFER / Livraria Agir**  
Pinturas do mineiro que estudou em Paris com Léger e Lhote, participou de todas as bienais paulistas, com exceção da quarta. Pintura lírica com motivos marítimos. Horário comercial. Rua México, 98-B.

**DIRCE / Bonino**  
Pintura primitiva apresentada por Flávio de Carvalho. Até o fim do mês. Rua Barata Ribeiro, 576.

**IMAGEM DO RIO GRANDE / Leme Palace Hotel**  
Coletiva de artistas plásticos gaúchos e de escritores, patrocinada pela "Revista Cultura Contemporânea", de Pôrto Alegre. Xico Stockinger, Zorávia Bettiol, Joyce Tenius e Marlene Fuser entre os expositores.

## Salvador

**II BIENAL NACIONAL DE ARTES PLÁSTICAS DE SALVADOR / Convento da Lapa**  
Pintura, escultura, objetos, gravura e desenho: 806 obras de 241 artistas de todo o Brasil. Salas especiais de Artesanato e Arte Popular, Arquitetura Moderna, Fotografia. Salas para os artistas convidados: Ana Letycia, Roberto Magalhães, João Câmara, Gilvan Samico, Nelson Leirner, Carlos Scliar, Fernando Jackson e uma homenagem póstuma a Antônio Bandeira. Inaugura sexta, 20. Até 28 de fevereiro.

**IVAN LOPES / Panorama**  
Baiano, 34 anos, em segunda individual. Óleos impressionistas: casarios, igrejas e interiores. Pintor-restaurador do Museu de Arte Sacra, participou do 5.º e 6.º Salão Baiano de Belas-Artes. Avenida Leovigildo Filgueiras, 24. De segunda a sábado, das 9 às 12h e das 14 às 22h. Domingos e feriados, das 18 às 22h. Inaugura quinta, 19.

## São Paulo

**FREDERIKA GEELMUYDEN / Escola Panamericana de Arte**  
Artista norueguesa radcada no Brasil. Autora de um calendário de uma conhecida fábrica de caminhões. Até dia 27. Rua Minas Gerais, 58.

**FEIRA DE NATAL / Othon Palace Hotel**  
Flexor, Fukushima, Elsas, EDL, Tran Tho, Okinaka, Clodomiro, Di Prete, Candido, Madiano, entre outros, numa mostra promovida por Hotéis Othon S.A. e Galeria Chelsea. Diariamente, das 10 às 22h. Até 30. Rua Líbero Badaró, 190.

**ARTISTAS PUBLICITÁRIOS / Banco Nacional de Minas Gerais**  
Promoção anual do Conselho Nacional de Propaganda. Publicitários expõem suas criações artísticas. Entre eles, Berco Udler e Sepp Bacudereck. Um júri atribui ao melhor trabalho a Medalha Armando de Moraes Sarmiento, prêmio instituído pela McCann Erickson de Publicidade Ltda. neste ano. Diariamente, das 11 às 17h, até terça, 17. Avenida Paulista, 2166, 14.º andar.

**DEZENOVE PINTORES / Tema**  
Retrospectiva didática dos "19", reunidos pela primeira vez em 1947: Aldemir Martins, Antônio Augusto Marx, Cláudio Abramo, Enrico Camerini, Eva Lieblich, Tanaka, Israel, Jorge Mori, Charoux, Luiz Andreatini, Sacilotto, Marcelo Grassman, Maria Helena Milliet, Maria Leontina, Mário Gruber, Guersoni, Octavio Araújo, Raul Müller e Wanda Godoy Moreira. Até sexta, 20. Rua General Jardim, 383.

**SÔNIA CASTRO / EMMANUEL ARAÚJO / A Galeria**  
Artistas baianos expõem gravuras e estamparias. Inaugura quinta, 19, com desfile de manequins e venda de estamparias. Rua Bela Cintra, 741.

**EXPOSIÇÃO DE DEZEMBRO / Azulão**  
Pinturas, desenhos, gravuras, esculturas, cerâmicas e variedade de peças artísticas, incluindo míni-quadros, que fazem parte do acervo. Até 30. Diariamente, das 10 às 22h30. Rua Fernando de Albuquerque, 28.

**GRUPO DO EMBU / Oca**  
Trabalhos de Raquel Kambinda, Solano Trindade, Cirso Teixeira, Sakay, Vicente de Paula, Assis e outros, na Feira de Artes Plásticas do Grupo do Embu (pinturas e esculturas). Diariamente, até 21h. Rua Augusta, 1058.

# MÚSICA

## Curitiba

**4.º CONCERTO ESPIRITUAL DO ADVENTO / Igreja do Coração de Maria**  
O baixo Edilson Costa e a organista Ivete Daher interpretam: "Ave Maria", de Schubert (romântico, 1797-1828); "Panis Angelicus", de Cesar Franck (romântico, 1822-1890); "Vergin Tutto Amore", de Durante (barroco, 1684-1755); "Lasciatemi Morire", de Monteverdi (barroco, 1567-1643); "Confutatis", da Missa de Réquiem de Verdi (romântico, 1813-1901); e outros. Domingo, 22, às 18h30. Avenida Getúlio Vargas, 1193.

## Pôrto Alegre

**CONCERTO POPULAR / Auditório Araújo Viana**  
Nestor Wennholz rege a Orquestra Sinfônica de Pôrto Alegre. Programa com músicos românticos: "Prelúdios", Liszt (1811-1886); "Ballet de Fausto", de Gounod (1818-1893); "Marcha Húngara", de Berlioz (1803-1869); Suíte da Ópera "Carmen", de Bizet (1838-1875). Quarta, 18, às 20h30.

**CORAL DO CITY BANK / City Bank**  
Coral misto, com trinta elementos, funcionários do banco. Músicas de Natal. Regência da Professora Maslova Straliaev. Quinta, 19, sexta, 20 e domingo, 22, às 16h15.

## Recife

**SINFÔNICA E CORAL / Igreja do Carmo**  
Vicente Fittipaldi rege a Orquestra Sinfônica do Recife. Programa: aberturas das óperas "La Gazza Ladra", "Semiramis" e "Guilherme Tell", de Rossini (romântico, 1792-1868). Otoniel Mendes rege o Coral São Pedro Mártir, com quarenta figuras, na segunda parte do programa: "Welcome, Welcome, Dear Redeemer", de Franck; "Salvação e Paz" (alemã, século XIV, harmonização de J. S. Bach); "Jesus, Alegria dos Homens", de J. S. Bach (barroco tardio, 1685-1750); Largo da ópera "Xerxes", de Haendel (barroco tardio, 1685-1759); "Noite Jubilosa" (siciliana, 1776); Kyrie da "Missa em Sol Maior", de Schubert; "Regina Coeli", de Jules Benedict; "Adeste Fideles", de Antônio Martorell. Segunda, 16, às 21h.

**SINFÔNICA DE RECIFE / Sé de Olinda**  
Vicente Fittipaldi rege a Sinfônica numa série de concertos populares. Programa com músicos românticos: "Finlândia", de Sibelius (1865-1957); "Valsa das Flores", de Tchaikovsky (1840-1893); "Quinta Sinfonia", de Beethoven (1770-1827); "Batuque", de Alberto Nepomuceno (1864-1920). Sexta, 20.

## São Paulo

**QUATRO PIANOS / Municipal**  
Os pianistas Jacques Klein e Arnaldo Estrêla, do Rio, e João Carlos Martins e Gilberto Tinetti, de São Paulo, em programa comum dedicado a Bach. Na primeira parte, Klein e Estrêla tocam o "Concerto para dois Pianos e Orquestra, em dó menor"; e Martins e Tinetti executam "Concerto para dois Pianos e Orquestra, em dó maior". Na segunda, todos interpretam o "Concerto para Quatro Pianos e Orquestra". Regência do maestro Diogo Pacheco, que completa o programa com o "Concerto de Brandemburgo n.º 3". Sexta, 20 e sábado, 21, às 21h.

# DIVERSÕES

## Curitiba

### SHOW DO CRIOULO DOIDO / Guairá

O Mini-Teatro da Guanabara apresenta o último show de Sérgio Pôrto (Stanislaw Ponte Preta). Às 21h, até sexta, 20. Fecha segunda, 16.

## Fortaleza

### FESTIVAL DE MÚSICA POPULAR AQUI / Teatro José de Alencar

Das 120 músicas de setenta compositores sobraram doze, após quatro semifinais. A maioria segue a linha tropicalista. O prêmio é de NCr\$ 1 000 para o primeiro lugar. As doze primeiras colocadas serão gravadas em LP. Promoção dos Diretórios Acadêmicos das Escolas de Arquitetura e Superior de Música. Sábado, 21, às 21h.

## Pôrto Alegre

### CINQUENTA ANOS DE SAMBA / Arena

Wagner de Melo dirige o grupo Bossa Livre. Roteiro e vocalização de Zilá Santoro. Apresentação de Marlene Ruperti. Músicas desde o início do samba (Donga, Pixinguinha), passando pela "época de ouro" (Noel Rosa, Lamartine Babo, Dorival Caymmi) até a atualidade (Caetano Veloso, Chico Buarque, Edu Lôbo). Tôdas as segundas, às 21h.

### UM SHOW POR NOITE / Leopoldina

Promoção de fim de ano da TV Piratini. Shows com artistas locais e convidados da TV Record de São Paulo. De segunda, 16, a domingo, 22. Às 21h.

## Recife

### TROPICALIASHOW / Aroeira

A cantora Ana Lúcia Leão, acompanhada pelo conjunto Silverjets, com músicas de Gilberto Gil, Caetano Veloso, TomZé e Os Mutantes. Sexta, 20, às 23h. Avenida Conde da Boa Vista, 1 242.

## Rio

### NOSSO MUNDO / Toneleros

Show com Miriam Batucada e Paulinho da Viola. Muito samba no melhor estilo carioca. De quarta a domingo, às 21h30. Rua Toneleros. Tel. 37-3960.

## Salvador

### SHOW DE MÚSICA POPULAR / Vila Velha

Duas horas de poemas (alguns musicados) de autoria do Grupo Comunicação. Apresentação pelos autores. Tôdas as sextas, às 24h.

### II NOITE DA POESIA BAIANA / Teatro Castro Alves

Um grupo de atôres apresenta uma seleção de obras de poetas baianos (desde Gregório de Mattos até Capinan) em busca de uma definição de poesia. Segunda, 23, às 21h.

## São Paulo

### PRÊMIOS DO FESTIVAL / Teatro Record-Centro

Duas violas de ouro, duas de prata e NCr\$ 100 000 distribuídos aos premiados no IV

Festival da Música Popular Brasileira, com a interpretação das músicas vencedoras: "São São Paulo, Meu Amor", de TomZé (dois prêmios), "Marta Saré", de Edu Lôbo e Gianfrancesco Guarnieri (dois prêmios), "Divino Maravilhoso", de Caetano Veloso e Gilberto Gil, "2001", de Rita Lee Jones e TomZé, "Dia da Graça", de Sérgio Ricardo, "Bem-Vinda", de Chico Buarque de Hollanda (dois prêmios), "A Família", de Chico Anísio e Ari Toledo, "Bonita", de Geraldo Vandré e Hilton Acioli, e "A Grande Ausente", de Francis Hime e Paulo César Pinheiro. Segunda-feira, 16, às 22h.

### SÃO PAULO, MEU AMOR / Ponto de Encontro

O baiano TomZé, grande vencedor do Festival da Record, continua com sua declaração de amor e sátira a São Paulo. Canta também músicas antigas. Às quintas, às 21h30. Galeria Metrôpole.

# CALENDÁRIO

## Cabedelo (PB)

### I FEIRA DE INDÚSTRIA, COMÉRCIO E ARTESANATO DA PARAÍBA / Praia Formosa

A 15 quilômetros de João Pessoa, quarenta stands com produtos industriais e comerciais da Paraíba. Diversões: shows de música popular e folclórica. Até o fim do mês.

## João Pessoa (PB)

### I FEIRA DE ARTE DA PARAÍBA / Igreja de São Francisco

Desde espetáculos folclóricos (ciranda, côco, cavalo-marinho, bumba-meu-boi), exibição de filmes ("Aruanda" e "Cajueiro Nordestino", de Linduarte Noronha, "Romeiros da Guia", de João Ramiro Melo e Wladimir Carvalho, "Os Homens do Caranguejo", de Ipojuca Fontes), shows de música popular até mostra de artesanato, exposição de livros e artes plásticas. Até o dia de Natal.

## Pôrto Alegre

### EXPOSITUR 68 / Parque Menino Deus

Quarenta mil metros quadrados com exposições de cartazes, cães, moda, fotografias, artes plásticas, artesanato. Projeção de filmes. Roda de samba, parque de diversões, danças regionais, festival de trovadores, bandas marciais estudantis, aeromodelismo e ginástica. Festival do Teatro Gaúcho e do Teatro de Marionetes.

## Rio

### FEIRA DE ARTES PLÁSTICAS / Atêrro do MAM

Nova feira de arte: grande número de pintores, desenhistas e gravadores com obras a preços acessíveis. Patrocínio da Associação Internacional de Artistas Plásticos. De sexta, 20, a domingo, 22.

## Salvador

### I FEIRA INDUSTRIAL DA GRANDE BAHIA (FIDAGRA) / Colégio Marista

Oito mil metros quadrados com amostras de todos os produtos do Centro Industrial de Aratu. Até 6 de janeiro. De terça a domingo, das 15 às 23h.

# PS

Frase do astrólogo paulista Omar Cardoso, muito atacado durante a última entrevista da série "Diálogo", da TV Record de São Paulo, explicando por que daria um livro de astrologia ao entrevistador que mais procurara desmoralizá-lo: "Eu sou de Câncer; o senhor é de Virgem. Pois saiba que Virgem atrai Câncer". As mocinhas que ouviam o programa ficaram horrorizadas.

Os programas ao vivo do rádio e da televisão, obrigando os locutores a leituras apresadas dos textos comerciais e os animadores de programas a improvisar falas, têm sido responsáveis por frases tornadas antológicas. A memória dos radialistas guarda, entre outras, as seguintes:

Do locutor e repórter João Bosco Caldas, da Rádio Guarani, de Belo Horizonte, descrevendo do "hall" do Pronto Socorro a chegada dos corpos das vítimas de um desastre com a litorina da Central do Brasil: "Meus senhores e minhas senhoras. Estamos assistindo aqui a um vaivém de cadáveres impressionante".

O cantor Orlando Silva, no auge da popularidade, após anunciar o seu número: "Cantarei acompanhado pelo saudoso Mário Cabral". O pianista Mário Greenhalg Cabral só morreria em 1967, mais de vinte anos depois da frase.

Do celunista Ibrahim Sued, ante as câmaras da TV Globo, do Rio de Janeiro, comunicando seu novo programa: "Aqui estaremos diariamente, às terças e quintas-feiras".

Do locutor Heitor de Carvalho, da Rádio Nacional do Rio de Janeiro, lendo o texto de publicidade do talco Ross, produzido pela Sidney Ross, um dos maiores anunciantes da emissora na época: "Minha senhora: como vai o seu filhinho com esse calor atrás?" A expressão certa era calor atroz.

Do cantor Francisco Carlos, famoso na década de 1950 sob o pseudônimo de "El Broto", tentando explicar a um grupo de fãs, que estava sem fotos suas para autografar: "Desculpem, desculpem. No momento eu estou isento de fotografias".

De um locutor esportivo da Rádio Continental, do Rio de Janeiro, descrevendo a entrega da Taça do Mundo de 1966, pela Rainha Elizabeth e pelo Príncipe Philip, seu marido, no estádio de Wembley, de Londres: "Estão entrando em campo neste momento a Rainha Elizabeth e o Príncipe consorte".

Do ex-locutor Geraldo Bicalho, durante um programa esportivo da Rádio Guarani, de Belo Horizonte, que aproveitava o noticiário publicado nos jornais da manhã: "Enquanto isso o meia Didi, visto na foto acima, declarou que..."



"... com as irmãs Andrew Sisters..."

# A Rhodia fabrica nylon e raion para pneus como se sua vida dependesse disso.



Ainda que você nunca tenha usado uma camisa Tergal. Um remédio da Rhodia. Qualquer coisa da Rhodia. Ainda assim a Rhodia encontra uma maneira de servi-lo: a Rhodia fabrica fios para pneumáticos. Com carinho e com rigoroso controle de qualidade. Em 1954 estes fios eram experimentados nos Estados Unidos e aprovados 100%. No mesmo ano a Rhodia começou a fabricá-los no Brasil. Hoje

a Rhodia é o maior fabricante de fios de raion e nylon para pneumáticos da América do Sul. Por isto mesmo, quase todos os pneus que andam circulando pelo País são feitos com os fios da Rhodia. É quase certo que você gostará de se lembrar disto ao andar de carro. Principalmente quando o ponteiro do velocímetro começa a passear no perigoso caminho da alta velocidade.



RHODIA  
50 ANOS CRESCENDO  
COM O BRASIL

Editor e Diretor: VICTOR CIVITA  
Diretor de Publicações: Roberto Civita  
REDAÇÃO  
Diretor  
Mino Carta

Editores: José Roberto Guzzo, Roberto Muggiati, Sebastião Rubens Gomes Pinto, Sérgio Pompeu, Ulysses Alves de Souza  
Secretário de Redação: Henrique Caban  
Chefe de Arte: George B. J. Duque Estrada  
Editores Assistentes: Carmo Chagas, Carlos Soulié do Amaral, Geraldo Mayrink, J. Salomão D. Amorim, José Ramos Tinhorão, K. Matsumoto, Leo Gilson Ribeiro, Luís Gutemberg, Luiz Lobo, Paulo Cotrim, Raimundo R. Pereira, Renato Pompeu, Roberto Pereira, Sérgio Oyama  
Repórteres Especiais: Alceu Nogueira da Gama, Antônio E. Teixeira, Armando Salem, Fernando Semedo, Hamilton de Almeida, Nilo Martins, Norma Freire, Sílvia Sena  
Redatores: Beatriz Horta, Dorrit Herazim, Eduardo Kugelmas, Harry Laus, Hersch Schechter, José Carlos Abbate, Luís Adolfo Pinheiro, Pedro Cavalcanti, Sílvia Lancellotti  
Repórteres: Adilson Pereira, Antonio C. Augusto, Anthony de Christo, Antônio de Alcântara Cabral, Arthur Ramirez, Cecilia Finger, Celso Ming Claudio Lachini, Dirceu Brisola, Eda Maria Romlo, Eliana Machado, Enio Squeff, Geisa Meilo, Guilherme Veloso, Guiomar Rogê Ferreira, Hayle Gadelha, Heli Gama Filho, Ione Campos Cirilo, Isa Basbaum, J. A. Dias Lopes, Laerth Pedrosa, Léa Ancona Lopes, Magno Dadonas, Maria da Penha Della, Mariza Correa, N. Pedra Gandara, Neide Martins, Pedro Maia Soares, Roberto Muller, Sônia Beatriz, Tarik de Souza, Thereza Linhares.  
Fotógrafos: Amilton Vieira, Carlos Namba, Cristiano Mascaro, Geraldo Guimarães  
Artes: Ademar Assaoka, Américo Ietto Filho, Hélio de Almeida, José Bigatti, Pedro de Oliveira, Gilberto Pascoal (mapas)  
Produção: Alexandre Dauní Coelho, Carlito Nucci, Engelber A. Paschoal  
Colaboradores: Arte: Clarival Prado Valladares. Cinema: Ely Azeredo, Jean-Claude Bernardet, Valério Andrade. Teatro: Paulo Mendonça. Livros: Bruna Becherucci. Música: Júlio Medaglia. Medicina: Irany Novah Moraes  
Diretor de Fotografia: Lew Parrella  
Gerente de Produção: Arno Langer / João J. Noro

Bureaux

Rio — Diretor: Odylo Costa, filho / Chefe de Redação: Luiz Garcia / Repórteres: Carlos Leonam, Christina Autran, Danubio Rodrigues, Gastão F. Patusco Filho, Jairo Martins, Marcos de Sá Correa, Maria Helena Dutra, Nelson Silva, Oliveira Bastos, S. Proença Leitão, Sílvia Távora, Stela Polanah, Yllen Kerr / Fotógrafos: Antonio Andrade, Darcy Trigo  
Av. Presidente Vargas, 502, 15.º, fone: 23-8913, Telex: 031-451  
Brasília — Diretor: Pompeu de Sousa / Chefe de Redação: Almir Gajardoni / Repórteres: Afonso de Souza, Evandro Paranaíba, Fernando Sylos, J. Carlos Bardawil, Renato V. Soares / Fotógrafo: Luiz Humberto  
Ed. Central, salas 1201 e 1208 — Setor Comercial Sul, fones: 43-4000, 43-4823, 43-4889 — Telex: 041-254  
Belo Horizonte — Chefe: Alberico Souza Cruz / Repórter: Geraldo Augusto dos Reis / Fotógrafo: Guinaldo Nikolajewsky  
R. Espírito Santo, 466, salas 707 e 708, fone: 22-3720, Telex: 037-224  
Curitiba — Elmar Bones da Costa  
Ed. Galeria Tijuca, Largo Frederico Faria de Oliveira, conjuntos 1516/7, fones: 4-9634 e 4-6599  
Porto Alegre — Chefe: Paulo Totti / Repórter: José Antonio Severo  
Av. Otávio Rocha, 115, sala 511, fone: 4-4825  
Recife — Chefe: Renan S. Miranda / Repórteres: Franklin Campos, José Saffioti Filho, Gilberto Pauletti / Fotógrafo: Clodomir Bezerra  
R. da Condição, 153 — Ed. Cidade de São Salvador, salas 502 e 503, fone: 4-4957  
Salvador — Edgard M. Catoira, Hesio A. Pessali  
Travessa Bonifácio Costa, 1 — Ed. Martins Catarino, sala 1302, fone: 3-2482  
Nova York — Paulo Henrique Amorim. 11 W. 42<sup>nd</sup> Street, Telex: 423-063

Correspondentes

Aracaju: Raimundo L. da Silva / Fortaleza: Sérgio S. Telles / Florianópolis: L. Gonzaga de Bem / João Pessoa: Martinho M. Franca / Macaé: J. Otávio Rocha / Natal: Francisco Berilo Wanderley / Niterói: Carlos C. Rangel / São Luís: Edson Vidigal / Teresina: Deoclécio Dantas / Livramento: Osmar Trindade

Departamento de Documentação

Samuel Dirceu (Chefe), Antonio Zago, Dilico Covizzi, Eloá Jacobina, Fernando Rios, Irene A. Cardoso, Irene Hirschberg, João Guizzo, Regina Vianna, Sérgio Capozzi, Ubirajara Forte, Waldimas N. Galvão  
Assessor do Diretor Responsável — J. R. Franco da Fonseca

Serviços Internacionais

Newsweek/Paris-Match/Associated Press/Matérias Internacionais Via Varig

Pesquisas

IBOPE (discos), IEPEC (livros)

ADMINISTRAÇÃO

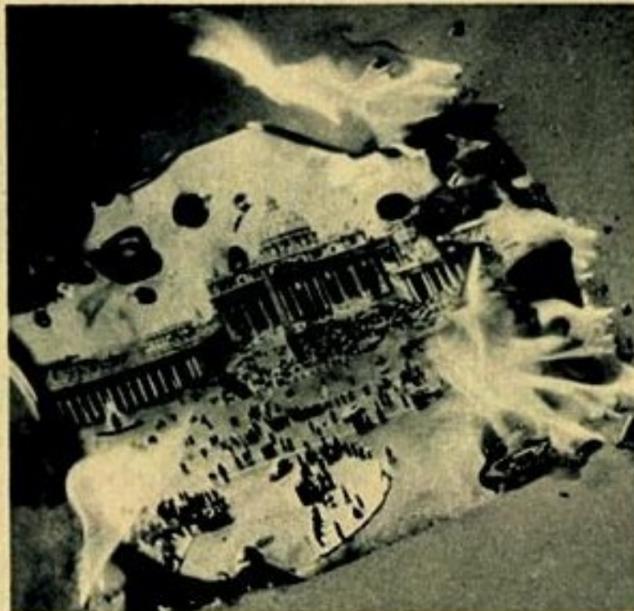
Diretor, Divisão Revistas: Domingo Alzugaray  
Diretor de Publicidade: Salviano Nogueira  
Diretor Comercial, VEJA: Paulo Augusto de Almeida  
Diretor de Publicidade, Rio: Sebastião Martins  
Gerente de Publicidade, S. Paulo: Oscar Colucci  
Gerente de Publicidade, Rio: Ricardo Tadei  
Gerente de Serviços Editoriais: Roger Karman  
Representantes: São Paulo: L. A. R. Frota, Paulo Dias Pini, Pêrsio Brait Pisaní, Gianfranco Del Bianco / Rio: Hernâni D. Maia, F. Paula Freitas / Porto Alegre: Rubens Molino (Gerente) e Elcenho Engel / Belo Horizonte: Sérgio Pôrto / Curitiba: Edison Helm / Recife: Antônio Lyra Filho

Diretor de Operações — Richard Civita  
Diretor Editorial — Luís Carta  
Diretor de Relações Públicas — Hernani Donato  
Diretor — Escritório Rio — André Raccah

Diretor Responsável — Edgard de Sílvia Faria

VEJA é uma publicação da Editora Abril Ltda. / Redação: Av. Otaviano Alves de Lima, 806, fone: 62-1171, Telex n.º 021-553 / Publicidade e Correspondência: Rua João Adolfo, 118, 9.º andar, fone: 259-1422 / Administração: R. Emílio Gerdá, 571, São Paulo / Distribuição exclusiva para todo o Brasil da Distribuidora Abril S.A. Preço: exemplar avulso — NCr\$ 1,00 acréscimo de NCr\$ 0,08 para porte registrado superfície e NCr\$ 0,36 para porte registrado aéreo, em todo o Brasil. Assinaturas anuais — NCr\$ 24,00 acréscimo de NCr\$ 2,08 para porte registrado superfície e de NCr\$ 9,36 para porte registrado aéreo. Para assinaturas anual esses valores deverão ser dobrados. Nenhuma pessoa está credenciada a angariar assinaturas desta publicação. Se for procurado por alguém, denuncie-o às autoridades locais. Números estranhos: no Rio de Janeiro, R. República de Libano, 19; São Paulo, R. Brigadeiro Tobias, 773. Pelo correio: Caixa Postal 7901 / 7 dias de direitos reservados / Impresso em oficinas próprias e nas de S.A.I.B. — Soc. Anôn. Indústria Imprensa Brasileira, São Paulo.

CARTA DO EDITOR



A capa de VEJA desta semana ia apresentar uma foto da Basílica de São Pedro. Em chamas, simbolizando a situação da Igreja, que, nas palavras do Papa Paulo VI, "está a caminho da autodestruição", e da qual fazemos uma análise minuciosa na página 28.



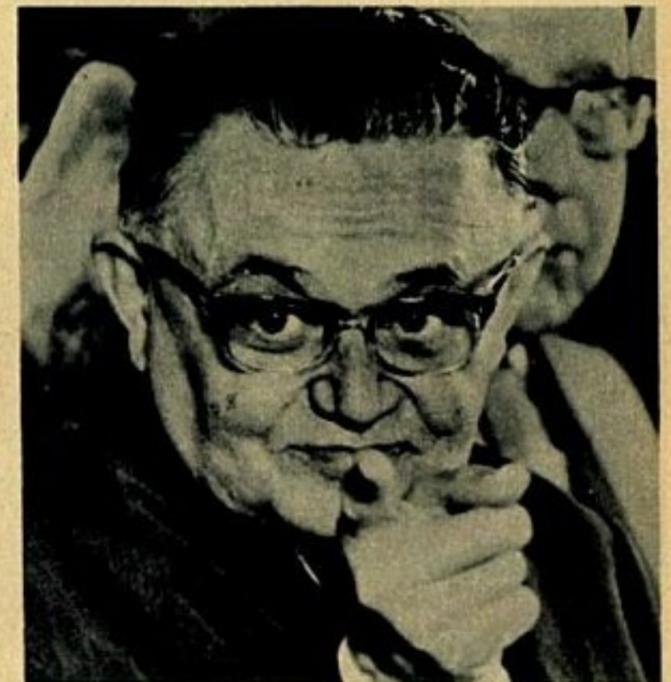
Mas, na quinta-feira passada — quando a Câmara negou a licença para processar Márcio Moreira Alves — surgiu a idéia de uma capa com um herói muito atual de histórias infantis: Cordélio, o Leão-Carneiro. Um engano da cegonha deixou o filhote de leão entre carneiros que o criaram como tal. Carneiro éle foi até o dia em que um lobo quis devorar mamãe carneiro. Então

Cordélio sentiu-se transformar e rugiu e agiu como Leão...

Na sexta, entretanto, a capa mudou de nóvo: nas primeiras horas da manhã, as sucursais do Rio de Janeiro e Brasília antecipavam que o Governo provavelmente iria reeditar alguns dos atos institucionais promulgados a partir de abril de 1964.

Após examinar uma série de alternativas, concluiu-se que uma foto do ex-Presidente Castelo Branco seria a ilustração indicada para uma reportagem de capa focalizando a retomada do processo revolucionário.

Finalmente, as implicações do Ato Institucional n.º 5, baixado na noite de sexta-feira, nos levaram — sábado à tarde



— a mudar a capa pela quarta vez. O leitor descobrirá por que na reportagem-balanço que começa na página 16.

*Victor Civita*

Índice

BRASIL .....	14	INTERNACIONAL .....	36
ARTES PLÁSTICAS .....	54	LITERATURA .....	62
CIÊNCIA .....	46	MÚSICA .....	65
CINEMA .....	57	RELIGIÃO .....	28
EDUCAÇÃO .....	44	TEATRO .....	58
ESPORTE .....	50	TELEVISÃO .....	61
HUMOR .....	6	VIDA MODERNA .....	52

INDICAÇÕES

Calendário .....	13	Diversões .....	13	Música .....	12
Cinema .....	8	Galerias .....	10	P.S. ....	13
Discos .....	66	Gente .....	56	Teatro .....	10

Com um Ato Institucional mais forte, Costa e Silva anuncia um novo estilo



# REVOLUÇÃO, ANO ZERO

**N**uma sexta-feira, 13, de março de 1964, a caminho do comício da Central, na Guanabara, o Presidente João Goulart ouviu seu ajudante de ordens dizer: "Getúlio fez a Petrobrás e a Eletrobrás. O senhor hoje vai inaugurar a Mandabrás" (a expressão "mandar brasa" estava em voga). Dias depois — 31 de março —, uma revolução frustrava a concretização da "Mandabrás" de Goulart. Como diria mais tarde seu Ministro da Justiça Abelardo Jurema — no livro "Sexta-Feira, 13" —, o comício levou Goulart "ao delírio de uma glória efêmera, ao mesmo tempo que o jogou no ostracismo de um exílio". Numa sexta-feira, 13, de dezembro de 1968, porque "os instrumentos jurídicos que a Revolução vitoriosa outorgou à Nação para sua defesa, desenvolvimento e bem-estar de seu povo, estão servindo de meios para combatê-la e destruí-la", o Governo Costa e Silva anunciou a vigência do Ato Institucional n.º 5, com "meios necessários e instrumentos legais para, assegurando a ordem e tranqüilidade, realizar os propósitos e

os fins da Revolução de Março de 1964". É o mais drástico de todos os atos editados e deve-se pensar — segundo revelações de uma fonte militar — que êle foi feito para ser também o último, o definitivo.

**Preocupação antiga** — No entanto, referindo-se à Constituição de 1967 — que entrou em vigor no dia 15 de março, justamente no dia de sua posse —, o Presidente Costa e Silva dizia que "o País já dispõe de uma Constituição moderna, viva e adequada. Restabelecendo o regime político tradicional e, ao mesmo tempo, dotando o Governo dos instrumentos indispensáveis à manutenção da ordem, da tranqüilidade e da paz pública, a nova lei básica afirmou o princípio de autoridade e realizou, sábia e sintese dos ideais democráticos com os ideais revolucionários". A declaração presidencial estava em harmonia com a opinião predominante a partir do momento em que se desencadeou o movimento revolucionário de 1964: a tarefa de combate à subversão e à corrupção e de promoção do desenvolvi-

mento econômico e social pode ser executada dentro de uma estrutura de equilíbrio, pelo menos relativo, dos três poderes (Executivo, Legislativo e Judiciário). E a preservação e o fortalecimento desse esquema não era só possível como também desejável. Daí aceitar-se, em seu benefício, o prejuízo de alguns objetivos revolucionários.

**Em nome do princípio** — Por isso, já no Ato Institucional n.º 1, de 9 de abril de 1964, seus signatários — General Costa e Silva, Brigadeiro Correia de Melo e Almirante Augusto Rademaker — afirmavam que "para demonstrar que não pretendemos radicalizar o processo revolucionário, decidimos manter a Constituição de 1946, limitando-nos a modificá-la apenas na parte relativa aos poderes do Presidente da República". Consta ainda do preâmbulo do Ato Institucional n.º 1 que, "para limitar ainda mais os plenos poderes de que se acha investida a Revolução vitoriosa", o Comando Supremo resolvia "manter o Congresso Nacional, com as reservas relativas aos seus poderes, constantes do Ato

Institucional". A preocupação da auto-limitação do poder revolucionário aparece no artigo 2.º do Ato, marcando para daí a dois dias a eleição do Presidente da República, com mandato até 31 de janeiro de 1966, data do fim da vigência do Ato. As garantias constitucionais de vitaliciedade e estabilidade foram suspensas por seis meses.

**Pela continuidade** — Afirmando que a Revolução "é um movimento que veio da inspiração do povo brasileiro", o preâmbulo do Ato Institucional n.º 2, de 27 de outubro de 1965, procura deixar clara a continuidade do movimento: "Não se disse que a Revolução foi, mas que é e continuará". Assim, "a autolimitação que a Revolução se impôs no Ato Institucional de 9 de abril de 1964 não significa, portanto, que, tendo poderes para limitar-se, tenha negado a si mesma por essa limitação, ou se tenha despojado da carga de poder que lhe é inerente como movimento. A Revolução está viva e não retrocede". Apesar disso, o AI-2, editado pelo Presidente Castelo Branco, como "Chefe do Governo Revolucionário e Comandante Supremo das Forças Armadas", também limitou a sua vigência até o dia 15 de março de 1967, data prevista para entrar em vigor a nova Constituição.

**A nova dimensão** — Quando o Ministro Gama e Silva, em nome do Governo, anunciou na noite de sexta-feira da semana passada, por uma cadeia de rádio e televisão, o Ato Institucional n.º 5, o espírito que emanava do seu texto diferia basicamente daquele dos atos 1 e 2. Até aqui, a principal preocupação do movimento foi a de se legalizar, de legitimar juridicamente a sua própria existência. Assim, manteve o Congresso em funcionamento e, através dele, fez aprovar uma Constituição e eleger o Presidente da República. Contudo, a partir do segundo semestre deste ano, principalmente, quando a crise estudantil veio para as ruas e a autoridade do Governo passou a ser contestada, os meios militares começaram a se convencer de que a manipulação legal dos instrumentos de poder assegurados pela Constituição de 1967 não era tão rápida quanto as circunstâncias exigiam.

**O ritmo ideal** — Os estudantes, a crise com a Igreja, as ondas de assaltos e atentados terroristas só serviram para embarçar o Governo e animar as oposições. Foi então que líderes militares, como o General Albuquerque Lima, Ministro do Interior, começaram a reclamar a necessidade de ser reencontrado o espírito e o ritmo da Revolução, com sua dilação no tempo e no espaço "por dez anos, se necessário, para realizar tudo aquilo que não soube ou simplesmente não teve coragem de fazer". A

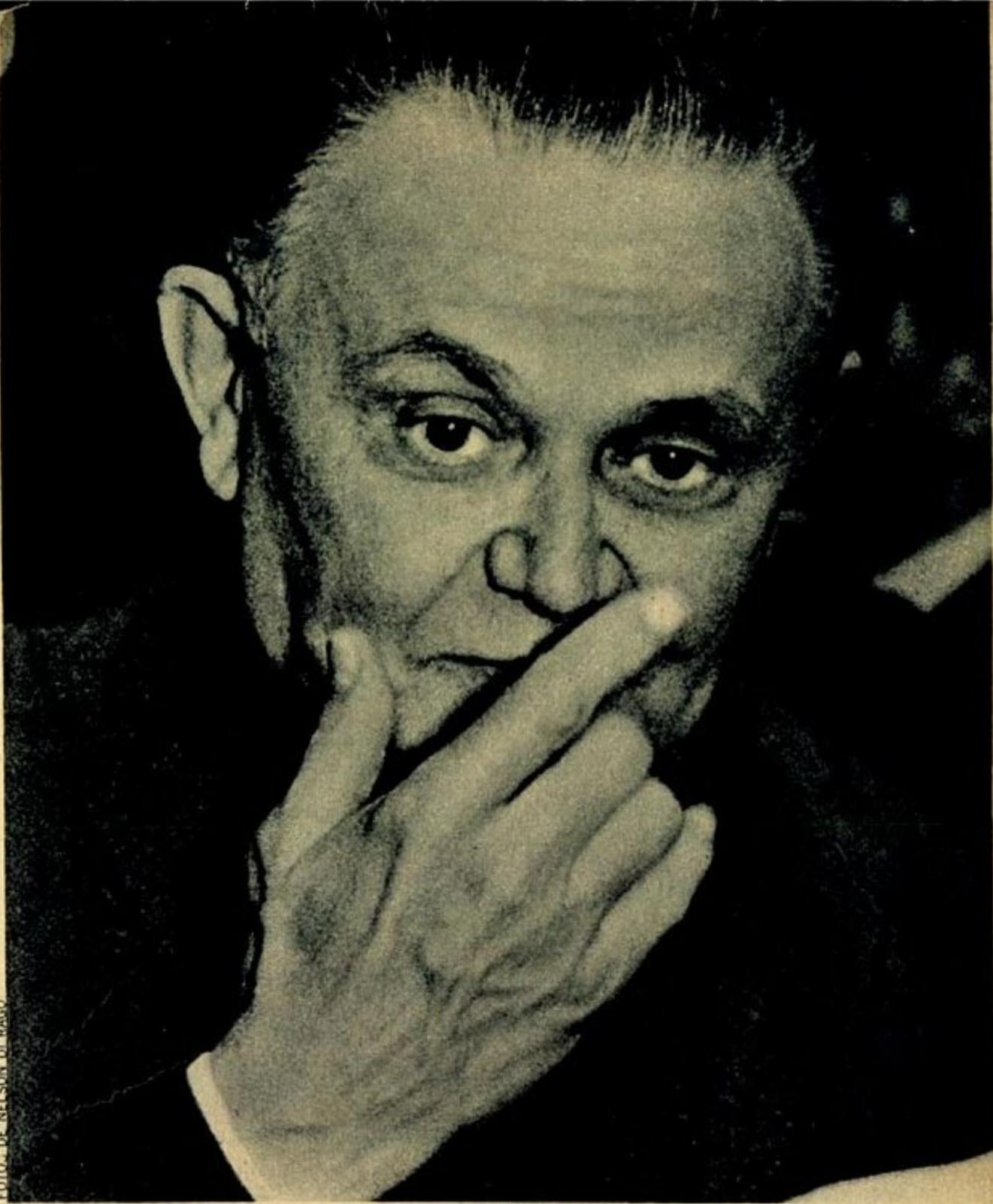


FOTO DE NELSON DI RAGO

### Castelo Branco: o legado de um estilo que precisou sofrer modificações.

recusa da licença para processar o Deputado Márcio Moreira Alves, caracterizando a ausência de um sólido sistema de entrosamento do Governo com o seu partido (a Arena), serviu de argumento final para que a tese — até então em minoria — se agigantasse: a de que a estrutura constitucional não se pode sobrepor às metas da Revolução. Ou, como diria o General Albuquerque Lima, era preciso impedir que a Revolução se perdesse por timidez.

**Um ato de análise** — O Ato Institucional não deixa de ser uma autocrítica da Revolução, onde o partido do Governo não escapa a uma censura no preâmbulo. E, na decretação do recesso do Congresso por tempo indeterminado está o sinal mais evidente de uma nova fase em que a Revolução se reinicia sem a classe política que não quis ou não pôde integrar-se no processo revolucionário. A manutenção da Constituição de 1967 tem o efeito de manter também o mesmo sistema de escolha do Presidente da República. Mas é bem provável que nos atos complementares que se anunciam

um deles venha a tratar do processo eleitoral. Quanto às punições, a impressão geral, na área do Governo, é que esse período será rápido, seguido de uma ofensiva reformista e administrativa. O Ato teve o cuidado de colocar a dimensão econômica como um dos dados mais importantes da questão. Por isso, os ministros Hélio Beltrão e Delfim Netto, antes temerosos da repercussão das medidas excepcionais sobre o mercado e o volume de investimentos, teriam concordado com elas. E o Presidente Costa e Silva, que tanto insistiu na integridade da Constituição em vigor, se curvou aos argumentos em torno dos quais os militares se uniram: a Revolução estava a caminho da autodestruição; com o AI-5, forte apenas por precaução — para que outros não sejam necessários —, o regime não será afetado, já que as medidas excepcionais só serão aplicadas se forem inevitáveis; e, finalmente, agora a Revolução tem em suas mãos todos os poderes para a sua realização. O dia 13 de dezembro, para os militares, passa a constituir o Ano Zero da Revolução. "Agora a coisa vai", disse um deles. ○



*Daniel Krieger, um gaúcho bonachão, deixou a Arena entregue à sua própria sorte, ao ser contra cassação*

## Parecia uma vitória, era o naufrágio

Na cidade do futuro, erguida entre os amplos espaços do horizonte, como que saída dos contos de ficção científica de Ray Bradbury, só há calma. Nessa cidade, Brasília, na Praça dos Três Poderes, um prédio de 28 andares — duas bacias ou cuias, uma virada para cima (o Senado), outra para baixo (a Câmara) —, o Congresso Nacional não funciona nem sabe quando voltará a funcionar. Só o vento faz agitação ao longo dos corredores vazios ou por cima das águas do pequeno lago da cidade. No ar, uma impressão permanente de contagem regressiva que acabou em zero. Os políticos se perderam no tempo. O futuro não pode chegar ao Congresso, que, em recesso por tempo indeterminado depois de sua maior vitória, não tem presente e apenas, nos seus últimos atos, salvou o seu passado. Que pode fazer este Congresso derrotado? Enquanto deputados e senadores arrumam suas gavetas, Brito Velho, 56 anos, deputado da Arena, vindo do Sul e do antigo Partido Libertador, alto, forte e grisalho, vai buscar, como é do seu feitio e do seu temperamento, palavras arcaicas para expressar a sua indignação.

**Que poder?** — Todos saíram do prédio, mas nem todos fizeram como Brito Velho. José Bonifácio de Andrada e Silva,

presidente da Câmara, por exemplo, no fim da noite de sexta-feira, depois de ouvir a leitura do Ato Institucional n.º 5, arrumou suas gavetas, cabeça baixa, abatido — e não atendeu o pedido de seus colegas de oposição para que realizasse uma sessão da Câmara, aguardando a chegada do texto sobre o recesso parlamentar. “O País”, disse, ao deixar o Palácio do Congresso, “sai neste momento de um estado de direito para um estado de fato. Desejo que o País progrida, encontre seu destino. Obedecendo ao novo regime, declaro que a nossa missão está encerrada.” Seus interlocutores, deputados Martins Rodrigues, Mata Machado e Celso Passos, todos do MDB, ainda insistiram. “Seja menos Zêzinho e mais Andrada”, atacou Celso Passos. José Bonifácio não disse nada. Deu-lhe uma “banana”. E recebeu outra em troca. Mais um comentário feito por Martins Rodrigues, já às suas costas: “Efetivamente não era um homem da envergadura que o cargo e o momento exigiam”. O aspecto triste do prédio do Congresso no seu último ato não se refletia apenas nessa discussão. A Deputada Júlia Steimbruck ficou sentada na última poltrona na saída do grande “hall” da Câmara. Tinha um desejo só: ser a última pessoa a deixar aquela Casa. Mário Covas, líder do MDB, passou

por ela, ouviu sua explicação e sorriu amargurado. Saiu e não ficou sabendo que Júlia não conseguiu realizar seu desejo. Quando ela foi embora, ainda havia um carro oficial esperando o que realmente foi o último parlamentar a deixar o Congresso: Deputado Edilson Távora, um cearense da Arena, que tinha ficado em sua sala, na presidência da Comissão de Minas e Energia, retirando das gavetas os estudos prontos para serem apresentados dentro do seu plano de autocritica do Congresso para torná-lo mais eficiente e democrático. No seu último dia, o Congresso não precisou de ninguém mais do que sua própria guarda e serviço de segurança para fechar suas portas. À tarde, ainda houve tempo para uma corrida à sua agência do Banco do Brasil, de onde foram retirados 2 milhões de cruzeiros novos. O dinheiro não precisava ficar mais ali naquele prédio onde trabalham mais de 2 mil funcionários, 475 parlamentares (66 senadores e 409 deputados), e que de hoje até a data de sua reabertura será apenas um monumento arquitetônico de Brasília. Seu construtor, o arquiteto Oscar Niemeyer, o fez assim, tão alto e imponente — é o maior prédio da cidade —, para simbolizar o maior dos poderes: o poder do povo.

**Que passado?** — O Deputado Brito Velho continua ressuscitando expressões antigas. Ele é do tempo em que os parlamentares tinham, de acordo com a Constituição de 1824, “um tratamento de altos e poderosos senhores”. Só que esse tempo ficou muito para trás. E o motivo pode ser encontrado na declaração de um homem do passado, daquele tempo: “A separação da política e da vida social atingiu, em nossa Pátria, o máximo de distância. A política é, de alto a baixo, um mecanismo alheio à sociedade, perturbador da ordem, contrário a seu progresso”. Quem disse isso foi Alberto Torres e não se referia a nada de atual e sim ao Parlamento de liberais e conservadores do Segundo Império. Se o tempo pode passar, as coisas e os fatos podem se repetir. Pelo menos foi daquela maneira que os políticos e a política passaram a ser encarados pela Revolução de Março. (ato de sexta-feira, 13, foi apenas o ponto máximo de uma marginalização que atingiu todos os deputados, senadores e líderes populares, cassados na primeira hora ou não, revolucionários de primeiras, segundas ou terceiras horas ou não. De 31 de março de 1964 até hoje, os políticos somente estiveram no poder quinze dias, logo depois da Revolução, representados por Ranieri Mazzilli, então presidente da Câmara, que logo passou o cargo ao Marechal Castelo Branco. Se os políticos, como os udenistas, fizeram a Revolução, não

conseguiram sobreviver a ela. Duas definições, de dois arenistas e ex-udenistas, podem resumir a situação: 1.<sup>a</sup> — “A Arena namorou o Governo, fez tudo o que ele queria, mas não o possuiu.” 2.<sup>a</sup> — “A UDN sempre perseguiu o Governo como se persegue uma mulher. Mas ela (a UDN) quer casar direitinho. Depois do casamento descobriu que houve um erro de pessoa. Só resta a anulação de casamento.”

**Alguém casou?** — Dos treze partidos que existiam antes da Revolução, nenhum pode dizer que casou com ela. O que mais se aproximou do casamento foi o que mais se frustrou: a UDN. Tinha um candidato próprio para a eleição de outubro de 1965, Carlos Lacerda, mas se perdeu e o perdeu. E mesmo antes de morrer, com a extinção dos partidos, já havia percebido que os que havia ajudado a colocar no poder não estavam interessados em fazer política. Se o PSD também tinha um candidato (Juscelino Kubitschek, que foi cassado), não se frustrou tanto, como afirma o Deputado Padre Godinho (MDB—Guanabara), concluindo seu raciocínio sobre o seu ex-partido, a UDN: “Quando a UDN abandona a mulher perseguida, ela fatalmente fica com o PSD, que não se preocupa muito com a forma de casamento, mas em compensação se separa com muito mais facilidade”. Para provar que nunca chegou a haver um casamento perfeito entre os políticos e a Revolução, os próprios deputados, antigos no Congresso, concordam em que foram travadas seis batalhas importantes entre eles e o Poder Executivo, antes do episódio Márcio Moreira Alves. Quatro delas ainda no Governo Castelo Branco. A primeira em outubro de 1964, quando o Governo tinha interesse na ampliação da Eletrobrás. Depois, em novembro, quando da intervenção em Goiás e cassação do Governador Mauro Borges. Depois, em maio de 1965, quando da aprovação de envio de tropas à República Dominicana. Finalmente, em outubro do mesmo ano, o Governo Castelo Branco enfrentava a maior resistência por parte do Congresso, no episódio do Estatuto dos Cassados e da cassação de seis deputados.

O Governo Costa e Silva teve de enfrentar o Congresso em duas oportunidades (antes de chegar ao desfecho de sexta-feira passada): em maio deste ano, quando da discussão sobre o estatuto dos municípios considerados de segurança nacional, e em agosto, no auge da crise estudantil, quando foi apresentado o Projeto Macarini, que solicitava anistia para os estudantes presos ou indiciados em IPMs. Em nenhum dos casos, quer no Governo Castelo Branco, quer no Governo Costa e Silva, o Executivo precisou de armas mais eficientes do que a pressão.

J. M. BRAUNE



Uma curta e feliz vitória de um Congresso derrotado 24 horas depois

**O cavalheiro Adauto** — Mineiro de Curvelo, cabelos grisalhos, fala fácil de bom orador, Adauto Lúcio Cardoso, udenista do tempo da defesa da liberdade e dos direitos humanos, foi quem melhor marcou, mesmo involuntariamente, o processo de afastamento entre os políticos e a Revolução. Com 62 anos de idade e com a marca trazida dos anos de política sob a forma de uma persistente arritmia cardíaca — o que levou um médico consultado por ele em Paris a perguntar se havia lutado na guerra —, Adauto Lúcio Cardoso, como presidente da Câmara, em outubro de 1965, não reconheceu o direito de o Presidente Castelo Branco cassar o mandato de seis deputados. Era difícil para um homem como Adauto Lúcio Cardoso entender que as liberdades e os direitos individuais podiam, em determinado momento, deixar de ser respeitados. Não foi Adauto quem assinou o “Manifesto dos Mineiros”, redigido por Milton Campos, Odilon Braga, Virgílio de Melo Franco e outros, exigindo a redemocratização do Brasil, nos últimos anos da ditadura de Vargas? Não foi Adauto quem, no Governo Kubitschek, foi agredido, na porta da extinta UNE, na Praia do Flamengo, Rio, por policiais que tentavam invadir o prédio por causa da greve dos estudantes contra o aumento dos bondes? E não foi Adauto quem deu fuga, em plena Revolução de Março de 1964, a um colega pernambucano procurado pelos militares em Brasília? Em outubro de 1965, Adauto Lúcio Cardoso, coerente com os seus princípios, não cedeu ao pedido de Castelo para cassar seus colegas. Promoveu então a vigília cívica de resistência ao cerco e à tentativa de invasão do Congresso, mantido em ses-

são permanente. Ele garantia direito à palavra aos deputados ameaçados de cassação e, ao cair da noite, a luz do prédio — usando um farto estoque de velas —, já que o Executivo havia cortado a energia. Sua decisão de resistência foi depois anulada por outra, a da Mesa — e, por não concordar com a medida, Adauto Lúcio Cardoso renunciou à presidência da Câmara, depois de ter recebido carta do Presidente Castelo Branco assegurando que não decretaria outras cassações de mandatos. Deixou a Câmara, mas saiu de cabeça erguida (hoje está no Supremo Tribunal Federal, nomeado ainda por Castelo), afirmando: “A verdadeira ação democrática deveria começar não em meu gabinete, mas na rua, entre homens comuns. E nem em partidos autênticos, diferentes desse saco de gatos que são Arena e MDB, poderá haver resistência enquanto a luta não fôr colocada na rua. Mas isto é para os mais moços, é para quem pode. Eu já estou fora. Sou o que se chama um velho político, como disse um jornalista — o último dos bacharéis”.

**Qual o poder?** — Do episódio Adauto Lúcio Cardoso ficou para os políticos a lição, contida num diálogo entre o Deputado e o então Coronel Meira Matos, que com suas tropas cercava o Congresso na madrugada de 20 de outubro. “Estou admirado”, disse Adauto, “de vê-lo aqui, Coronel, não para cumprir um decreto, mas para o cerco do Congresso.” Respondeu Meira Matos: “E eu, admirado por sua atitude anti-revolucionária”. Adauto, indignado, tentou encerrar o diálogo: “Eu sou, Coronel, antes de mais nada um servidor do poder civil”. Mas a verdade, agora provada

de fato, estava na conclusão de Meira Matos: "E eu, Deputado, um servidor do poder militar". Estava definida a divergência fundamental. O Congresso não chegou de fato a aceitar o papel que lhe estava sendo reservado e que, ao partido do Governo, foi comunicado este ano, na Convenção Nacional da Arena, pelo Presidente Costa e Silva: a Arena devia aprovar as medidas do Executivo e preocupar-se em ser relações-públicas do Programa Estratégico de Desenvolvimento do Governo. Nessa mesma convenção, o Deputado Arnaldo Cerdeira (Arena—SP) faria para um plenário cansado e desiludido a seguinte declaração: "A Arena é o partido do futuro".

AGENCIA JB

Um observador político, com muita dificuldade, conseguiria perceber nessa frase de Cerdeira — político profissional, ex-pessepista e ademarista — a previsão de que o Governo ainda um dia daria um lugar à classe política marginalizada. A reivindicação, porém, era tão inexpressiva, que nem chegou a ser expressada claramente. Nesse ponto, com os estudantes nas ruas fazendo oposição ao Governo e a opinião pública agitada com a marcha dos 100 mil da Guanabara, o processo de marginalização tinha chegado ao máximo. Os arenistas não tiveram coragem de concluir que a política estava nas ruas e nos quartéis, não nos dois partidos. E que, desde então, só havia um poder.



Adauto: antes de tudo, um cavalheiro pelas liberdades individuais.

**Que partidos?** — A Revolução, sob dois comandantes, Castelo Branco e Costa e Silva, eliminou com as cassações vários líderes populares do País. Os que restaram, enfiados em dois sacos de gatos partidários, não conseguiram mais manter as suas bases eleitorais, por falta de participação nos debates governamentais e por falta de meios para atender às reivindicações populares. O partido do Governo sempre foi impotente para enfrentar a Revolução porque as decisões partidárias vinham do Executivo. Quando a Arena quis pensar por sua própria cabeça, desapareceu junto com a oposição.

de quem tanto se riam os arenistas e ainda foi acusada, no preâmbulo feito pelo Ministro da Justiça Gama e Silva ao Ato Institucional n.º 5: "Várias fontes de informação testemunham, inequivocamente, que a guerra revolucionária e os atos de subversão iam crescendo cada vez mais até atingir mesmo o próprio Parlamento Nacional, através de comportamentos de membros do partido do Governo que tinham a responsabilidade de defender, no Congresso Nacional, a Revolução de Março de 1964". Para o MDB, organizado às pressas para representar o papel de oposição, as coisas eram mais claras, con-

forme seu líder Mário Covas: "Só reivindicamos o direito de ser uma parcela das oposições brasileiras. Só sobrevivemos como partido na medida em que representarmos as verdadeiras aspirações da totalidade das oposições. Por isso o MDB se voltou para dentro do Congresso, para uma luta parlamentar, aproveitando inclusive as falhas do partido do Governo". Covas só conseguiu pensar com essa clareza depois de verificar que os oposicionistas eram repelidos pelos estudantes nas ruas e pela opinião pública. E foi o MDB que promoveu a última luta do Congresso Nacional inclusive carregando consigo uma parcela do

partido até então dito do Governo.

**Qual a divergência?** — Um discurso de menos de dez minutos, protestando contra a invasão policial da Universidade de Brasília, feito por um deputado novato da oposição, Márcio Moreira Alves, podia abalar um governo? Esse foi o começo da crise dos cem dias que terminou sexta-feira. O pedido dos ministros militares para a concessão de licença para processar Márcio Moreira Alves e, juntamente com ele, Hermano Alves, também do MDB da Guanabara, este por artigos em jornais igualmente ofensivos às Forças Armadas, estabeleceu o problema do confronto entre o Executivo e o Legislativo. O Supremo Tribunal Federal, o outro poder em jogo, retirou-se da questão, enviando o pedido de licença à Câmara. Aos deputados se oferecia a dúvida, ilustrada por uma piada de um arenista: "Um navio afundou e todos os passageiros subiram num escaler. Nêle só cabiam treze pessoas e eis se não quando aparece mais um naufrago pedindo para subir ao barco. Pensaram os outros: devemos dar-lhe a mão e correr o risco de afundar todos, ou devemos dar-lhe uma vigorosa remada na cabeça?" Esse dilema o Congresso só resolveu muitos dias depois e um dos fatores de maior importância foi a atuação do Senador Daniel Krieger, presidente do próprio partido do Governo. Desde a primeira hora foi contra a concessão da licença, chegou a escrever uma carta pessoal ao Presidente Cos-

ta e Silva, desaprovando a iniciativa dos ministros militares. O segundo fator foi o "não" que o pedido de licença receberia fatalmente na Comissão de Justiça, porque seus membros o consideraram inconstitucional. Ainda houve uma tentativa de mediação, aparentemente aceita pelo Governo, feita pelo presidente da Comissão Deputado Djalma Maranhão, de 59 anos, arenista pelo Rio Grande do Norte. Uma visita do Ministro Gama e Silva ao Congresso e a imediata substituição dos arenistas da Comissão contrários à licença, além da convocação extraordinária do Congresso, mudaram todo o panorama.

**Que naufrago?** — Quinta-feira, a Câmara, com 246 arenistas e 123 do MDB, ia votar em plenário a concessão da licença ou não. Djalma Marinho, vencido na Comissão de Justiça, havia renunciado e, com êle, tôda a bancada do MDB e os suplentes na Comissão. A liderança arenista desprezou êsse fator psicológico e insistiu na votação imediata. No gabinete de Mário Covas, já de manhã, havia uma lista com o nome de sessenta deputados da Arena que se tinham comprometido a votar "não". O esquema do MDB para aliciar votos era conduzido junto à Arena com muito realismo: como os dois partidos tinham deputados de origens partidárias diversas e também comuns, ex-pessedistas do MDB procuravam ex-pessedistas da Arena e assim por diante. Era uma última tentativa pela própria sobrevivência — ou por uma morte honrosa. Talvez, nessa altura, todos os parlamentares já tivessem encontrado uma resposta à piada do naufrágio. Sabiam que, se não dessem a mão ao naufrago retardatário, outros que continuariam no barco seriam jogados ao mar. Então todos se jogaram ao mar.

**Que vitória?** — "Um discurso não muda voto", costumava dizer o Senador Nereu Ramos, para concluir, malicioso: "Mas pode confirmá-lo". Foi o que aconteceu: Márcio Moreira Alves e seu discurso "sereno, mas altivo", na definição do arenista gaúcho Flôres Soares, e ainda a negativa de que tivesse injuriado as Fôrças Armadas, serviram para que mais alguns arenistas, como Último de Carvalho, encontrassem o pretexto para o "não". Quando o líder da Arena, Geraldo Freire, subiu à tribuna para defender a cassação, estava sério e triste. Seu rosto ficou vermelho, as palavras foram veementes, mas faltavam argumentos. Os poucos aplausos, ao final do seu discurso, mostraram que o Governo havia perdido o primeiro assalto. A vitória do "não", já esperada até em listas e bôlos feitos por jornalistas, deputados e funcionários do Congresso, só surpreendeu por ser maior, numéricamente, do que se previa. Quando o presidente José Bonifácio falou com voz grave, própria para a ocasião: "Não, 216 votos; Sim, 141 votos; Brancos, 12. O projeto fica rejeitado", o plenário de pé aplaudia, Mário Covas chorava nos braços de Mário Piva (MDB—Bahia), João Herculino (MDB—Minas) gritava a sua alegria, funcionários e deputados choravam. O Hino Nacional começou a ser cantado nas galerias lotadas e foi puxado no plenário pela Deputada Ivete Vargas (MDB—São Paulo).

O presidente da Casa, José Bonifácio, ficou atrapalhado, sem saber o que fazer, mas acabou se perfilando em respeito ao Hino. ○

## O diálogo com a Igreja Católica

A Revolução começa a primeira semana de seu quinto Ato tendo um encontro marcado com a Igreja para resolver questões que têm afastado militares e religiosos uns dos outros desde 1964. Na quarta-feira desta semana, o Supremo Tribunal Militar deve julgar o pedido de habeas corpus para os padres franceses assuncionistas e o diácono brasileiro presos em Belo Horizonte, sob a acusação de subversão. O recurso jurídico do habeas corpus foi abolido pelo Ato Institucional n.º 5, mas o STM ainda tem que se reunir, com a presença das partes, para julgar prejudicado o pedido. Mas o encontro marcado para quarta-feira entre o clero mineiro e os militares terá um sentido mais amplo. Irá definir as novas regras para a coexistência entre alguns grupos de homens das Fôrças Armadas e da Igreja, que ultimamente dialogavam em termos perigosamente secos e ásperos.

**Sinais dos tempos** — Sinais apresentados no comportamento de homens que dirigem a Igreja no Brasil revelam que muita coisa mudou nos quase cinco anos passados desde o início da Revolução (nascida na "marcha da família com Deus pela liberdade"), em fins de março de 1964, até a sexta-feira, 13, de dezembro de 1968, data do seu renascimento. Ainda o episódio dos padres estrangeiros presos no Brasil serve para apresentar êstes sinais dos tempos. Em 1964, Dom João de Resende Costa, arcebispo de Belo Horizonte, participou ao lado do General Mourão Filho das comemorações pela vitória do Movimento de 31 de Março, feitas na capital de Minas. Agora, Dom João é o homem que lidera o protesto dos padres mineiros contra a prisão dos assuncionistas franceses e do diácono brasileiro. E sua atitude foi manifestada publicamente ao Presidente Costa e Silva: dois dias antes da edição do Ato Institucional n.º 5, Dom João de Resende Costa se recusou a participar de uma festa de formatura em Belo Horizonte, onde o Presidente da República seria o paraninfo.

**Dom Jaime** — Dentro desta linha de protesto, o pronunciamento mais dramático talvez seja o de Dom Jaime de Barros Câmara, arcebispo do Rio de Janeiro. Na manhã da sexta-feira, doze horas antes da edição do Ato, êle chamou a imprensa para distribuir um texto que seria lido nas missas da Guanabara no domingo, onde dava "plena e irrestrita solidariedade à Igreja de Belo Horizonte". "A Igreja de Cristo aqui no Brasil não poderia deixar de ser fiel à sua missão, mesmo e principalmente

quando a incompreensão e a insensatez tentam impedi-la de atuar e de ser fiel", escreveu Dom Jaime. "As crises não nos metem medo. Pelo contrário, conseguem atilar a nossa fé." Mais adiante, Dom Jaime diz: "Ao próprio Cristo (e como isto nos consola e nos estimula), ao próprio Senhor Jesus acoimaram de subversivo e foi exatamente esta a prova principal do processo junto ao procurador romano".

**Bases da discórdia** — A divergência que terá no julgamento dos padres uma de suas explosões não é uma questão esporádica. Tem raízes estruturais, apóia-se em diferentes concepções do mundo e do processo brasileiro. Recentemente, numa palestra do Círculo Militar, o Ministro Albuquerque Lima, referindo-se à crise, dizia: "A Igreja está se prestando

ANTONIO ANDRADE



**Dom Jaime: nôvo apoio aos mineiros.**

do a isso (a subversão) porque está dividida. Padres e freiras andam pelas ruas sem batina, sem hábito, como playboyzinhos legítimos. (...) É preciso de uma vez por tôdas que compreendam os comunistas, os padres e bispos da esquerda festiva (...), todos, enfim, que não querem a nova ordem imposta pela Revolução, que as Fôrças Armadas, sempre irmanadas com o povo brasileiro, jamais permitirão a volta ao passado..." De seu lado, alguns bispos apresentaram na última reunião da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil um documento contestando a doutrina da Segurança Nacional "à luz da doutrina da Igreja". O documento dizia que "o conceito de civilização ocidental pregado pela Escola Superior de Guerra é um chavão e não resiste a um confronto sério com a mensagem evangélica".

**A tática da fé** — Quando Dom Jaime de Barros Câmara diz que as crises fortalecem a fé, está sendo coerente com um ponto de vista comum entre os cristãos em geral, segundo o qual a Igreja sempre sai robustecida quando enfrenta situações externas adversas. O teólogo protestante Nicholas Berdiaeff escreve: "A História da Igreja pode ser dividida em dois grandes períodos: 1. Antes de Constantino (imperador romano que

uniu a Igreja ao Estado no século IV da era cristã): a Igreja é perseguida e vitoriosa. 2. Depois de Constantino: a Igreja é triunfante mas derrotada". Se esta é a regra, a perseguição serve apenas para fortalecer a Igreja. E, no momento em que ela procura um renascimento da fé para vencer sua própria crise interna (veja a página 28), a situação criada pela prisão dos padres poderá ser aproveitada taticamente. ○

CAMPANELLA NETO



*Passeata de 100 mil pessoas no Rio de Janeiro: o ponto alto da ex-UNE este ano. Em 1964, o apogeu da ex-UNE foi o comício de sexta-feira, 13 de março. Sexta-feira, 13, passada, o ponto baixo.*

## As sextas-feiras 13 da extinta UNE

No calendário dos meios ligados à extinta União Nacional dos Estudantes, para o fim da semana passada estava marcada no Rio de Janeiro a continuação das reuniões regionais do 30.º Congresso da entidade ilegal, iniciado em Ibiúna (SP), interrompido com a prisão de centenas de participantes e recomçado há uma semana com a reunião regional de São Paulo. Mas a sexta-feira passada, dia 13 de dezembro, acabou assinalando para a ex-UNE a não-libertação de seus principais dirigentes. O Supremo Tribunal Federal, na quinta-feira, havia dado habeas corpus a Vladimir Palmeira, ex-presidente da ex-União Metropolitana dos Estudantes, do Rio; a José Dirceu, ex-presidente da ex-UEE paulista; e a Luís Travassos, ainda presidente da ex-UNE; e a Antônio Ribas, líder secundarista de São Paulo. Durante a semana, o STF havia mandado libertar, por excesso de prazo de prisão pre-

ventiva, todos os estudantes presos em Ibiúna. Mas a sexta-feira, Dia da Marinha, foi feriado militar e as Auditorias não receberam os habeas corpus concedidos na véspera. A sexta-feira foi também o dia do Ato Institucional n.º 5, que suspendeu os habeas corpus em casos políticos. De manhã, o comandante do II Exército, General Carvalho Lisboa, havia comunicado ao auditor Arylton da Cunha Henriques, da Segunda Auditoria da Segunda Região Militar (São Paulo), que mais nenhum estudante fosse solto, apesar das ordens do Supremo, "pois algo importante estava para acontecer": o Ato. Palmeira havia sido transferido para um quartel da Marinha em Niterói; Dirceu, Ribas e Travassos continuaram em São Paulo.

**As sextas-feiras da ex-UNE** — Não tinha sido a primeira sexta-feira, 13, na vida da ex-UNE. Na sexta-feira, 13 de

março de 1964, um jovem falou logo antes de Miguel Arrais e Leonel Brizola, no comício da Central do Brasil, na Guanabara, exigindo a reforma universitária e outras "reformas de base". Era o estudante paulista de Engenharia José Serra, presidente da União Nacional dos Estudantes, na época uma entidade legal que vivia comodamente sob a proteção do Governo Federal, a quem em troca dava o seu apoio político. As reivindicações da UNE e as do Governo pareciam ser a mesma coisa. A independência política da entidade estudantil encontrava-se definitivamente comprometida desde que ela se havia transformado, na prática, em um partido dentro do Governo.

Com a queda de João Goulart a 31 de março, o prédio da UNE na Praia do Flamengo, no Rio, foi incendiado, seus dirigentes tiveram os direitos políticos cassados e se asilaram e a entidade foi primeiramente suspensa e depois extinta por iniciativa do Ministro da Educação Flávio Suplicy de Lacerda. Com a ex-UNE desarticulada, foi fácil ao Governo Castelo Branco levar vantagem numa "guerra à subversão" que mantinha sob controle. Mas, pouco a pouco, os estudantes ligados à ex-UNE foram ganhando terreno nas escolas e nas ruas e trouxeram preocupações aos revolucionários de 31 de Março.

**Futuro difícil** — Essa força da ex-UNE era alimentada pelas dificuldades encontradas pelo Governo para pôr em prática a reforma universitária. Para combater a ex-UNE, as autoridades lançaram mão, ao lado do encaminhamento de inovações no ensino do País, da repressão policial aos movimentos estudantis considerados subversivos. Os estudantes ligados à ex-UNE adotaram práticas de lutas de rua, ao lado de discussões sobre a reforma universitária em faculdades ocupadas em todo o País. Seu movimento veio num crescendo, que teve dois pontos culminantes: a passeata de 100 mil pessoas, em abril deste ano, no Rio, para protestar contra o assassinio do secundarista Édson Luís por tropas da Polícia Militar, e a série de ocupações de faculdades, de norte a sul do País, na passagem do primeiro para o segundo semestre. No fim de agosto, a Universidade de Brasília foi cercada e invadida, num episódio que chegou ao espancamento de parlamentares. O movimento então refluíu, tanto por causa da repressão como pela disposição dos estudantes ligados à ex-UNE de resolver suas divergências internas. Agora, sem ter resolvido essas divergências, a ex-UNE, sem que seus líderes possam usar a arma do habeas corpus, volta ao ponto em que estava em seguida à Revolução. Para ela ficou mais difícil agir. Para o Governo, ficou mais fácil encaminhar os termos da reforma universitária. ○

# Os novos limites do Judiciário

Na Praça dos Três Podêres, em Brasília, só existe agora um poder político: o Executivo. O Congresso Nacional está em recesso por tempo indeterminado e o Supremo Tribunal Federal perdeu uma de suas funções — a de poder político do Estado. O Ato Institucional n.º 5 suspendeu o habeas corpus para “os casos de crimes políticos e contra a segurança nacional e a ordem econômica e social” e determinou também que “as medidas de segurança serão aplicadas pelo Ministro de Estado da Justiça, defesa a apreciação de seu ato pelo Poder Judiciário”.

Assim, está proibida a apreciação judicial de atos punitivos, repressivos e preventivos em salvaguarda do Poder Revolucionário. O Supremo Tribunal Federal tem seu poder restrito aos casos de Direito Privado, assim mesmo quando não sejam de iniciativa do Poder Revolucionário. Anteriormente, a concessão de habeas corpus por parte do Supremo Tribunal Federal, em casos políticos ou não, era considerada pacífica em pelo menos três situações: inépcia de denúncia, trancamento de ação penal por falta de justa causa e excesso de prazo em prisão preventiva, caso em que o réu era libertado independentemente da continuação da ação penal.

A forma atual do habeas corpus brasileiro é considerada por juristas de vários países a mais ampla e mais liberal do mundo.

**De onze para dezesseis** — O Supremo Tribunal Federal está num prédio um tanto baixo e bem moderno, muito bonito e bastante apertado. O Ato Institucional n.º 2, de outubro de 1965, havia aumentado o número de seus ministros de onze para dezesseis; o prédio só tinha onze gabinetes e hoje, com os arquivos lotados, há centenas de processos empilhados nos cantos das paredes. Em 1964, o então presidente do Supremo, Ribeiro da Costa — chefe de Polícia do Distrito Federal após a deposição de Vargas em 1945, nomeado ministro do Supremo pelo Presidente José Linhares e homem de formação udenista —, havia saudado a Revolução como acontecimento providencial para o Brasil. Quando se falou, porém, na cassação dos ministros do STF Evandro Lins e Hermes Lima, nomeados por Goulart, e de Vítor Nunes Leal, nomeado por Kubitschek, Ribeiro da Costa comunicou a Castelo que, se algum membro do STF fôsse cassado, iria fechar as portas do Tribunal e entregar



**Os juízes do Supremo: não podem julgar a Revolução.**

às chaves ao Executivo. Não houve cassações no Supremo — que começou a conceder habeas corpus a pessoas punidas pelo Poder Revolucionário, como o Governador Mauro Borges, do Estado de Goiás.

Em artigo assinado em jornais, Ribeiro da Costa convidava “os militares a voltarem para os quartéis e devolverem à

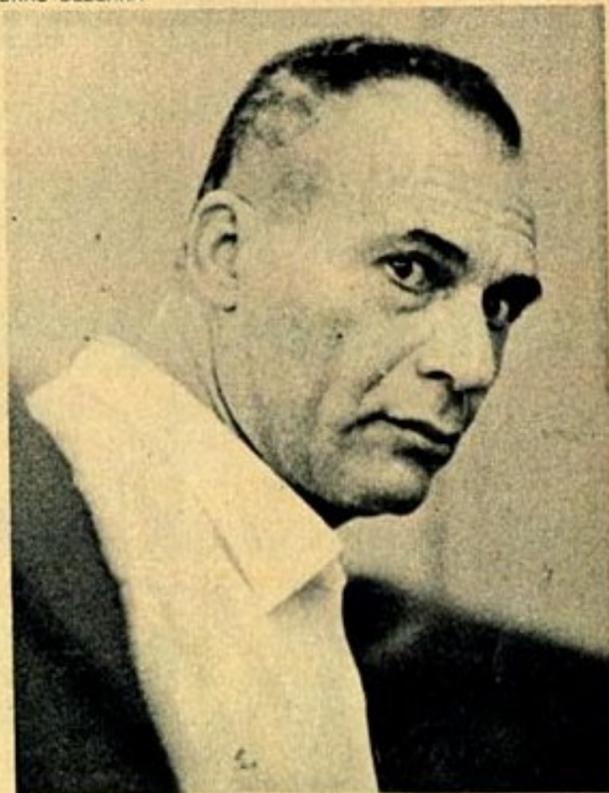
que as da política principalmente no que se refere a habeas corpus, concedidos a cassados como Darcy Ribeiro (prêso sexta-feira passada), e na semana passada a todos os estudantes presos quando participavam do Congresso interrompido da ex-UNE. Habeas corpus como êsses o STF não tem mais o poder de dar. ○

Nação o Governo de si mesma”. Logo depois, o Ato n.º 2, ao aumentar em cinco o número de membros, aumentou a proporção de juízes “pós-revolucionários” em relação aos “pré-revolucionários”. Hoje há um ministro nomeado por Linhares, um por Dutra, dois por Kubitschek, dois por Goulart, seis por Castelo Branco e quatro por Costa e Silva. Mesmo assim, o Supremo continuou levando em conta mais as razões do Direito

## O Governo, os assaltos e o terrorismo

*Ao impedir a apreciação judicial de medidas de segurança impostas pelo Ministro da Justiça, o Ato Institucional n.º 5 veio tornar menos difícil para o Governo o combate aos terroristas e aos “assaltantes políticos”. Por exemplo, não estando sujeita a prazos para apresentação de provas, será mais fácil a investigação sobre as atividades dos engenheiros Ricardo Zarattini Filho e Edinaldo Miranda de Oliveira, presos no Recife sob acusação de treinar guerrilhas e de participação no atentado a bomba contra Costa e Silva, em 1966, no Recife, em que morreram um jornalista e um almirante. Ao mesmo tempo, porém, o Ato n.º 5 eliminou a possibilidade, levantada pelo advogado carioca Celso Nascimento, de que Carlos Marighela, dirigente comunista acusado de assaltar bancos para obter dinheiro para a subversão, iria comparecer a júízo para defender-se no processo sobre o assalto ao carro pagador do Instituto de Previdência do Estado da Guanabara. O advogado de Marighela disse que o líder comunista iria apresentar-se à Justiça se obtivesse o habeas corpus impetrado no Rio contra a prisão preventiva que lhe havia sido decretada. Também o Ato Complementar n.º 38, ao decretar o recesso do Congresso Nacional, impediu a ação da CPI sobre o Comando de Caça aos Comunistas, instalada na semana pas-*

BRAS BEZERRA



**Carlos Marighela: não aparece mais.**

sada. Nos registros das polícias do Sul do País há, êste ano, contando os dois assaltos a bancos paulistanos da semana passada, 26 casos de assalto a banco não solucionados e atribuídos a subversivos. São dezesseis assaltos em São Paulo, um em Goiânia, um em Pôrto Alegre, três no Rio, três em Belo Horizonte e dois em Curitiba e renderam mais de 1 200 000 cruzeiros novos.

## Tudo começou com Marcito, um môço complicado

Márcio Moreira Alves nasceu para a vida pública sob o signo da Revolução — jornalista do "Correio da Manhã", do Rio, tornou-se conhecido desde os primeiros dias de abril de 1964 como inimigo intransigente do movimento que derrubou o Governo João Goulart. Logo elegeu-se deputado federal pelo MDB da Guanabara. Quatro anos e meio depois, com os desafios que continuou lançando à Revolução, foi um dos fatores que provocou a edição do Ato Institucional número 5 e o recesso por tempo indeterminado do Congresso. Como jornalista e deputado, sempre foi ativo e desafiador, embora os adversários o considerem "um môço rico, diletante das esquerdas". Mas é fora da política que Márcio sofre um julgamento mais severo e quase unânime: é classificado como "um arrogante". Um aristocrata que trata com indiferença as pessoas que não fazem parte de seu círculo de relações.

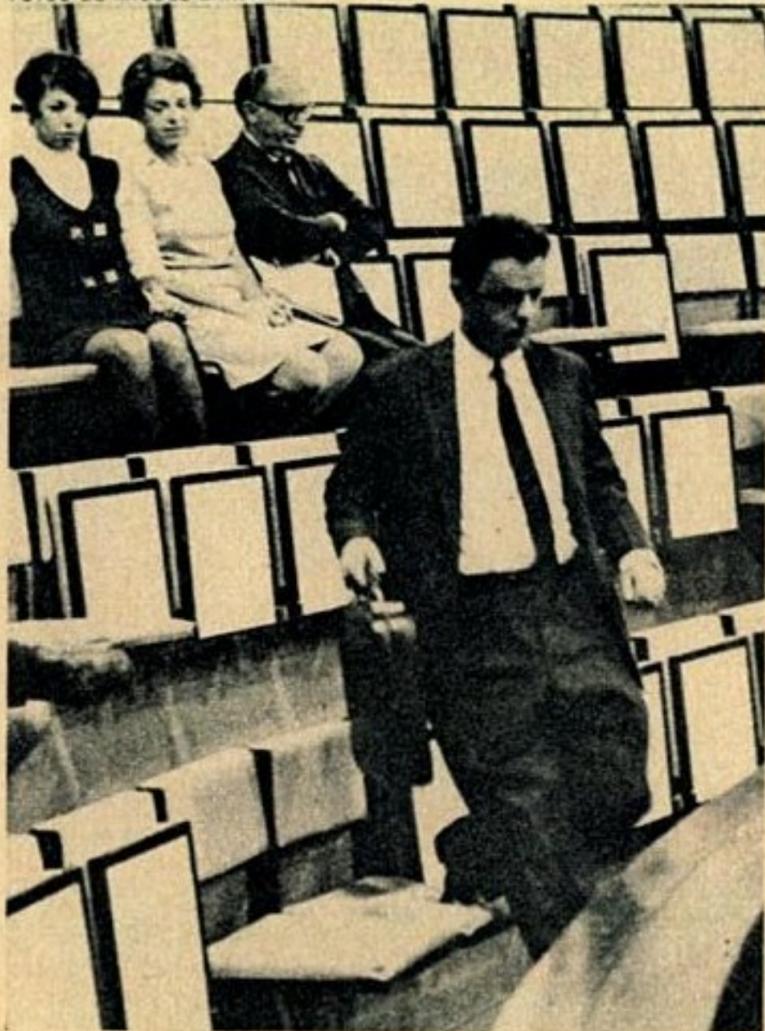
**Velha herança** — Sobrinho-neto de Dona Tiburtina — personagem lendária da política mineira de Montes Claros — e criado em uma família de velhas tradições políticas, Marcito — como é chamado por quase todos — é considerado ainda "um Mello Franco transviado". Seu pai, Márcio Mello Franco Alves, político conservador, ex-prefeito de Petrópolis e ex-Secretário de Finanças da Guanabara, é primo de Afonso Arinos de Mello Franco, um dos representantes mais influentes da antiga UDN. Sua mãe, Dona Branca, descendente do Barão do Rio Branco, foi uma das catorze pessoas escolhidas pelo Vaticano para o "Conselho de Leigos" da América Latina, que discute os atuais problemas da Igreja com a hierarquia católica. Carioca, 32 anos, dono de um apartamento duplex em Ipanema, velho amigo das praias do Rio, Márcio estudou em colégios quase

sempre católicos, formou-se em Direito, em 1961, mas nunca advogou. Aos dezessete anos, jogando rúgbi nos Estados Unidos, aonde fôra continuar os estudos, recebeu um pontapé na cabeça, que provocou um coágulo de sangue no cérebro. Operado duas vezes, foi a Paris continuar o tratamento e ali conheceu uma quase menina, descendente de nobres franceses, Marie Breux, hoje sua mulher. Casaram no castelo de Nuillé-Sur-Vicen e o casal tem três filhos: Isabela, com dez anos, Pedro Afonso, com oito e Ana Leonor, um ano e meio. No dia do noivado, Marie recebeu esta advertência de Branquinha, uma das irmãs de Márcio: "Não case com êle, senão você vai ver".

**Velha briga** — Desde menino, Marcito,

companheiro de bancada na Câmara) e com o romancista Carlos Heitor Cony no "Correio da Manhã", uma forte campanha em defesa dos presos políticos e acompanhava os inqueritos e IPMs de perto. Reuniu êsse material em dois livros — "A Velha Classe" e "Torturas e Torturados". Dêsse período se origina sua incompatibilidade com os militares e seu prestígio como jornalista, embora exercesse a profissão há alguns anos. Como repórter, esteve com os pracinhas brasileiros no conflito de Suez (1956), fêz coberturas de conflitos raciais nos Estados Unidos e de episódios relativos ao muro de Berlim. Em 1957, num tiroteio na Assembléia de Alagoas, levou um tiro na perna. Escreveu sua reportagem no hospital e ganhou o Prêmio Esso de reportagem dêsse ano.

FOTOS DE MIGUEL BRAUNE



O abraço de Dona Branca e o discurso do filho Márcio na quinta-feira agitada na Câmara Federal. Antigo repórter e môço da sociedade, Marcito sempre teve um gênio difícil.

primeiro filho do casal, sempre foi violento, brincalhão, autoritário e um pouco prepotente. Quando tinha dezoito anos, seus pais viajaram para a Europa deixando-o como "chefe da casa" — e recebiam cartas cheias de queixas das filhas sobre o comportamento de Márcio. Maria Helena, sua irmã caçula, chamava-o de "Peron" e "ditador". Ainda hoje as irmãs comentam êsse gênio violento. "Eu não te disse para não casar com êle?" lembrou a irmã Branquinha para Marie, durante os dias agitados que a família viveu nos últimos meses. Autoritário nas relações humanas, com um tom de voz agressivo, ferino e irônico que irrita os adversários, Márcio, em suas posições políticas, é inimigo da violência. Nos primeiros meses da Revolução, dividia com Hermano Alves (seu

**Um coroinha** — Foi assessor do falecido Santiago Dantas nos Ministérios da Fazenda e do Exterior e dêle recebeu forte influência. Recebeu influência também de Frei Eliseu, dominicano, que o colocou em contato com as novas posições sociais da Igreja, quando elas eram ainda pouco conhecidas. Um dos livros de Márcio — "O Cristo do Povo" — chegou a ser apreendido por determinação do Ministro Gama Silva, porque "ofendia a dignidade das Forças Armadas". Nêle, pode-se encontrar um resumo de sua visão política: "A crise de valores de uma sociedade em transformação, crise que não é apenas do Brasil mas de toda a América Latina, único continente onde poderá haver influência cristã no processo revolucionário". Era o Marcito, antigo

coroinha da catedral de Petrópolis, tentando conciliar sua formação pessoal com os processos de transformação da sociedade.

**A vida na parede** — Um dos deputados menos votados pela Guanabara — 18 506 votos — Márcio levou para a Câmara suas contradições pessoais e sua visão do mundo. Neste ano, na relação dos melhores deputados, organizada pelos jornalistas, foi incluído em duas listas — política e plenário. Fala muito: em 1967, usou 98 vezes a tribuna. Critica e pede informações aos órgãos oficiais com incrível insistência, principalmente ao Ministério da Educação. É leitor disciplinado de revistas e jornais estrangeiros. Em Brasília, instalou-se em uma bela casa junto ao lago, decorada



## As palavras que um bom redator não usa

O cronista Néelson Rodrigues transformou o "copy-desk" do matutino carioca "Jornal do Brasil" em uma das personagens favoritas em seus comentários diários na imprensa. Nas redações de jornais, o "copy-desk" — expressão inglesa cujo significado literal é mesa de cópia — é o homem encarregado de reescrever o material redigido pelo repórter (os dois são inimigos cordiais), dando-lhe uma linguagem mais elaborada, coerência e unidade. É geralmente um homem sério, imperturbável e extremamente atento aos menores deslizes e vícios de linguagem — Néelson Rodrigues costuma dizer que no dia em que o mundo acabar, o "copy-desk" do "Jornal do Brasil" noticiará o fato sem um ponto de exclamação. Responsável por uma das revoluções na imprensa brasileira, há mais ou menos dez anos, quando contribuiu para o seu aperfeiçoamento, esse jornal carioca fez do "copy" uma figura importante nas redações. Por isso muitos estranharam a edição do "Jornal do Brasil" de sábado passado. Em uma legenda sobre os jogadores de futebol do Brasil, por exemplo, usou a expressão "balipodistas", palavra que normalmente seus redatores jamais adotariam. Em outra legenda, falou de "Pelé, o festejado craque do Santos", lugar-comum que repugna ao mais displicente "copy-desk". O espanto dos leitores não se limitou a esses detalhes técnicos. Na página destinada aos editoriais — que não saíram — duas fotografias: uma, grande, de um adulto ensinando a um menino luta de judô, e outra de um cavaleiro transpondo um obstáculo. E em quase todo o jornal, anúncios classifica-

dos interrompendo notícias importantes — disposição gráfica normalmente inconcebível.

**Vigiando** — Foi o caminho que o "Jornal do Brasil" escolheu para evitar problemas com as autoridades, depois da promulgação, sexta-feira, do Ato Institucional n.º 5. O Ato prevê a possibilidade de censura à imprensa, mesmo sem haver estado de sítio. E a censura, não oficial, apareceu em episódios isolados. As edições dos jornais paulistas "O Estado de S. Paulo" e "Jornal da Tarde", sexta-feira, foram parcialmente apreendidos por agentes da Polícia Federal — e posteriormente liberadas — porque seus editoriais poderiam contribuir para "o acirramento dos ânimos", segundo a explicação do General Sílvio Correia de Andrade, delegado regional da Polícia Federal em São Paulo. Aos jornais, havia sido recomendado que não comentassem opinativamente o resultado da votação sobre o caso Márcio Moreira Alves. Os editoriais de "O Estado de S. Paulo" e "Correio da Manhã", por exemplo, foram a respeito de política internacional. A edição de "O Paiz", do Rio, foi apreendida porque continha matérias "de cunho subversivo". O único jornal local de Brasília, "Correio Brasileiro", saiu sexta-feira com algumas colunas em branco. Em Goiás, "O Popular" e a "Tribuna de Goiás" tiveram suas edições apreendidas. O "Correio da Manhã", do Rio, foi cercado por agentes da DOPS e da Polícia Federal, na sexta-feira, sendo liberada depois a edição. No Estado do Rio, as edições de quase todos os jornais foram apreendidas. As emissoras de rádio e televisão foram convidadas a não comentar o "caso Márcio" e suas conseqüências. A Associação Brasileira de Imprensa protestou, em ofício ao Ministro da Justiça Gama e Silva, contra "os atos de censura prévia praticados nas redações, em flagrante desrespeito à Constituição da República".

com móveis Luís XV, misturados com o velho colonial mineiro, quadros de Djanira, Pancetti, Heitor dos Prazeres e diversas gravuras de nobres franceses, antepassados de sua mulher. Márcio sempre mostrou-se à vontade em um tipo de vida requintado. As discriminações que faz ao convidar pessoas para as recepções que oferece em sua casa ajudaram a criar sua imagem de "arrogante" também em Brasília. É quase sempre o hospedeiro de visitantes conhecidos que chegam à capital federal. Seus adversários não cansam de lembrar esses fatos para caracterizarem sua origem de "môço rico". Origem que o próprio Márcio Moreira Alves admitiu em seu discurso, na Câmara Federal, na quinta-feira passada, antes da votação de seu pedido de cassação.

## AS PRISÕES

*Até o começo da noite de sábado, estavam presos o ex-Presidente Juscelino Kubitschek, na Vila Militar, o ex-Governador Carlos Lacerda, na Fortaleza de Santa Cruz, e o Marechal Cordeiro de Faria. Outros presos: deputados federais Hélio Navarro, do MDB paulista, Renato Archer, do MDB do Maranhão, Rafael de Almeida Magalhães, da Arena da Guanabara; deputados estaduais da Guanabara Ciro Kurtz e General Salvador Mandim; professor Darcy Ribeiro, ex-Ministro da Educação de João Goulart; Tenório Cavalcanti, ex-deputado federal e diretor da*

*"Luta Democrática", jornalistas Osvaldo Peralva, diretor do "Correio da Manhã", Francisco Pinto, repórter do mesmo jornal, Hélio Fernandes, diretor da "Tribuna da Imprensa", Joel Silveira, diretor de "O Paiz", Carlos Heitor Cony, escritor, Mário Lago, radialista. Os deputados federais do MDB Hermanno Alves, Márcio Moreira Alves, Gastone Righi e David Lerer estavam escondidos em lugar ignorado de Brasília. Em Santos (SP), o Bispo Dom Picão, em prisão domiciliar, mais três padres-operários franceses, um subdiácono e vários jornalistas.*



FOTOS DE CLODOMIR BEZERRA

Francisco Heráclio do Rêgo: rompeu com o sobrinho e com o amigo de 27 anos.

## O ÚLTIMO CORONEL

*Em 43 anos, foi a primeira derrota eleitoral de Heráclio, agora acusado de ter ordenado duas mortes*

Fim de tarde na única rua de Bizarra, subúrbio a 10 quilômetros do centro de Limoeiro, cidade de 30 mil habitantes, com ruas calçadas e muitas televisões nas casas, em que só se vendem cem exemplares de jornais por dia, a 100 quilômetros do Recife. O vereador Ermírio Firmino de Araújo, 57 anos, moreno, 1,70 m de altura e 80 quilos, tinha parado seu jipe diante da única mercearia de Bizarra. Estava indo de Limoeiro — onde vinte dias antes, pela primeira vez, desde 1925, o coronel Francisco Heráclio do Rêgo, de cabelos brancos aos 83 anos, conhecido como “o último coronel do sertão de Pernambuco”, tinha sido derrotado numa eleição — para Lagoa Vermelha, onde o vereador tinha o seu sítio. A filha de Ermírio, Edith de Araújo Cabral, com um revólver 38 debaixo da blusa, tinha descido do jipe para fazer compras na mercearia. Chega junto ao jipe Severino Bernardino de Oliveira, dezenove anos, recém-vindo de São Paulo, que pergunta a Ermírio: “Ermírio, por que você quer matar meu pai?” A resposta: “Não quero matar seu pai, pois sou até amigo dele”. Ermírio e o pai de Severino, João Bernardino, eram fiéis servidores do coronel Francisco Heráclio do Rêgo, mas há dezessete meses Ermírio havia rompido com o coronel, depois de ter feito tudo o que

Heráclio mandava desde o ano de 1940.

**As mortes** — Severino começa a gritar insultos contra o vereador. Puxa do revólver, acerta dois tiros em Ermírio e sai correndo pela rua. Na mercearia Edith ouve os tiros; enquanto anda depressa para a rua vai tirando o revólver de junto ao peito; na calçada, vê Severino a 20 metros e o acerta com um tiro pelas costas. Severino cai morto na rua. O dono da mercearia, Manuel Justino da Silva, sai nesse instante à calçada, também de arma na mão. Edith — contou depois sua irmã Maria de Lourdes, professora municipal de 27 anos e olhos verdes, que sôbre a cristaleira da sala em sua casa de Limoeiro guarda em fileiras dezenas de balas de calibre 38 duplo — “não sabia de que lado Manuel estava”. Deu-lhe um tiro na cabeça e o matou instantaneamente. Edith entra no jipe ao lado do pai ferido que com duas balas no corpo ainda dirige o carro uns 10 metros antes de desmaiar. Corre pela calçada em direção ao jipe o pai de Severino, João Bernardino, que atira várias vezes em Ermírio caído sôbre o volante. Ermírio morre. Já vem vindo às carreiras tôda a fôrça policial de Bizarra, o cabo Rafael Ferreira da Silva, da Polícia Militar de Pernambuco, que leva os sobreviventes,

João Bernardino e Edith, para o comissariado. Lá Bernardino consegue livrar-se; acerta um tiro na bôca do cabo, que foge (hoje está internado em hospital) deixando dez dentes pelo caminho. Bernardino dispara uma por uma tôdas as balas de tôdas as armas do comissariado contra Edith, que morre com dezesseis tiros nas costas. Pela rua passava Severino Gomes, que não tinha nada com a história mas também levou um tiro (está igualmente internado). Terminava mais uma tragédia pernambucana. João Bernardino saiu correndo pela noite; não se sabe onde está.

**A varanda do coronel** — Como em tôdas as tardes, o coronel Francisco Heráclio, de roupa de brim amarelado, chapéu de feltro e gravata azul de bolinhas a que nunca deu nó, estava sentado na varanda de sua casa em Limoeiro — bem cuidada mas modesta para quem tem muitas terras e milhares de cabeças de gado. A cena — e até a cadeira de madeira — é a mesma há vinte anos. O coronel que ajudou a eleger ou a sustentar os governadores Agamenon Magalhães, Etelvino Lins, Cordeiro de Farias e Miguel Arrais — para romper com Lins e Arrais no início do mandato — fala manso como se carregasse na voz o pêso dos seus anos: “Fui traído pelo vereador Ermírio Firmino, fui traído pelo meu sobrinho Adatao, prefeito de Limoeiro. Mas nunca fiz ou mandei fazer qualquer serviço. O que essa nêga moleca Maria de Lourdes, a filha de Ermírio, anda dizendo é mentira. Essa raiva que ela tem de mim não é porque o pai morreu, pois ela era intrigada com êle. Ela tem raiva de mim porque eu disse que a mãe dela não era a que ela pensava não, era outra”. Durante 27 anos, Ermírio e o coronel tinham trabalhado lado a lado. Mas, no ano passado, o sobrinho do coronel, Adatao, resolveu tornar-se independente do tio que o havia ajudado nas eleições para prefeito há quatro anos. Ermírio continuou fiel ao coronel, mas também continuava a freqüentar a casa do prefeito. Um dia, na varanda da casa do coronel, com Ermírio presente, Francisco Heráclio levantou sôbre a testa os óculos de lentes grossas e, para que todos ouvissem, comentou: “Vocês sabiam, o Ermírio está amigado com o prefeito Adatao Heráclio?” Ermírio nada disse; saiu, foi para casa, reuniu as filhas, contou o que tinha acontecido e concluiu: “Nunca mais vou pisar na casa do coronel”.

**Eleições em Limoeiro** — Para as eleições de novembro passado, o coronel Francisco Heráclio indicou, pela Arena, Artur Correia de Oliveira. Pelo MDB, com o apoio do prefeito e do Deputado Federal Maurílio Ferreira Lima — o primeiro a discutir no Congresso Nacional

o problema do PÁRA-SAR, "um comunista arretado e os comunistas são os seiscentos mil diabos", diz o coronel — foi lançado um primo de Francisco Julião, José Barbosa de Lima. Ermírio não era candidato à reeleição e só resolveu participar da campanha de José Barbosa depois de ter sabido que o coronel, mais uma vez na roda de amigos na varanda tinha afirmado: "O Ermírio anda amigado com algumas afilhadas". Os discursos que o vereador pronunciava e os que o coronel mandava pronunciar — êle nunca fala em comícios — quase só continham insultos um ao outro e lembranças de casos acontecidos em 27 anos de lutas em comum. A família de Ermírio começou a temer um atentado. As duas filhas do vereador, Maria de Lourdes e Edith, passaram a andar armadas. Sua mulher, Etelvina Sousa de Araújo, 61 anos, pedia que êle desistisse da campanha. Seu único filho estava — e continua — estudando no Rio de Janeiro. Vieram as eleições, protegidas por cem soldados, e o MDB ganhou por 1 400 votos — "exatamente os 1 400 comunistas de Limoeiro", disse o coronel, comentando sua primeira derrota. E, a 6 de dezembro, houve o tiroteio em Bizarra e as quatro mortes.

**Justiça em Pernambuco** — "Todos que dispararam contra meu pai e minha irmã pertencem ao bando do coronel Chico Heráclio", diz Maria de Lourdes, que conclui: "Estou apenas aguardando que a justiça dos homens funcione. Se ela não funcionar o meu revólver 38 fará justiça de qualquer maneira". Sua mãe Etelvina concorda: "Não posso impedir que minha filha assuma o controle da família e defenda o nosso lar". Olhar duro e voz firme, Maria de Lourdes insiste: "A derrota do coronel nas eleições é uma demonstração de que o povo de Limoeiro queria mudar". O "último coronel do sertão", como em todo fim de tarde, manda servir cafèzinho às visitas. Diz que aguarda sem receio o inquérito e que lutará nas próximas eleições: "Não posso deixar Limoeiro na mão desses comunistas". ○



Lourdes e Etelvina: órfã e viúva.

## Cartas da morte, antes e depois

Meses após ter rompido com o seu sobrinho Aduauto Heráclio Duarte, a quem havia ajudado a eleger prefeito de Limoeiro em 1964, o coronel Francisco Heráclio do Rêgo mandou publicar no "Jornal do Commercio" do Recife a seguinte carta:

"Limoeirenses: Como é do conhecimento de todos, o Partido do MDB de Limoeiro está formado por comunistas e agitadores profissionais, chefiado pelo maior comunista do Brasil, MAURÍLIO FERREIRA LIMA pois CARLOS PRESTES para êle é pinto. "Se é o LINDOLFO PIMENTEL, êste como comunista é a segunda pessoa de Maurílio, para melhor comprovar, teve seu mandato como suplente de vereador cassado, por ser Subversivo de chapa, e, o JOSÉ BARBOSA DE PAULA, além de ser candidato a Prefeito pelo MDB (apoiado por Ermírio) tem nas veias o sangue de Chico Julião pois são primos legítimos, e, como o candidato a Prefeito tem muitos o Professor Damascena que foi eleito pela Legenda de Chico Julião, é pior que fogo de munturo. Tudo isso é nada, peor é o atual Prefeito apoiando o candidato dos Comunistas. LIMOEIRO — agosto — 1968 — a) Francisco Heráclio do Rêgo — firma reconhecida."

**A DEFESA DAS FILHAS** — Depois de o coronel ter sido derrotado pela primeira vez em 43 anos de lutas eleitorais, as filhas de Ermírio Firmino de Araújo enviaram a Francisco Heráclio do Rêgo e a seu filho Francisco de Moraes Rêgo, uma carta de aviso:

"Limoeiro, 21 de novembro de 1968. Senhores Francisco Heráclio do Rêgo e Francisco de Moraes Rêgo — Diante das calúnias e boatos em torno do meu pai Ermírio Firmino de Araújo, responsabilizamos os senhores pelo que venha a acontecer ao meu pai, certas de que não ficará impune qualquer agressão ou assassinato contra êle. Vimos avisar-lhes que, se o infortúnio acontecer, juramos que não enterraremos o nosso pai sem que tiremos a vida de um Heráclio. O senhor bem conhece o nosso pai, que lhes serviu durante 27 anos com lealdade e dedicação. Estamos certos de que êle, sendo um homem de bem, não usou de traição contra os senhores, mas não podia continuar, pois, sentindo-se ferido no seu amor próprio, que é digno de todo cidadão, a fazer política a favor dos senhores, pois se assim fizesse se tornaria um sem-vergonha e indigno do nosso orgulho. Veja seu Chico que o

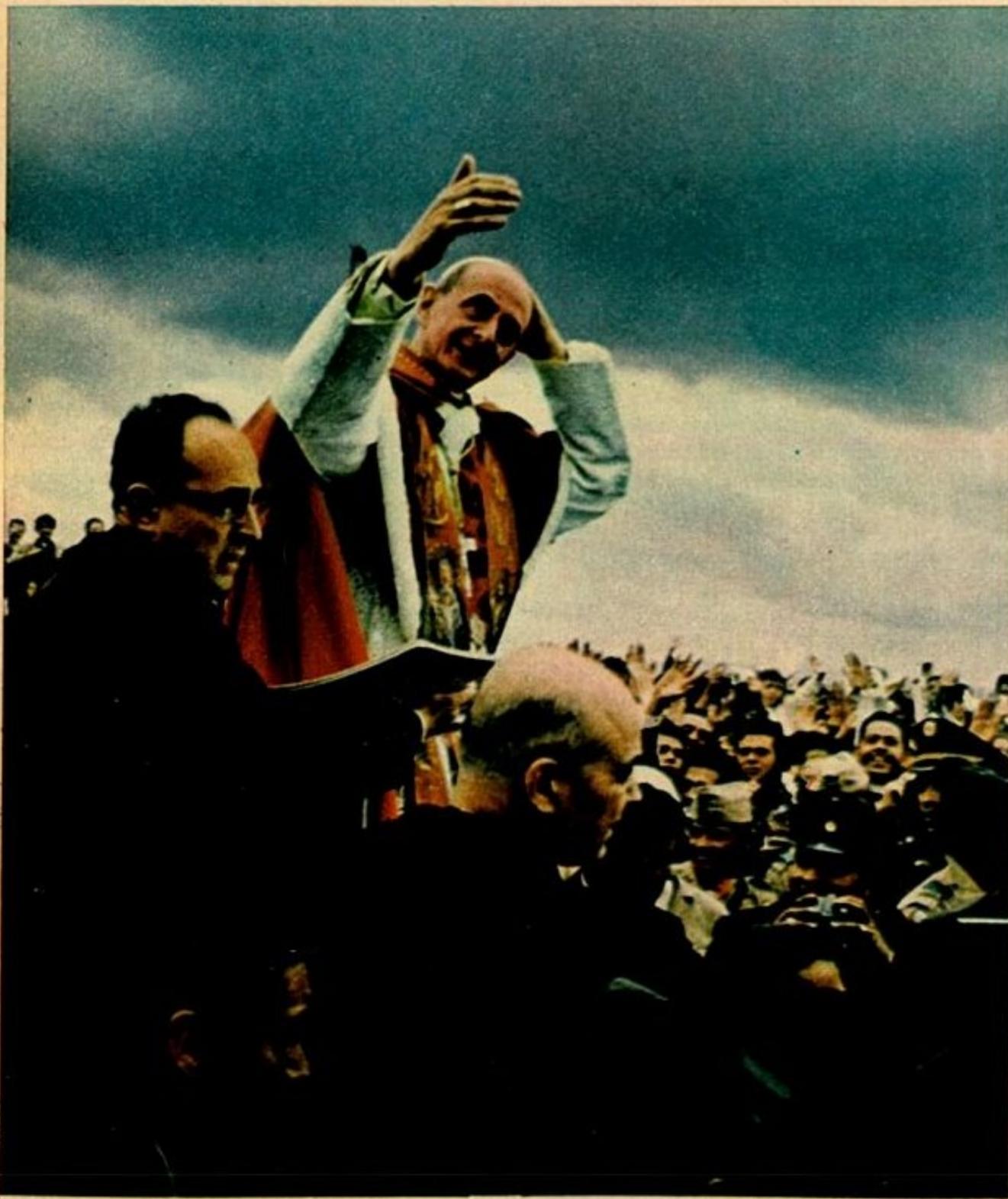
nosso pai tem os seus afazeres e não pode deixá-los abandonados, ou ver-se na iminência de tornar-se um bandido por causa de suas perseguições mesquinhas junto com o senhor Artur Correia de Oliveira (candidato a prefeito de Limoeiro apoiado pelo coronel Francisco Heráclio e vencido nas eleições), a quem também responsabilizamos pelo que venha a acontecer a nosso pai, Ermírio Firmino de Araújo. Neste momento estamos enviando uma cópia às autoridades para que fiquem cientes dos planos macabros que só na Calábria se fazem na calada da noite. Atenciosamente, Maria de Lourdes Araújo, Edith de Araújo Cabral". Cópias dessa carta foram mandadas ao comando do IV Exército, ao comando da Polícia Militar de Pernambuco, à Secretaria da Segurança e ao Governador Nilo Coelho. Diz Maria de Lourdes: "Ninguém levou em conta o que denunciámos. E o resultado foi o que se viu".

**A RESPOSTA DO CORONEL** — Ermírio Firmino de Araújo e sua filha Edith de Araújo Cabral morreram assassinados. O coronel Francisco Heráclio do Rêgo carrega no bôlso uma carta que ainda não mandou aos jornais do Recife:

"Pernambucanos — Otaviano Duarte (seu sobrinho, irmão do atual prefeito de Limoeiro) está um terror em Limoeiro a força do dinheiro, o ciúme político e comercial, chegou ao ponto que para êle mandar matar gente não é crime. Tenho certeza que um seu vigia, assassino duas vèzes já se encontra no Paraná, com a finalidade de assassinar meu Neto, João Heráclio, tudo com inveja dos descaroadores de algodão de João. Em Limoeiro, deu NCr\$ 600,000 a um elemento irresponsável para assassinar meu filho Francisquinho, isto já é do conhecimento de muita gente, com a intenção de ganhar as eleições em Passira (município vizinho a Limoeiro).

Conheço as más qualidades de Otaviano, sei que êle é capaz de tudo e de mais alguma coisa. Nada me admira para o filho que bate no pai, não encontro classificação para êle. Otavinho, queres que eu publique por qual motivo batestes em teu pai? De tão baixo que és, tentastes descasar um dos teus irmãos. Todo e qualquer mal que venha a suceder com familiares meus, a responsabilidade cai sôbre a "Fera" Otaviano. Limoeiro, 12 de dezembro de 1968. Francisco Heráclio do Rêgo." Sôbre a morte de Ermírio, o coronel não escreveu nada.

# NUVENS DE TEMPESTADE



PARIS-MATCH

Para os padres progressistas, a Igreja, como é conhecida hoje, deve morrer. Ela precisa voltar a ser pobre como nos tempos dos apóstolos. Citam um versículo da Bíblia: "Quem quiser salvar sua vida, perdê-la-á; mas aquele que perder sua vida por amor de Mim, salvá-la-á". O Papa não interpreta as coisas desse modo. Paulo VI acha que a atual Igreja Católica é a verdadeira Igreja de Cristo, e deve continuar. Mas sente bem perto a ameaça que a divisão do clero trouxe para a sua Igreja.



FRANCISCO NELSON

Por acaso não ouvimos o barulho que os coveiros fazem ao sepultar Deus?... Deus morreu! Deus está morto?" Correndo pelas ruas, segurando um lampião aceso, o louco da parábola de Nietzsche — filósofo alemão que viveu nos fins do século passado — assim anunciava a morte de Deus. Diante dos templos, gritava: "Para que servem agora estas igrejas, senão para serem o túmulo e o momento de Deus?" Deus não é mais necessário aos humanos, dizem os teólogos modernos da linha radical. É como se tivesse morrido. O homem deste século, mesmo crendo na existência de Deus, pode e deve viver como se ele não existisse. "Então para que servem as igrejas?" Embora a teologia radical ainda não tenha penetrado na Igreja Católica Romana, o Papa Paulo VI parece ter sentido a ameaça dessa pergunta. Simples advertência ou preocupação sincera, sua afirmação feita na semana passada, de que "a Igreja está a caminho da autodestruição e já chegou bem perto do ponto de naufrágio" deixou na mente de todo o mundo uma pergunta: a Igreja Católica está morrendo? E sua angustiante confissão aos bispos da América Latina, durante o 39.º Congresso Eucarístico Internacional, realizado em Bogotá, Colômbia, em agosto, é indício seguro de uma profunda inquietação. "Do alto da barca mística da Igreja — disse Paulo VI — sentimos a tempestade que nos envolve e nos ameaça." Que tormenta é essa, cuja força é capaz de abalar os alicerces de uma instituição que até a Idade Média teve em suas mãos o domínio político, econômico e espiritual de todo o mundo ocidental?

"A Morte de Deus" — Teólogos e sociólogos apontam algumas das causas: este mundo passa por um violento processo de transformações; as doutrinas e os princípios religiosos, antes aceitos pacificamente e criticados apenas em círculos fechados, hoje são, publicamente, postos em xeque. A religião tradicional insiste na dependência absoluta do homem a Deus. E a imensa obra da Criação é sempre mostrada como uma prova eloqüente da insignificância do ser humano diante do Criador. Mas o homem que começa a passear pelo espaço já não se sente tão pequeno quando contempla as estrelas: o progresso científico dá-lhe plena confiança de que um dia poderá conquistá-las. No livro "A Morte de Deus" os teólogos americanos Thomas Altizer e Wil-

# SÔBRE A BARCA DE PEDRO

liam Hamilton proclamam essa independência: "Quando os homens saem do claustro para o mundo, da igreja para o mundo e se tornam seres seculares, afirmam que não pedem a Deus para fazer aquilo que o mundo pode muito bem fazer. Acreditamos, assim, que é o mundo, e não Deus, quem provê as nossas necessidades e resolve todos os nossos problemas". Como quem chega à maioria e se sente capaz de agir por conta própria — dizem os radicais — hoje o mundo parece querer dispensar a tutela da religião.

**A morte dos anjos** — O Nôvo Catecismo holandês transformou Adão e Eva, os anjos e os demônios em simples personagens de lendas. A virgindade de Maria, mãe de Deus, foi posta em dúvida. "Quem fala hoje do inferno?", perguntou o Papa há poucos dias, num discurso. "Não gostam do assunto e não o discutem." E um jesuíta italiano, Luigi Majocco, preocupado com o desinteresse dos homens pelas coisas do céu, publicou um livro, "Humanismo Divino", onde apresenta um Paraíso eterno com tôdas as delícias da Terra: banquetes intermináveis, viagens à velocidade do pensamento, atletismo. Ali os amantes da cultura poderiam aprender com os anjos todos os segredos da ciência natural. Preocupando-se em manter os habitantes celestes e mesmo os do "mundo das trevas" nos lugares que sempre ocuparam, a Igreja está se preocupando com a própria sobrevivência. Ela é uma pirâmide onde os blocos de pedra são as Escrituras, os dogmas de fé e a Tradição. No tôpo está assentado o Papa. O conjunto todo é sustentado pela fé que os fiéis depositam no caráter divino e portanto eterno dessa construção. Se apenas um dos blocos fôr retirado ou simplesmente deslocado, o conjunto todo pode desmoronar. O catecismo holandês (proibido na sua forma atual), seguindo as tendências da Teologia moderna encara os milagres narrados na Bíblia como simples mitos ou uma linguagem puramente simbólica. Aceitar essa interpretação — como faz uma parte do clero católico, principalmente na Holanda — é deslocar perigosamente um dos blocos da pirâmide.

**Reação em cadeia** — O abalo provocado nos dogmas da Igreja pelo catecismo holandês pode ser facilmente sentido nas modificações exigidas por Roma no seu texto: 1 — Deve ser reafirmada a crença nos anjos; 2 — o catecismo deve professar francamente a virgindade da

Mãe de Jesus Cristo; 3 — deve declarar sem ambigüidade que Cristo foi voluntariamente à cruz; 4 — deverá estabelecer, fora de dúvida, que o corpo e o sangue de Cristo estão presentes no pão e no vinho da sagrada comunhão; 5 — deve reconhecer claramente a inapelável autoridade do Papa e dos bispos.

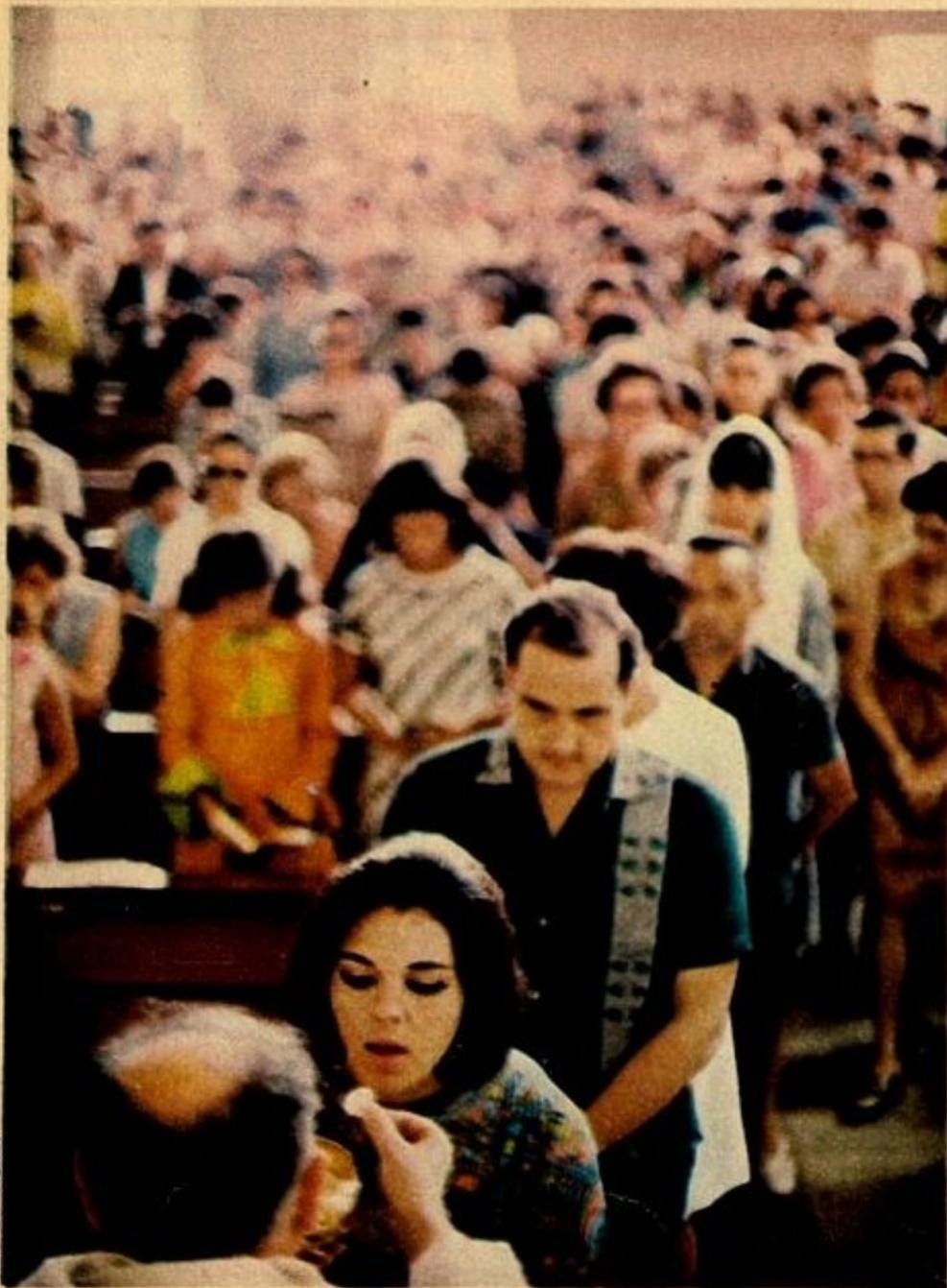
Se a validade dos dogmas é ainda objeto apenas de discussões no reduzido círculo de teólogos e especialistas, a Tradição é contestada publicamente, às vezes de forma violenta. A autoridade do Papa é um exemplo. A antiga frase "Roma falou, o debate está encerrado", hoje está transformada: "Roma falou, o debate está aberto". Os protestos contra a encíclica "Humanae Vitae", de condenação à pílula anticoncepcional, a rebeldia de alguns setores do clero, os apelos quase diários de Paulo VI dirigidos aos sacerdotes, chamando-os à obediência, provam que o Papa não exerce contrôle absoluto sôbre seu rebanho. O Padre italiano Enzo Mazzi, suspenso de suas ordens por ter publicado um catecismo proibido, deu uma demonstração do inconformismo que atinge alguns católicos: "Um sacerdote hoje não pode deixar de ser rebelde, porque a Igreja oficial está afastada do mundo, principalmente do mundo dos pobres". O Padre Enzo tem a apoiá-lo milhares de moradores de Florença. Na semana passada, quatrocentos deles, sob intensa chuva, marcharam até a catedral para pedir a renúncia do Cardeal Ermenegildo Florit, que afastou o Padre Enzo de suas funções na paróquia de Isolotto (cidade próxima de Florença). O catecismo de Enzo, "Ao Encontro de Cristo", destinado às crianças, tem na capa fotografias de uma criança atrás de uma cerca de arame farpado, negros trabalhando como estivadores, e um prisioneiro de mãos amarradas. Os "heróis humanitários" citados no catecismo: Jesus Cristo, Martin Luther King, Camilo Torres e outros revolucionários.

**Celibato** — A tormenta de que falava Paulo VI é agravada por outro sério problema: a crise de vocações. A Igreja não sobrevive sem sacerdotes. No entanto, o número de padres que abandonam a batina, principalmente para se casar, começa a preocupar mais do que nunca a hierarquia. Em muitos seminários da América Latina formam-se por ano um ou dois alunos. Em todo o mundo existem atualmente 80 mil padres casados. Anualmente, 2 500 sacerdotes seguem o mesmo caminho. No Brasil, de um total de 13 mil sacerdotes católicos, mais

de 500 são casados. O caso mais recente foi o do ex-prior dos Dominicanos em São Paulo, Frei Bernardo Catão. Nos últimos dez anos, mais de 7 mil padres franceses e 7 mil padres alemães renunciaram ao celibato. Só neste ano, nos Estados Unidos, pelo menos 463 padres fizeram o mesmo. A Congregação Sagrada Para a Doutrina da Fé, do Vaticano, tem um arquivo com uns 3 mil requerimentos de laicização, isto é, de pedidos de padres para retôrno à vida leiga. Os funcionários do Vaticano geralmente engavetam ou retardam o andamento dos requerimentos durante meses, mas muitos sacerdotes já descobriram um método eficaz para apressar o processo: casam-se mesmo sem a autorização da Santa Sé.

**A Igreja pobre** — Como o Padre Enzo, e baseados na própria encíclica "Populorum Progressio", de Paulo VI, setores progressistas do clero discutem também as riquezas da Igreja. Uma Igreja que quer se identificar com os pobres deve também ser pobre, dizem. Ou, como declarou recentemente o bispo de Crateús, Ceará, Dom Antonio Frágoso: "Uma igreja proprietária será olhada facilmente pelo povo como aliada a estruturas de opressão e de imperialismo". O Vaticano tem atualmente um patrimônio avaliado em cerca de 15 milhões de dólares (mais de 57 bilhões de cruzeiros novos), sem contar os terrenos e os templos em todo o mundo. Estes são considerados propriedades das respectivas dioceses (formadas por grupos de igrejas subordinadas a um bispo). Quinze por cento das ações cotadas na bolsa italiana pertencem ao Vaticano, que possui um banco — o Banco do Vaticano — para movimentar e controlar suas finanças.

Existem quatro órgãos destinados a administrar os bens imóveis e decidir sôbre a aplicação dos recursos financeiros da Igreja: a Administração Especial da Santa Sé, o Instituto para Obras Religiosas, a Administração dos Bens da Santa Sé e a Direção Geral dos Serviços Econômicos da Cidade do Vaticano. Mas quanto realmente a Igreja possui é um segredo que só uns poucos conhecem. Poderá a Igreja despojar-se de todos êsses bens e sobreviver? É inegável que se o Vaticano conseguiu até agora manter seu gigantesco império espiritual, foi em grande parte graças ao seu poder material. Sustentar missões, obras de caridade, dispendiosos corpos diplomáticos, requer orçamentos tão grandes quanto os de um verdadeiro Estado. Só



AMILTON VIEIRA

### A comunhão: Paulo VI quer manter o sentido da hóstia.

as despesas do Concílio Vaticano II somaram quase 280 000 cruzeiros novos.

**O rumo perdido** — Enfrentando tantas e tão grandes crises, a Igreja que, encarnando a figura do pastor, deveria guiar seu rebanho por caminhos certos e seguros, parece desorientada quanto aos rumos a seguir. Qual é a sua missão neste mundo que se transforma a todo instante e sofre, segundo os teólogos, um "processo de secularização", onde os mitos são derrubados, o abismo entre o sagrado e o profano é eliminado e a esperança da realização plena do homem na Terra substituída pela esperança das recompensas no céu? Diz a Constituição Pastoral "Gaudium et Spes", promulgada pelo Concílio Vaticano II: "Nenhuma ambição terrena move a Igreja. Com efeito, guiada pelo Espírito Santo, ela pretende somente uma coisa: continuar a obra do próprio Cristo que veio ao mundo para dar testemunho da verdade, para salvar e não para condenar, para servir e não para ser servido. Para desempenhar tal missão, a Igreja, a todo momento, tem o dever de perscrutar os sinais dos tempos e interpretá-los à luz do Evangelho, de tal modo que possa responder, de manei-

ra adaptada a cada geração, às interrogações eternas sobre o significado da vida presente e futura e de suas relações mútuas".

A Igreja tem realmente procurado analisar os sinais dos tempos. Mas ao interpretá-los, o clero se divide em grupos que seguem rumos diferentes e às vezes se chocam publicamente.

**As formas do Evangelho** — Há dois anos, nos arredores de Pátio de Cimento, uma cidadezinha da Colômbia, um grupo de 25 homens maltrapilhos, todos armados, esperava emboscado uma patrulha de lanceiros do Exército colombiano. Na luta que se seguiu, os guerrilheiros levaram a pior: quatro homens mortos. Entre eles, o Padre Camilo Tórres Restrepo. Camilo viu no seu rifle a resposta para os sinais dos tempos na

Colômbia. Em Osasco, cidade vizinha de São Paulo, operários em greve ocupam uma fábrica. A polícia intervém, os operários acusados de serem os cabeças do movimento são presos. Entre eles, o Padre Pedro Vauthier, francês, que pouco tempo depois é expulso do País. Para Vauthier, a participação na vida operária era sua resposta aos sinais dos tempos. Na recente visita que fez a São Paulo, o Presidente Costa e Silva quis homenagear o Cardeal Agnello Rossi com a comenda da Ordem Nacional do Mérito. O Cardeal recusou-a. A atitude de Dom Agnello era o início da pressão moral sobre o Governo, na linha do Movimento Ação, Justiça e Paz, fundado por Dom Helder Camara, arcebispo de Olinda e Recife, resposta de bispos brasileiros aos sinais dos tempos. Uma carta assinada por quarenta bispos mineiros foi dirigida em julho à Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB). No documento havia uma preocupação: "Vimos observando que em algumas regiões se vem dando maior relevância aos aspectos sociais e políticos em detrimento da missão espiritual da Igreja". E uma sugestão: "Que se faça um trabalho de profundidade junto aos ricos para que tomem consciência da

sua responsabilidade e de sua necessária participação ativa na solução dos problemas sociais e econômicos das classes pobres, mas que se evite a criação de um clima de luta de classes e que desapareça a orientação esquerdista para a solução destes problemas, pois isto só serve para agravá-los e dificultar nossa ação sobre aqueles que devem dispor-se a receber os ensinamentos do Magistério da Igreja". São outros bispos mostrando mais um caminho para os que querem reagir aos sinais dos tempos.

**Acertando os passos** — Tentando conter os excessos progressistas de alguns padres, ao mesmo tempo que encoraja outros a se moverem de um estado de conservadorismo exagerado, o Vaticano procura fórmulas prudentes e moderadas para eliminar o descompasso entre o relógio da História secular e o da Igreja. A liturgia foi simplificada e, dentro de determinadas normas, pode ser adaptada aos costumes de cada região. O mesmo aconteceu com os hábitos religiosos. As disciplinas das Ordens monásticas tornaram-se menos rigorosas. Os trapistas, por exemplo, já não consideram que o silêncio é ouro. Hoje eles precisam trabalhar com modernas máquinas agrícolas e não podem receber ou dar instruções sobre seu funcionamento apenas através de gestos. A voz, que guardavam apenas para os cantos gregorianos e para saudar seus companheiros com um "Irmão, a morte é certa", agora é usada também para falar o indispensável. O superior de cada mosteiro é quem deve determinar quais são os momentos em que realmente é necessário o uso da palavra. A penitência dos fiéis que cometem pecados foi suavizada — uma oração individual em casa pode substituir longas Ave-Marias e Pai-Nossos. A Cúria Romana, antes composta quase exclusivamente por cardeais italianos, foi recentemente internacionalizada.

CLODOMIR BEZERRA

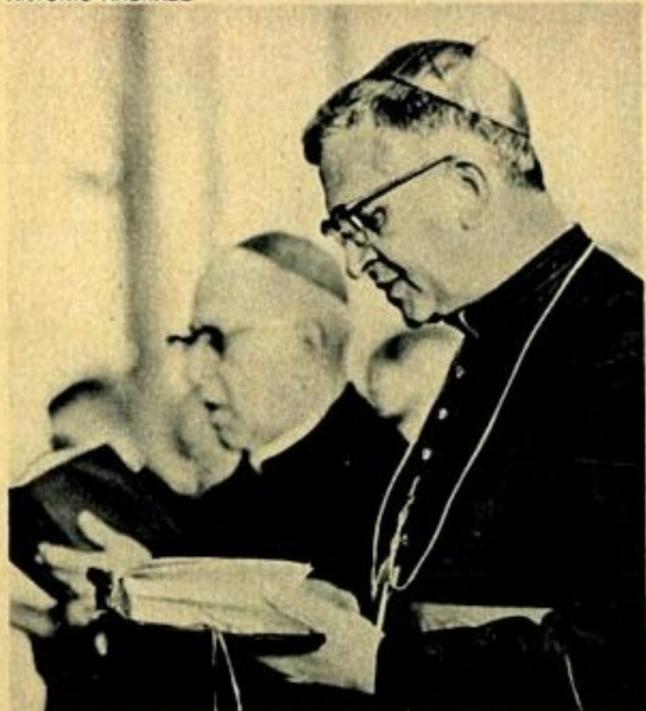


Helder: cria movimento de pressão.

Essas modificações de formas entretanto não atenuam a crise trazida pela tempestade do "processo de secularização" e muitas vezes até passam despercebidas. E quando a Igreja procura acelerar um pouco mais os ponteiros de seu relógio, acaba desencadeando acontecimentos difíceis de controlar. As ondas da secularização levam-nos para longe de seu alcance. Ao falar da autodestruição da Igreja, o Papa Paulo VI confessou que não esperava uma reação tão rápida e radical às novas normas de ação estabelecidas pelo Concílio Vaticano II. "Esperava-se um reflorescimento, uma serena expansão dos conceitos amadurecidos nas reuniões do Concílio."

**Os dogmas imutáveis** — "Renovação sim, modificações arbitrárias, não. História sempre nova e viva da Igreja, sim; historicismo dissolvidor do empenho dogmático tradicional, não; integração teológica segundo os ensinamentos do Concílio, sim; Teologia segundo livres teorias, freqüentemente tiradas de fontes adversárias, não." Estas foram algumas das advertências de Paulo VI em um de seus discursos contra o clero "excessivamente progressista". Ao mesmo tempo que pretende correr dentro da História com a mesma velocidade dos acontecimentos, a Igreja não pode arredar-se das bases que sustentam a pirâmide. Falando sobre os ensinamentos da Igreja, disse o Papa: "Neste ponto a Igreja Católica é severa, é exigente, é zelosa, é dogmática". As doutrinas aceitas não podem ser abandonadas e quanto a isso "a Igreja não cederá a nenhum pretexto". Em outra ocasião, Paulo VI já advertira: "Duas coisas particularmente não podem ser postas em discussão: a verdade da fé, autorizada pela Tradição e pelo Magistério eclesiástico, e as leis constitucionais, com a conseqüente obediência ao ministério do governo pastoral que

ANTONIO ANDRADE



Agnelo e Jaime: juntos na crise.

Cristo estabeleceu e que a sabedoria da Igreja desenvolveu e estendeu aos diversos membros do corpo místico e visível da mesma Igreja, para orientação e conforto das muitas estruturas do Povo de Deus". Diante dessa dupla situação que caminho deve a Igreja seguir para resolver a crise? Se esta é, realmente, como disse o arcebispo do Rio de Janeiro, Dom Jaime de Barros Câmara, a "mais profunda de quantas já abalaram a Igreja", então os apelos do Papa e as pequenas transformações da estrutura não resolverão o problema. Já se sugeriu a substituição de Paulo VI e de toda a sua Cúria conservadora por um Papa não italiano e uma Cúria de tendências mais liberais. Rumores sobre a demissão espontânea do Papa também tem corrido insistentemente.

A revogação da encíclica "Humanae Vitae" e a extinção do celibato clerical são outras sugestões que se fazem, se não para resolver a crise, pelo menos para atenuá-la. Mas tudo isso contentaria apenas os progressistas.

As divergências entre o clero chegaram a tal ponto que não parece existir solução possível. Para alguns padres, este é o momento da decisão: ou a Igreja segue sem reservas o "processo de secularização", ou permanece na linha seguida até agora, correndo o risco de ser tragada pela "tempestade que a envolve e a ameaça".

**O preço da mudança** — Qualquer que seja o caminho a seguir, o preço a ser pago será bastante alto. A secularização, tese adotada pelo clero progressista, é fundamentalmente isto: a Igreja deve deixar de ser um Estado e voltar à sua antiga situação apostólica. Desde que o cristianismo foi adotado por Constantino (313) como religião oficial do Império Romano, a Igreja se identificou com o poder temporal. Com o tempo ela se desvinculou desse poder, mas carregou consigo todas as características de um verdadeiro Estado.

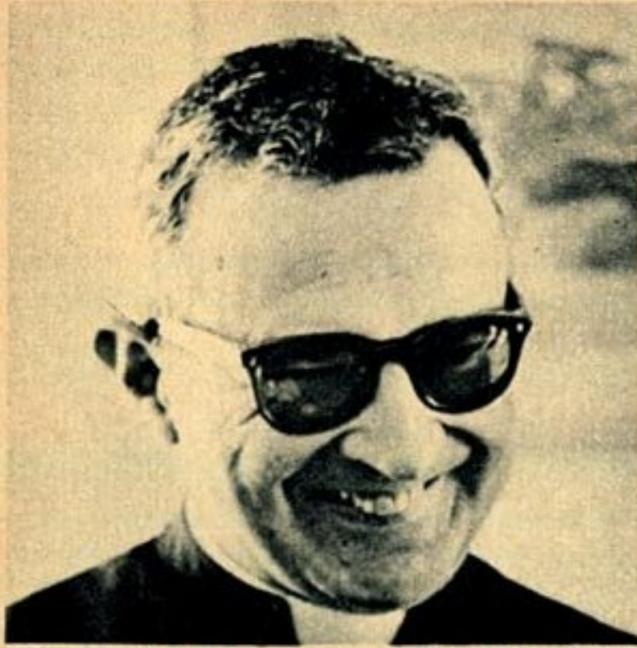
Os progressistas dizem que a Igreja deve



*Papa pode demitir-se? Acima dele não existe nenhuma outra autoridade, pois seu poder lhe vem diretamente de Deus, através do Espírito Santo. Por isso, deixar ou não o papado é um problema que deve ser resolvido somente entre o Papa e Deus.*

abandonar sua organização excessivamente hierárquica, e tornar-se democrática. Os padres de Botucatu, no interior do Estado de São Paulo, já tentaram impor essa democracia à força. Recusaram-se a aceitar o bispo nomeado pelo Papa, alegando que não haviam sido consultados para a indicação de seu nome. Organizaram uma verdadeira rebelião, ameaçando transferir-se todos para outras dioceses.

No sistema democrático da "nova Igreja" o poder seria distribuído mais equitativamente entre o clero e o laicato. A Igreja deveria também aceitar a relatividade de seus ensinamentos e estar sempre disposta a reinterpretar seus "mitos" e símbolos, tornando-se nacionalizada "no encontro com novas culturas". Essa transformação, dizem os progressistas, conduziria a Igreja a "acentuar a natureza comunitária da fé, libertando-a de tudo que é acidental e periférico, bem como de todo individualismo religioso". O acidental, no caso da Igreja, para os progressistas, é a sua "complexa organização eclesial que rodeia e sufoca a comunhão dos fiéis". Uma tal mudança implicaria a morte da Igreja assim como é conhecida hoje. E esta é afinal a ameaça que enfrenta o Papa. ○



Sigaud: fé na promessa do Espírito.

## O que falam do Papa e sua Igreja

"A Igreja em Crise", "Igreja Latino-Americana: a Vinha Turbulenta", "Rebelião na Igreja Católica", "Pílula: o Drama da Encíclica". Com títulos como esses, a crise da Igreja Católica, com o Papa como figura central, tem aparecido nas capas das mais importantes revistas do mundo, nos últimos meses, e é assunto dos jornais diários. Os graves acontecimentos que se desenrolavam dentro da Igreja Católica, muitas vezes com ampla participação dos leigos, pareciam estar preparando o espírito dos católicos para um desfecho de grande importância. No Brasil, a prisão dos padres franceses Michel Le Ven, Xavier Berthou, Hervé Croguennec e do diácono José Geraldo, em Belo Horizonte, acusados de participarem de um movimento subversivo, aumentou a expectativa de uma crise de grandes proporções. Foi dentro desse clima a divulgação do pronunciamento de Paulo VI, dizendo que a Igreja estaria "a caminho da autodestruição". Para a maioria dos católicos a declaração pareceu significar o auge da crise.

**Clero tranqüilo** — A reação do clero, no entanto, foi diferente. Embora reconhecendo a existência da crise, pois mais do que ninguém estão nela envolvidos, padres e bispos, conservadores ou progressistas, recusam-se a acreditar que o Papa tenha admitido estar a Igreja "perto do ponto de naufrágio". "O Papa Paulo VI jamais falou ou falará de uma possível destruição da Igreja, porque a Igreja Católica tem a promessa da assistência perpétua do Espírito Santo e a ga-

rantia de que as forças do inferno não prevalecerão contra ela. O que o Papa quer dizer é que dentro da própria Igreja há elementos que estão atacando pontos vitais da mesma, a saber: a doutrina, a moral e a disciplina." São palavras do bispo de Diamantina Dom Sigaud, considerado um dos representantes da ala conservadora da Igreja. Dom Helder Camara, considerado um dos representantes da ala progressista, também acha que deve ter havido um engano: "Ninguém mais do que o Papa tem a obrigação de crer nas promessas de Cristo de manter a sua Igreja. Dizer que a Igreja marcha para a autodestruição é afirmação inadmissível nos lábios de um Papa". Frei Sérgio, prior dos Dominicanos em São Paulo, admite que o Papa possa ter feito tal afirmação, mas restringe o seu significado: "uma declaração infeliz", resultado de "um estado psicológico do Papa diante dos perigos da procura de novos caminhos para a Igreja". Acha também que ela não se relaciona nem de longe com os problemas do clero brasileiro, mas sim com a Igreja na Itália, onde as brigas entre conservadores e progressistas, pelas reações violentas que provocam e pela proximidade, têm abalado bastante o Papa.

**Crise continua** — Mas se o desfecho esperado não veio, o discurso do Papa e a coincidente prisão dos padres, deixaram bem mais evidente, no Brasil, a gravidade do problema e a profunda cisão que existe dentro do clero brasileiro. O Padre Emir Caluf, professor de Psicologia na Universidade do Paraná, em Curitiba, diz sobre os padres presos: "Eles devem ser expulsos do País porque são agitadores que continuarão usando o nome de Cristo para fins psicoló-

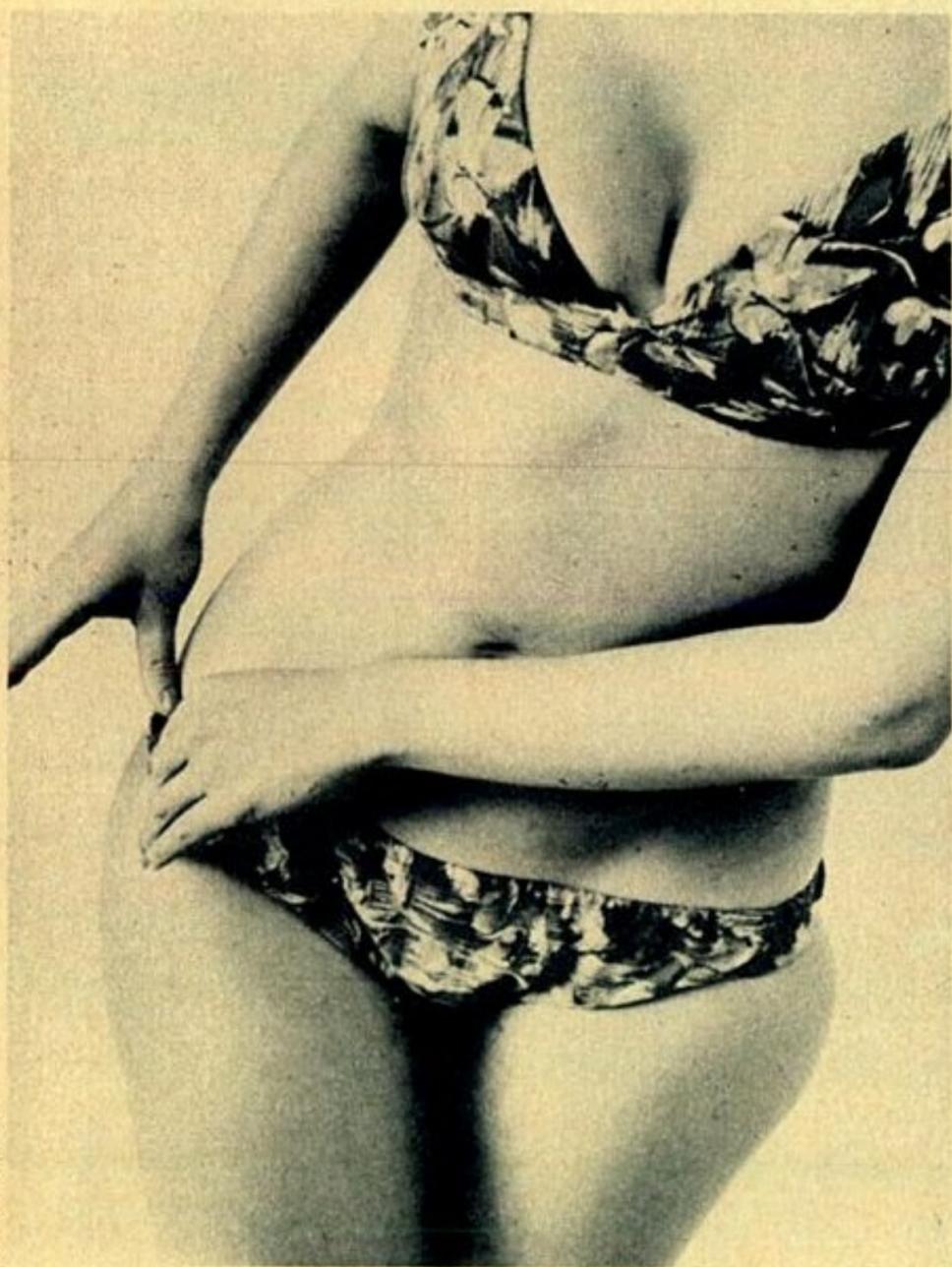
gicos, aproximando-o, identificando-o com outros nomes, desde o bandoleiro Guevara até o caduco Mao Tsé-tung. Para eles, quanto pior melhor: quanto mais confusão dentro da Igreja, tanto mais fácil será semear o erro e desrecalcificar as frustrações". A opinião de Dom Helder é bem diferente: "Segundo o depoimento do arcebispo de Belo Horizonte, colhido pelo secretário-geral da CNBB, o trabalho dos padres é um trabalho plenamente apostólico e evangélico". Quanto à confissão que teriam feito sobre sua participação em grupos de guerrilha, Dom Helder diz: "Triste de quem vai prêso. Não se pode acreditar em depoimentos arrancados através de 30, 40, 50 horas de interrogatório ininterrupto. E há toda a técnica de luz intensa nos olhos e outros processos dignos da autocritica dos comunistas ou dos processos nazistas. A afirmação feita de que 40 mil guerrilheiros estão prontos para agir de surpresa em Pernambuco é ofensiva ao IV Exército. Que estaria ele fazendo ali, enquanto um exército paralelo estaria surgindo em seu flanco?" A crise que se desenvolve dentro da Igreja acabou saindo de seus limites para atingir também, no Brasil, as relações entre clero e Governo. A CNBB já definiu sua posição: manifestando confiança nos padres, quer ver o processo seguir até o fim. O superior dos Assuncionistas, Padre Henri Guillemain, chegou da França na semana passada e pensa do mesmo modo. Uma posição que pode exprimir tanto um desafio quanto uma autodefesa para impedir que outros padres estrangeiros possam ser expulsos do País por suspeitas semelhantes. Se os padres franceses forem considerados inocentes, a Igreja terá ganho um ponto importante. ○

FOTOS DE GUINALDO NIKOLAYEVSKY



Croguennec e José (de óculos escuros): entre a solidariedade e o repúdio.

# Pronto! Verão. Tempo de biquini. V. que substituiu o açúcar por adoçantes artificiais, pode mesmo usar biquini?



O problema da perda de peso não se resolve exclusivamente com os adoçantes artificiais. Se V. por conta própria substitui o açúcar, V. aos poucos vai sentir que comprou uma ilusão: em vez de emagrecer V. continua engordando.

Açúcar é o alimento que produz energia mais rapidamente.

Assim, quando V. deixa o açúcar V. sente mais fome, pode comer mais e... engordar. E quando V. não deixa o açúcar V. sente menos fome, pode comer menos... e emagrecer.

Pense nisso.  
E V. estará se preparando para usar biquini.  
Aproveite.

**Açúcar  
é mais  
alegria!**

**Açúcar  
é mais  
energia!**



# POP



# PREFEREN



Eletrofone  
(mod. NG-1151)  
Portátil, 6 pilhas.  
Adaptável a rede elétrica.



Rádio "Philimesa"  
(mod. B3ROB-A)  
Mesa, 3 faixas de onda.



Gravador  
(mod. N-440B)  
Estereofônico de luxo  
3 velor: 2x6 watts.



# Porque TODOS AMAM PHILIPS!

Porque a Philips possui a maior linha de radiofones, eletrofones, rádios, televisores e gravadores, num total de 46 modelos diferentes, para você escolher. Porque cada um dos aparelhos Philips é o que existe de mais avançado e perfeito em seu gênero: televisores com estabilidade automática total, rádios e eletrofones de alta qualidade sonora, radiofones estereofônicos com absoluta fidelidade de som, gravadores com todos os aperfeiçoamentos da técnica moderna. Porque a qualidade Philips, reconhecida internacionalmente, representa uma garantia para quem compra e para quem vende. **PHILIPS** É por isso que, neste Natal, todos vão presentear com Philips.

Conte com a permanente assistência do Serviço Técnico Philips, em todo o Brasil.

Televisor "Stabilimatic"  
Consolete (mod. R23T464)  
Estabilidade automática total.



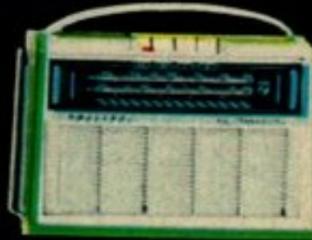
Radiofone Estereofônico  
(mod. O6RF682)  
F.M. 6 faixas de onda.  
Cambiador automático com  
4 velocidades.

Rádio "Passeport"  
(mod. L4R26T)  
4 faixas. Indicador de carga  
de pilhas e sintonia.

Eletrofone  
(mod. GF 131)  
Estereofônico de luxo.  
110/220 V. Semiportátil.



Rádio "Philetino"  
(mod. O6RL378)  
Portátil. Ondas médias  
e curtas. 4 pilhas



Gravador Mini - K7  
(mod. EL 3302)  
Portátil. Transistorizado.  
A pilhas ou rede elétrica.



# A GUERRA INSOLÚVEL

O ano de 1968 chega ao fim sem que os israelenses e os árabes encontrem a paz perdida naqueles seis dias de 1967. A situação continua intrincada, e a guerra latente pode explodir a qualquer hora.



**N**o Oriente Médio, dezoito meses depois da guerra de junho de 1967, o balanço de fim-de-ano não é nada animador: árabes e israelenses só se olham através de seteiras, o canhão continua sendo sua forma de diálogo mais constante, e nas ruas de Amã, Cairo, Jerusalém ou Damasco o povo se refere ao presente como um mero "entre-duas-guerras" e associa o amanhã a novas hostilidades generalizadas.

Assim, na própria área do conflito, a história se repete e só a geografia sofreu sérias alterações: o Estado judeu, criado em novembro de 1947, cobria aproximadamente 14 000 km quadrados. Na sua segunda versão — baseada no armistício de janeiro de 1949 — ele já passava a ter 20 800. E, de acordo com as linhas de cessar-fogo de junho do ano passado, Israel agora ocupa 90 000 km quadrados. Os palestinos, por seu lado, não só tiveram seu país riscado do mapa mundial, como toda uma geração cresceu e se formou nos campos de refugiados, que abrigam, há quase vinte anos, 1 milhão deles.

Já num plano político mais amplo, o conflito do Oriente Médio se modificou

bastante: até a explosão da Guerra dos Seis Dias, os soviéticos não tinham suficiente autoridade sobre os árabes nem os americanos sobre Israel para controlarem inteiramente sua ação. A prova disso é que Nasser tomou a decisão de bloquear o golfo de Akaba sem prevenir Moscou, e que Telavive tomou a iniciativa das operações militares sem pedir autorização a Washington. Mas agora, com a guerra do Vietnam em vias de negociação, o Oriente Médio constitui a única região onde americanos e soviéticos se enfrentam diretamente. E, fora os guerrilheiros árabes, só a Casa Branca e o Kremlin, ligados pelo teletipo vermelho, são as verdadeiras forças que hoje poderão causar ou impedir uma nova guerra.

De conflito local, o Oriente Médio se transformou numa questão internacional. Para os dirigentes soviéticos e americanos, o que está realmente em jogo não é nem a existência ou sobrevivência do Estado de Israel nem a defesa das aspirações palestinas. É a presença militar e política numa região altamente estratégica como essa, onde o avanço de um implica necessariamente no avanço do outro.

UNITED NATIONS



## DIPLOMACIA

Uma concordância de fatos recentes permite deduzir que as grandes potências estão seriamente interessadas em evitar uma nova generalização dos combates. A começar pela União Soviética, que reagiu imediatamente aos graves incidentes de duas semanas atrás, entre tropas jordanianas e israelenses: no seu editorial de 3 de dezembro, o "Pravda" declara firmemente que não permitirá um novo confronto.

É que, um ano e meio depois da Guerra dos Seis Dias, Moscou tem o máximo interesse em manter tensa, mas não incontrolável, a situação no Oriente Médio, a fim de assegurar — e de preferência alargar — a preciosa influência que conquistou junto aos governos árabes. Jogo delicado, que não é de todo indiferente à posição do Governo americano: para Moscou, como para Washington, a "détente" entre os dois grandes — mantida a tanto custo depois da intervenção dos soviéticos na Checoslováquia — deve prevalecer nas decisões de cada um. Por isso, à medida que os incidentes locais se vão agravando (calcula-se em mais de mil o número de choques entre forças árabes e israelenses, nos últimos doze meses), a Rússia e os Estados Unidos multiplicam suas iniciativas para uma solução política do conflito. Só neste mês de dezembro, enquanto Vladimir Semenov, especialista soviético para questões árabes, lançava uma grande ofensiva de conversações com diplomatas árabes na ONU, o porta-voz do Departamento de Estado, Robert McCloskey, elogiava publicamente os esforços soviéticos.

Tudo isso sem contar a atual missão de William Scranton nas capitais do Oriente Médio, teleguiada pelo Presidente eleito Richard Nixon: prevendo que sua Administração enfrentará o conflito do Oriente Médio como primeiro teste de grande crise internacional, Nixon tenta desde já reatar laços com o mundo árabe, e assim dispor de uma margem de manobras mais ampla do que seu predecessor Lyndon Johnson.

# POLÍTICA

Durante os seis dias da guerra de junho de 1967, as tropas do Rei Hussein, da Jordânia, do Presidente Gamal Abdel Nasser, da RAU, e de Nureddin Atassi, da Síria, fizeram frente única contra o inimigo comum — Israel —, o mesmo acontecendo com as populações dos três países. Mas, já no amanhecer da derrota — e bem antes da conferência de cúpula de Khartum, de agosto de 1967, que confirmou a desunião árabe face ao conflito do Oriente Médio — a desconfiança voltou a reinar entre o Cairo, Damasco e Amã, e a essa desunião veio juntar-se uma crescente radicalização das lutas internas de cada um desses regimes.

Telavive, apesar da vitória, também não ficou imune às divergências internas que, mesmo sem ainda atingir grande parte da população, dividem seriamente os dirigentes israelenses em três correntes, lideradas respectivamente pelo Vice-Primeiro-Ministro Yigal Allon, pelo Ministro da Defesa Moshé Dayan e pelo Ministro da Fazenda Pinhar Sapir. Sentados complacentemente nos territórios conquistados em 1967 e presos a uma campanha política nacional na qual nenhum membro do Governo pode demonstrar fraqueza em relação aos árabes, os israelenses se impuseram sua própria inflexibilidade.

Quanto aos líderes árabes, apesar de conscientes de que uma guerra prematura repetiria a desastrosa derrota de junho de 1967, tornaram-se prisioneiros das próprias massas, subpolitizadas e superalimentadas com sentimentos nacionais, e talvez se vejam impelidos a endossar iniciativas extremistas. O Rei Hussein, no mês passado, já fez a prova de que é perigoso se dessolidarizar dos guerrilheiros que lutam contra Israel, e o próprio Nasser, seriamente abalado pela recente revolta estudantil e pela intransigência de seus jovens oficiais, não é mais um homem tão forte, nesse seu Egito que não se conforma com a derrota e exige, a todo custo, uma revanche.

PARIS MATCH



18/12/68

CAMERA PRESS



## FÔRÇAS ARMADAS

Se o precário equilíbrio do Oriente Médio se deteriorar rapidamente, para que lado vai pender a balança da superioridade bélica? Também essa resposta, de caráter puramente militar, está nas mãos de Washington e Moscou. Durante os seis desastrosos dias de junho de 1967, a República Árabe Unida e seus principais aliados — a Síria e a Jordânia — perderam três quartos de suas forças armadas e blindadas, além das possibilidades econômicas de comprar novas armas. O Kremlin não deixou escapar este bom momento para aumentar sua influência no Oriente Médio: em doze meses, os soviéticos reconstituíram 80% do poderio militar árabe e aumentaram sensivelmente sua qualidade. Hoje em dia sua vantagem sobre Israel (em tanques e aviões de combate) é de dois contra um: Israel possui perto de oitocentos tanques — uma mistura de M-48 Pattons e Shermans americanos, de Centurions ingleses, de T-54 e T-55 soviéticos e de AMX-13 franceses — e 270 aviões de combate. A RAU, sozinha, já possui setecentos tanques e quatrocentos aviões de combate, incluindo 110 Migs-21 mais velozes do que os Skyhawks israelenses. Mas, apesar dessa superioridade em armas e homens (353 mil soldados árabes contra 255 mil israelenses), os egípcios sabem que Israel ainda conta com a mesma vantagem operacional que lhe assegurou a vitória em 1967, e com fronteiras mais favoráveis a uma nova ofensiva. Além do mais, as negociações para a venda de cinquenta caças-bombardeiros Phantom F-4 a Israel progredem rapidamente e é possível que os EUA assinem o contrato nas próximas semanas. Em resposta, a URSS entregará brevemente ao Egito duzentos caças Mig-23, que podem ser armados com projéteis nucleares e têm todos os avanços técnicos dos Phantom. Mas, à medida que a escalada aumenta, os árabes enfrentam um dilema: suas tropas não estarão prontas para um combate vitorioso antes de 1970 — e nesse ano Israel deverá entrar no clube atômico, enterando para sempre sua vulnerabilidade.

## GUERRILHEIROS

Todos os países envolvidos direta ou indiretamente no conflito do Oriente Médio precisam levar cada vez mais em conta a única força de iniciativa e de violência libertadora da região: os refugiados palestinos em armas. As quatro organizações políticas que os enquadram deixaram de ser um "instrumento de trabalho" para os diferentes regimes árabes, e os papéis ficaram invertidos: a iniciativa espontânea de um comando palestino pode, a qualquer momento, forçar Nasser ou Hussein a se engajarem numa escalada militar. Há menos de um mês, um acordo foi concluído entre os líderes dessas organizações, estabelecendo uma coordenação na ação política e militar da Frente Nacional de Liberta-

PARIS-MATCH



ção da Palestina (El Fatah), da Frente Popular de Libertação da Palestina (FPLP, seção regional de um poderoso movimento pan-árabe marxista-revolucionário), do Saika (inspirado no partido baasista sírio) e da Organização de Libertação da Palestina (OLP, antigo exército palestino formado por Ahmed Choukeiri). A combatividade desses grupos, longe de desaparecer com a derrota árabe de junho, parece ter sido estimulada por ela. Só em 1967 foram registrados mais de mil atos de terrorismo contra Israel, o que levou as autoridades locais a pensarem em contramedidas mais eficientes: ao longo do rio Jordão foi construída uma barreira eletrônica de uns 65 km, versão em miniatura da projetada linha McNamara no Vietnam, para conter a infiltração de tropas de Hanói. Mas as organizações de resistência, contando com aproximadamente 10 mil combatentes, dispoem de campos de treinamento em todo o Oriente Médio e se aperfeiçoando numa guerra de guerrilha muito eficiente. mantêm seus objetivos: primeiro, libertar os territórios atualmente ocupados pelos israelenses. Depois, libertar toda a Palestina. ○

37



De Gaulle: em vez dos grandes momentos, o preço de um saco de batatas.

## FRANÇA

# O general se aborrece com os números

Charles de Gaulle é um homem tão ocupado com a França e com o mundo que não lhe sobra tempo — nem vocação — para dedicar-se a assuntos menores. Entretanto, a crise da moeda francesa forçou-o a mudar alguns de seus hábitos. O primeiro foi interessar-se por economia, matéria que sempre detestou em toda a vida. Últimamente ele passa boa parte de seus dias mergulhado nos densos relatórios apresentados pelos burocratas do Ministério das Finanças, informando-se das cotações do franco, do dólar e do marco e acompanhando, a contragosto, o movimento de ações na Bolsa de Valôres.

Apesar desses aborrecimentos, De Gaulle se parecia muito pouco com um líder nacional em sérias dificuldades, ao circular gravemente numa recepção em Paris, dias atrás. A crise financeira, embora em recesso, ainda continua existindo dentro de uma certa calma nervosa nos centros financeiros da Europa. Mas De Gaulle já estava gracejando com um senador do seu partido e apreciando friamente a evolução da crise: "Até que não me saí muito mal..."

**Humilhações variáveis** — Simbolicamente, essa recepção foi uma pequena amostra de que a França apertou os cintos: não foram servidos nem o uísque escocês nem o caviar russo. Na semana passada aguardava-se o encarecimento de praticamente tudo, apesar da promessa do Governo de restringir os aumentos. Enquanto isso, nos aeroportos e postos das fronteiras da França, os viajantes continuavam a sofrer humilhações de graus variáveis durante as rigorosas inspeções

feitas por funcionários da Alfândega apoiados por policiais, a fim de controlar o transporte de moedas. Alguns turistas chegaram mesmo a ser despedidos e revistados.

Esses pequenos vexames internacionais, porém, não preocupam o Governo. A sua atenção está agora concentrada nos problemas internos do país. Na semana passada, todos os dirigentes sindicais disseram ao Primeiro-Ministro Couve de Murville: "Não consentiremos em perder as vantagens obtidas nos acordos de maio". Eles acusam o Governo de ter dado 21 bilhões de francos de ajuda ao patronato francês, quando a despesa total das empresas com aqueles acordos não chegaria a 10,5 bilhões.

**Saco de batatas** — "Não pagaremos os prejuízos de uma política que nos ignora", ameaçam por sua vez os agricultores, cuja força é considerável. O próprio Ministro do Interior revelou que, na crise de maio, seu medo era a participação dos camponeses. "Se eles aderissem, seria a guerra civil."

Mesmo com esses problemas, não se esperam grandes greves até o fim do inverno. Mas, em fevereiro, o Ministro das Finanças Xavier Ortoli encontrará sobre sua mesa uma folha de papel contendo os índices dos preços de janeiro. Se o custo de vida tiver marcado uma alta muito rápida, então todo o plano atual para salvar a moeda terá fracassado e os sindicatos farão agitações.

É por isso que De Gaulle tem dedicado tanto tempo de suas manhãs para acompanhar o preço de um saco de batatas no velho mercado de Paris. ○

## ITALIA

# A nova coalizão para os velhos desafios

Pela primeira vez em muitas semanas, o velho e luxuoso Palácio do Quirinal, situado numa das sete colinas de Roma, retomou o seu lugar de cérebro político da Itália. Na sexta-feira passada, numa solenidade em que os sorrisos de alívio foram a nota dominante, o Presidente Giuseppe Saragat empossou o novo Governo de Mariano Rumor, formado sobre uma nova coligação de "centro-sinistra" (centro-esquerda), reunindo doze ministros democratas-cristãos, oito socialistas e um republicano.

Durante a semana, enquanto Rumor multiplicava suas últimas reuniões com políticos, as greves e manifestações de rua continuavam em toda a Itália, embora num ritmo inferior ao dos dias anteriores, mas suficientes para mostrar uma crise social bastante profunda. Na ilha da Sardenha, os conflitos entre grevistas e policiais fizeram quarenta feridos, quando a região parou por uma greve de um dia que se repetiu em diversas regiões italianas, no sistema de rodízio acertado entre as três maiores centrais sindicais do país: a CGIL (comunista), a UIL (socialista) e a CISL (democrata-cristã).

**Crise geral** — Os motivos dessas greves sucessivas e parciais variam de uma região para outra. Em Roma, os operários exigiram que o Estado reduzisse alguns impostos para que as indústrias pudessem aplicar a diferença em aumento salarial. Em Nápoles, seiscentos turistas do luxuoso transatlântico "Leonardo da Vinci" viram a tripulação deixar calmamente o navio em solidariedade a uma greve de 24 horas dos portuários. Durante um dia inteiro, os passageiros ficaram isolados, tirando fotografias do convés ou entregues às suas próprias crises de humor.

Todas essas particularidades revelam que a crise italiana é original e até mesmo paradoxal. Com um alto ritmo de desenvolvimento (5,9% ao ano), com a sua moeda — a lira — mantendo a mesma cotação desde 1949 (620 liras por 1 dólar), com reservas de divisas que a deixam em terceiro lugar no mundo (abaixo dos EUA e Alemanha Ocidental) e exportando muito mais do que importa, a Itália apresenta boa situação econômica. Mas isso não impede que a situação financeira do povo esteja longe de ser boa: 1 quilo de carne custa 7



Estudantes na rua: um desabafo para muitos anos de inatividade política.

cruzeiros novos; um ingresso de cinema, 6 cruzeiros, mas a média de salários é a mais baixa dos seis países do Mercado Comum Europeu, o que permite aos eletrodomésticos e automóveis italianos, fabricados com mão-de-obra barata, concorrerem tranquilamente com os similares alemães e franceses. Nada menos de 1 milhão de italianos trabalha fora de seu país. Milhares de outros emigram todos os anos para a América em busca de trabalho e melhores salários, embora em teoria a renda per capita dos italianos seja relativamente alta: 1 182 dólares anuais. Além disso, a organização legal da Itália, seu sistema de impostos e de províncias e a situação feminina quanto aos direitos civis fazem o país ficar 25 anos atrasado em relação à Europa. A sua imensa burocracia estatal e a maioria dos serviços públicos foram considerados por técnicos europeus como "arcaicos e incompetentes".

**Experiência melancólica** — Em 1963, para atualizar a Itália política e economicamente com os novos tempos, escolheu-se um governo de coalizão entre socialistas e democratas-cristãos. Mas a coalizão terminou em maio do corrente ano, quando uma derrota eleitoral mostrou que os italianos não apoiavam a maneira como os socialistas se comportavam no Governo. Com efeito, pouco ou quase nada mudou realmente nas estruturas italianas, pois os socialistas não aplicaram seu avançado programa de reformas sociais e econômicas.

A experiência dos socialistas no Governo foi melancólica para o velho Partido fundado em 1892 e que já sofreu toda sorte de crises e dissidências. Na primeira delas, em 1922, os marxistas saíram de suas fileiras para fundar o Partido Comunista; em 1947 foi a ala direita que se afastou para criar o Partido Social Democrático; em 1963, outra ala es-

querdista não comunista abandonou o Partido para criar o Partido Socialista Italiano da Unidade Proletária; finalmente, no ano passado, os sociais-democratas voltaram ao regaço materno e o Partido passou a chamar-se Socialista Unificado.

**Um consolo** — Até onde esse partido é socialista e unificado? Tal pergunta continua representando o seu maior problema. No recente congresso do PSU, realizado em novembro, o grau de divergências internas foi tão grande, que, além de sopapos e empurrões entre os congressistas, o plenário não conseguiu traçar sequer um programa para ser cumprido no futuro. Os 121 membros do comitê central achavam-se divididos em, pelo menos, cinco correntes distintas: a) "autonomia socialista", liderada pelo chefe do PSU, Pietro Nenni, com 43 defensores; b) "unidade socialista", encabeçada por Francesco di Martino, com 39 partidários; c) "renovamento socialista", de Mario Tanassi, com 31 simpatizantes; d) "esquerda socialista", de Ricardo Lombardi, com onze membros; finalmente, e) "compromisso socialista", de Antonio Giolitti, com sete filiados. À frente de um partido que de unificado só tem o nome, o velho Nenni, 77 anos, veterano da Guerra Civil espanhola, antigo aliado e hoje inimigo dos comunistas, sente apenas um consolo: o de saber que, sem a participação de seu fracionado partido, nenhum governo estável pode ser criado hoje na Itália.

Tôdas as greves e demonstrações das últimas semanas na Itália parecem representar uma explosão de frustração acumulada em anos de inatividade política, de irresponsabilidade e confusão, além de um incontido desejo de reformas profundas, como observou um influente italiano: "Nosso sistema social e político já não atende mais às nossas necessidades".

## RÚSSIA

# "Alô? Aqui fala o camarada George Malenkov"

Quando um líder soviético cai em desgraça, o mais provável é que nunca mais se ouça o seu nome em público. Mas uma história que circula atualmente em Praga e em Viena, se fôr verdadeira, revela que uma autêntica ressurreição política acaba de ocorrer na União Soviética: George Malenkov, que foi Primeiro-Ministro da URSS após a morte de Stálin, em 1953, e caiu do poder dois anos depois, estaria de novo confortavelmente instalado no Kremlin como alto conselheiro para assuntos de governo.

A história começou de maneira um tanto inesperada e até bizarra. No dia 8 de novembro, o secretário do PC soviético, Leonid Brezhnev, telefonou para seu colega checoslovaco, Alexander Dubcek, reclamando enérgicamente contra a queima de bandeiras russas em Praga no dia anterior. Dubcek prometeu investigar os fatos e punir os culpados, ficando de telefonar-lhe mais tarde. Dois dias depois ligou para o número pessoal de Brezhnev no Kremlin para informá-lo sobre as providências tomadas. Mas quem atendeu não foi Brezhnev nem seu secretário particular. Segundo as versões correntes em Praga, o telefonema foi respondido por Malenkov, que teria revelado abertamente a sua identidade a Dubcek, o qual, por sua vez, reconheceu a voz do ex-governante soviético, a quem fôra apresentado em 1955. A reaparição de Malenkov no cenário do Kremlin parece ser um subproduto da crise que lavra internamente no PC e no Governo soviéticos entre a "linha dura" e os moderados. Segundo se comenta, Malenkov, hoje com 66 anos, foi "ressuscitado" para vir reforçar a corrente moderada do Primeiro-Ministro Alexei Kossiguin. Isto não deixa de ser uma reviravolta completa e até ilógica, pois Malenkov acumulou um raro passivo de incompetência em seu passado político: em 1955 foi afastado do Governo por fracassar no plano agrícola; em 1957 foi demitido da alta direção do PC sob a acusação de integrar um grupo "antipartido"; em 1963 foi exonerado da direção da usina hidrelétrica de Ust-Kamenogorsk, na Sibéria, por "incapacidade". Mas agora, misteriosamente, Malenkov ressurgue das cinzas, mostrando mais uma vez que os jogos do poder do Kremlin estão sempre sujeitos a mudanças bruscas.



Em Moçambique, o combate da Frelimo é também uma aposta contra o tempo

## AFRICA

# A guerrilha germânica de Moçambique

Um oficial alemão, treinado nos clássicos princípios germânicos da guerra, não parece ser a pessoa mais indicada para orientar um movimento de guerrilhas nas selvas africanas — mas, contrariando tôdas as suas tradições militares, a Alemanha Oriental resolveu fazer sua primeira tentativa no gênero. No comêço de novembro, desembarcou secretamente em Moçambique uma “missão militar” de Pankow — termo pretensioso para um grupo formado apenas por um coronel e seu assistente —, destinada a auxiliar a luta dos negros moçambicanos pela sua independência de Portugal. E, apesar de tôdas as dificuldades já esperadas, êsse obscuro coronel alemão, sem o prestígio internacional de um Ho Chi Minh e sem a mística de um Guevara — não se sabe nem mesmo o seu nome — conseguiu, em apenas cinco semanas, fazer com que os líderes da Frelimo (Frente de Libertação de Moçambique, um dos mais organizados movimentos revolucionários do mundo inteiro) aceitassem tôdas as suas sugestões.

O “Plano Perfeito” apresentado pelo coronel se ajusta muito bem à mania de organização que vinha perseguindo a Frelimo nos últimos meses: nada da improvisação latino-americana que levou Guevara à morte na Bolívia, tudo dentro da rígida disciplina germânica. Os rela-

tórios que êle apresentou — quase uma pesquisa de mercado sôbre o futuro da guerrilha em Moçambique — vieram colocar bastante luz numa situação que parecia cada vez mais sombria: embora os líderes da Frelimo afirmassem contar com o apoio da maior parte dos moçambicanos, nem mesmo 20 por cento da população tinha conhecimento dos sucessos (ou dos fracassos) dos guerrilheiros — e nenhuma das cidades importantes do país estava nas mãos dos rebeldes.

**Agitador estudantil** — A situação do movimento tinha chegado a um ponto tão crítico, que apenas uma frase do coronel serviria para convencer os revolucionários da necessidade de reformular seus planos: “Se em seis anos de luta a Frelimo só conseguiu dominar um quinto de Moçambique, serão precisos vinte anos até que o país inteiro esteja libertado”. Com 738 mil km<sup>2</sup>, mais de 7 milhões de habitantes (onde 97 por cento são negros), Moçambique vive basicamente da agricultura — açúcar, algodão, caju, copra, sisal e chá — e sua produção reverte inteiramente em benefício da metrópole. Mesmo assim, o nacionalismo nunca foi evidente até 1962, quando a Frelimo se formou, e as primeiras lutas pela liberdade foram tôdas comandadas por chefes tribais sem ne-

nhuma consciência política e com medíocre preparo intelectual. A organização só ganhou força ideológica e militar quando um antigo agitador estudantil de Lourenço Marques (a capital da colônia), e sociólogo formado nos Estados Unidos, assumiu definitivamente sua liderança: Eduardo Modlane. E foi êle quem solicitou ajuda à Alemanha Oriental.

**Milícias populares** — O relatório do coronel alemão trouxe uma série de sugestões, tôdas elas aceitas sem restrições pelos líderes da Frelimo. Como primeira medida, os revolucionários começaram a estabelecer contatos iniciais para a compra de armamento antiaéreo, um elemento básico na luta contra a aviação portuguesa. A rede de comunicações com a Tanzânia, um dos países líderes na campanha africana pela descolonização, e sede oficiosa da Frelimo, foi totalmente reformulada e fortalecida. Ao mesmo tempo, o comandante das forças militares do movimento, Samora Machel, iniciou a formação de milícias populares, com homens e mulheres, para guarnecer as zonas já “libertadas” da colônia, e transferiu os campos de treinamento de novos guerrilheiros, que eram na Tanzânia, para o próprio território de Moçambique. Outro grupo se encarregou de recrutar técnicos dos países socialistas, interessados na causa da Frelimo: viriam médicos, professores e instrutores de técnica militar para as crianças das “zonas libertadas”. Finalmente, em sua conclusão, o coronel apresenta a mesma idéia já defendida por Guevara quando estêve combatendo

no Congo em 1965: "As guerrilhas na África devem começar pelo campo. Só depois vamos nos preocupar com as cidades".

**Um vizinho a menos** — Embora a maioria das sugestões apresentadas pelo emissário da Alemanha Oriental já esteja em franca aplicação, o maior problema de Modlane não está resolvido: é a falta de tempo. A Frelimo precisa preparar seus homens na maior rapidez, para que o movimento tenha condições de impedir a realização do mais ambicioso projeto de Portugal nas suas colônias — o sistema hidrelétrico de Cabora Bassa (6 milhões de kw, 1,4 bilhão de dólares, maior que Urubupungá) no rio Zambeze, financiado pelo Banco Mundial, pela África do Sul, e por outros investidores estrangeiros. Para Portugal, a reprêsa terá valor na medida em que sua construção, e o conseqüente desenvolvimento da região, trouxer imigrantes brancos dispostos a se fixar em Moçambique. Para a África do Sul, a vantagem é dupla: a energia de Cabora Bassa trará uma ajuda importante para a sua expansão industrial, e também a garantia da fixação de Portugal — e da minoria branca — em Moçambique. Assim, o regime racista de Balthazar Vorster teria um vizinho a menos para criar-lhe problemas. (O Governo de Pretória chegaria mesmo a comprometer-se oficialmente em Moçambique, enviando tropas de auxílio aos 65 mil portugueses que lutam contra os 15 mil guerrilheiros regulares da Frelimo.) Modlane sabe que o domínio português dificilmente seria desalojado de Moçambique depois da reprêsa pronta. Entretanto, Modlane também sabe que Portugal, um dos menores e mais pobres países da Europa, terá grandes dificuldades para construir a reprêsa e combater os guerrilheiros ao mesmo tempo. Atualmente, 42 por cento do orçamento nacional de Portugal já são gastos com despesas de defesa nas colônias — e os líderes da Frelimo prometem fazer tudo para que essa taxa seja aumentada até um limite verdadeiramente insustentável. ○

#### Desde a escola, treinamento militar



## ESTADOS UNIDOS

# Haldeman, o superministro de Nixon

Durante suas cinco semanas como Presidente eleito dos Estados Unidos, Richard Nixon conferenciou com os principais líderes políticos do país, pedindo-lhes sugestões para o seu gabinete. Chegou mesmo a enviar cartas para os 60 mil inscritos no famoso "Who's Who in America", solicitando-lhes que recomendassem "pessoas de excepcional talento" para os cargos mais importantes do Governo. Na última quinta-feira, Nixon finalmente definiu seu Secretariado, um grupo de homens capazes e poderosos. Entretanto, nenhum dos seus Secretários terá, na nova administração, fôça e poder de decisão como um velho companheiro do Presidente, nomeado chefe do Pessoal da Casa Branca: Harry Robbins Haldeman, Bob para os muitos amigos. Um esportista que transborda vitalidade, apesar do cabelo cortado à escovinha, um quase gênio de QI elevadíssimo, apesar de uma fria indiferença pelo sucesso pessoal, Haldeman é uma das poucas pessoas que têm acesso à intimidade, dentro do fechadíssimo círculo de amizades que cerca a família Nixon. E agora que ele também é o homem mais próximo das responsabilidades e das decisões que envolvem a Presidência dos Estados Unidos, uma pergunta inevitável já começa a ser feita desde os bate-papos dominicais nas fazendas do oeste, até as reuniões secretas dos políticos da oposição: "Afinal, quem é esse Bob Haldeman que ninguém conhece?"

**Plantas no jardim** — Acima de tudo, esse californiano de 42 anos — que abandonou um grande salário na empresa de propaganda J. Walter Thompson para ser o braço direito, a cabeça e o coração de Richard Nixon — terá a missão de guardar o corpo político do Presidente e proteger seu espírito executivo. Operando de um quarto vizinho ao apartamento de Nixon no Hotel Pierre, em Nova York, Haldeman já está se acostumando às funções que desempenhará na Casa Branca. Ele supervisiona a marcação de todas as audiências concedidas pelo Presidente eleito, recebe a maioria de suas chamadas telefônicas, escolhe os memorandos e os jornais que os olhos



Nixon: com a ajuda de Haldeman, tudo será mais fácil.

do chefe deverão ver, em suma, faz tudo para que o trabalho de Nixon seja simplificado ao máximo. Na sua vida particular, Haldeman esquece completamente a rigidez que ele demonstra enquanto trabalha. Extremamente modesto, de caráter tão simples que chega a irritar seus próprios amigos, passa quase todos os seus domingos tomando banhos de sol ou fazendo surf, brincando com os quatro filhos ou cuidando do jardim, ouvindo discos dos Beatles ou da Tijuana Brass. Mas em tudo está presente o seu sentido de organização.

**Um coordenador** — A estrutura intelectual de Bob Haldeman foi inteiramente formada no mundo da publicidade: "Eu sou um especialista em mercadologia. Não me meto em questões de ideologia". E ele acredita ser muito mais um coordenador do que um inovador, mais um técnico do que um político. É claro que Haldeman também tem suas preferências partidárias. "Eu sempre fui republicano", diz ele, "antes mesmo de conhecer Dick." Mas, na verdade, Haldeman só se envolveu no jôgo dos votos e dos eleitores depois de conhecer o Presidente eleito. Desde 1956 ele trabalha ativamente com o "velho Dick", de tal modo que Nixon raramente o cumprimenta quando conversam ao telefone: as chamadas são estritamente relacionadas com o trabalho, da primeira até a última palavra. Todos esses anos de vida em comum com um dos mais experientes políticos americanos fazem com que Haldeman chegue a Washington com um amadurecido estilo de administração. "Bob sabe o que quer", diz sua mulher Joane. "Ele sempre foi organizado, sempre organizou suas coisas muito bem. Em toda a nossa vida nunca houve confusões nem dúvidas." ○



Rafael Caldera: aliança com a esquerda ou negociações com Perez Jimenez.

## VENEZUELA

# Bandeiras verdes nas ruas de Caracas

Quando o Supremo Conselho Eleitoral da Venezuela finalmente divulgou na semana passada o resultado oficial das eleições, as bandeiras verdes da democracia cristã voltaram novamente às ruas movimentadas de Caracas. Os partidários de Rafael Caldera, alguns deles vestidos de verde da cabeça aos pés, estavam comemorando não apenas a vitória de seu candidato, mas também a atitude do candidato oficial derrotado, Gonzalo Barrios, que acabou reconhecendo o resultado das urnas, embora muita gente pretendesse anular as eleições alegando que num dos distritos do Estado de Barinas o número de votos apurados superou o número de eleitores que compareceram às eleições.

Nos outros países da América Latina, a vitória de Caldera foi recebida com graduações de simpatia que variaram desde a agressividade de Fidel Castro — que falou, como sempre, da “farsa das eleições” na Venezuela — até a alegria declarada do Presidente Frei, naturalmente satisfeito com o progresso da democracia cristã no continente. Houve, também, insinuações veladas de algumas publicações argentinas, que comentaram os interesses financeiros da família Rockefeller na vitória de Caldera.

A vitória dos democratas-cristãos na Venezuela representa para o Presidente chileno uma compensação para a situação atual na Bolívia e no Peru, onde os partidos irmãos, que em 1967 tinham conseguido vários ministérios, se encontram agora divididos em correntes opostas de opinião e afastados do poder pelos

governos autoritários dos generais Barrientos e Alvarado. Com a mudança na política venezuelana, aumentaram também as possibilidades econômicas do Mercado Andino — Bolívia, Equador, Peru, Colômbia, Chile e Venezuela —, fortalecido pela amizade que liga os dois presidentes democratas-cristãos sul-americanos ao Presidente Lleras Restrepo da Colômbia.

**Combinação do Governo** — Desta forma a democracia cristã, que parecia até alguns anos atrás destinada a um papel secundário na política do continente, reaparece agora numa nova perspectiva de força: ela pode ser a ideologia formadora de blocos entre os países latino-americanos. Na Venezuela, embora Rafael Caldera seja conhecido como um advogado de centro-direita — expressão que ele mesmo empregou para se definir —, a linha do seu Governo dependerá sobretudo das combinações do Governo com os partidos da oposição. Eleito com menos de 30 por cento dos votos, Caldera não pode enfrentar, isoladamente, a maioria da Câmara e do Senado, que permaneceu nas mãos da Ação Democrática. Para vencer essa desvantagem, o Governo precisa aceitar o apoio e as exigências do Movimento Eleitoral del Pueblo, partido que nas últimas eleições teve os votos dos comunistas, ou negociar a aprovação de cada lei com os diversos grupos de deputados, entre os quais estão os representantes da Cruzada Cívica Nacionalista, chefiada pelo ex-ditador Marcos Perez Jimenez.

## URUGUAI

# Danças mágicas para atrair muitos dólares

Apesar de alguns fracassos, os feiticeiros econômicos da América Latina continuam à procura de novas danças mágicas capazes de provocar a tão desejada chuva de dólares. A última tentativa vem do Uruguai, onde o Ministro do Turismo acredita nas virtudes da propaganda feita em larga escala no exterior. Se os planos derem certo, o País receberá neste verão uma precipitação monetária de 120 milhões de dólares, que virá suavemente pelo céu a bordo dos grandes aviões, no bolso dos turistas estrangeiros.

Para atrair os visitantes, o Uruguai confia na propaganda e nas suas belezas naturais, que já foram descobertas há muito tempo pelos políticos expulsos dos países vizinhos. A principal atração são as praias, desde Punta del Este, onde Juan Domingos Perón comprou um apartamento, até as areias douradas de Piriápolis e Atlântida, onde Leonel Brizola amarga o quarto ano do seu exílio. Mas a política interna do Uruguai, com suas greves e atentados, oferece um clima de imprevistos que pode afastar os viajantes.

Os turistas já inauguraram a temporada deste ano em hotéis com elevadores paralisados desde as 3 horas da manhã por uma pane misteriosa e conheceram todos os lugares pitorescos de Montevideu, à procura de um banco aberto ao público. As explicações desses inconvenientes poderiam ser encontradas nos jornais, se eles não tivessem desaparecido das bancas por causa de uma greve de 48 horas do pessoal das redações e das oficinas. No Cassino do Carrasco, no entanto, o turista sem sorte teria o consolo de saber que o seu dinheiro não ficou nas mãos do dono das roletas: na madrugada do último dia 29 foi roubado por seis indivíduos da organização terrorista dos Tupamaros.

Tôda essa agitação é provocada pela política salarial do Governo, que procura compensar pela austeridade interna a queda incontrollável do valor das exportações de carne e lã — uma queda tão violenta, que obrigou o Uruguai a reorientar a economia, incentivando a abertura de hotéis e serviços de turismo e investindo mais de 200 000 dólares em propaganda, numa nova tentativa de trocar a aridez econômica da exportação de matérias-primas pela fértil chuva de dólares do turismo. ○

# ANTENA

Apesar do silêncio oficial, persistem em Moscou e Washington os rumores de que o Presidente Lyndon Johnson, antes do final de seu mandato, terá um **outro encontro pessoal com o Primeiro-Ministro soviético Alexei Kossiguin**. Assunto a ser discutido: limitação da corrida dos mísseis anti-mís-

NEWSWEEK



Johnson

seis, uma corrida que potencialmente não tem fim e que consumirá somas incalculáveis de dinheiro. Fontes da Casa Branca confirmam que Johnson está disposto a falar novamente com Kossiguin (que seria o principal interessado nessa conversa) mas dentro de duas exigências: os russos devem dar provas concretas de que o debate será produtivo; devem alterar sua política em relação à Checoslováquia.

O diplomata de carreira **Georgi Markovich Kornienko** está sendo apontado em Moscou como o sucessor de Anatoly Dobrynin no posto de **Embaixador da União Soviética em Washington**. Kornienko, que tem 43 anos de idade, é atualmente o chefe da Seção Americana no Ministério das Relações Exteriores da URSS, e já serviu na Embaixada soviética em Washington durante os governos de Eisenhower e Kenne-

dy. Dobrynin, que agora deixa o cargo, foi o embaixador russo que mais tempo ficou nos EUA: seis anos e meio.

Fontes do Pentágono adiantaram que o Governo americano desistiu definitivamente de um bizarro e audacioso plano para recuperar o navio "Pueblo" e seus 82 tripulantes, presos desde o último mês de janeiro na Coreia do Norte. O plano: **capturar dois grandes barcos pesqueiros norte-coreanos** que estão sendo construídos em estaleiros da Holanda, para trocá-los com o "Pueblo". A operação seria feita quando os barcos iniciassem a sua viagem inaugural rumo à Coreia, no começo do ano que vem. Os americanos desistiram do plano por considerar que agora já é muito tarde para uma manobra desse tipo: se ela fosse feita pouco depois da captura do navio americano, haveria justificações; mas agora, quase um ano depois, o Pentágono acha que a operação teria características de um ato de pirataria.

O Primeiro-Ministro alemão Kurt Georg Kiesinger pretende publicar, até o

PARIS-MATCH



Kiesinger

fim do ano, uma série de documentos **esclarecendo suas atividades como homem pú-**

**blico durante o período nazista**. Acusado constantemente por seus opositores, Kiesinger estaria assim fazendo uma contra-ofensiva para "limpar seu nome" e colocar uma pá de cal sobre o passado. Os observadores acham que já era tempo: ainda na última semana a agência de notícias Extra Dienst, esquerdista, publicou seis documentos assinados por Kiesinger, como funcionário do Ministério de Relações Exteriores nazista. Um deles trazia a menção: "Heil Hitler".

Um caso raríssimo de cooperação entre soviéticos e chineses acaba de ser divulgado pelos serviços secretos da Indonésia: Moscou e Pequim teriam entrado em **acôrdo para reavivar o outrora famoso Partido Comunista Indonésio (PKI)** que chegou a ser o mais poderoso PC do mundo fora do campo socialista. Praticamente destruído pelas prisões e execuções em massa feitas em 1965 — quando o General Suharto subiu ao poder — o PKI estaria recebendo importantes fundos em dinheiro e a ajuda de agentes árabes, enviados pelos russos e chineses — os árabes, muçulmanos como a maior parte dos indonésios, podem circular com razoável liberdade pelo país.

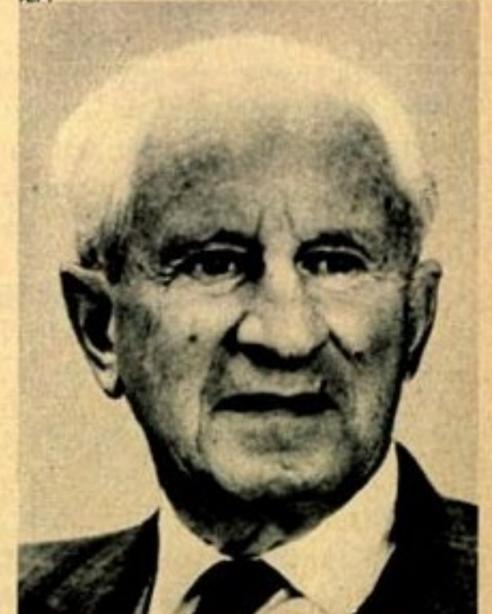
O Governo grego, segundo informam os serviços secretos ocidentais, está providenciando, de algum tempo para cá, a retirada de suas melhores tropas das fronteiras terrestres com a Bulgária e a Turquia. Essas tropas estão sendo deslocadas para a área vizinha à capital, Atenas, e para o porto de Pireu, o principal da Grécia. A **crescente presença de navios soviéticos no Mediterrâneo** é que explicaria esses movimentos de tropa em território grego.

O Embaixador soviético no Egito, o experiente diplomata de carreira Sergei

Vinogradov, pediu com insistência ao Presidente Nasser que **reforce seriamente as defesas em torno da grande repêsa de Assuã**, sobre a qual repousa todo o futuro industrial do país. Vinogradov teme que um ataque-relâmpago dos israelenses possa destruir a maior obra jamais feita pelos soviéticos fora da URSS — e que, além de um imenso trabalho, custou 500 milhões de dólares aos cofres de Moscou.

O filósofo alemão Herbert Marcuse, guia intelectual da juventude revolucionária na Europa e Estados Unidos, publicará seu próximo livro no início do ano que vem. **Título mais provável: "Um Ensaio Sobre a Libertação"**. Em sua obra, Marcuse prediz que os Estados Unidos, dentro de cinquenta anos, continuarão no "estágio pré-revolucionário" — ou seja, na mesma situação em que, segundo ele, o país se encontra agora. Marcuse, setenta anos de idade, acha que o motivo desse "marasmo" é que ainda não existem nos Estados Unidos suficiente colaboração e entendimento entre a vanguarda revolucionária

AP.



Marcuse

ria — os jovens universitários — e a massa — os trabalhadores.

# PASSAPORTE PARA O ESTUDO

*Em 1969, 3 mil brasileiros vão lutar por uma bolsa de estudos no exterior (de preferência em Paris ou Nova York)*

**T**rês mil estudantes todo ano tentam sair do Brasil para fazer estudos de pós-graduação, disputando seiscentas bolsas oferecidas por diversos países. Muitos excedentes do vestibular nas faculdades de Medicina, em 1969, como fazem anualmente, irão para Portugal onde, graças a um convênio com o Brasil, têm matrícula garantida. Pagam, eles mesmos, as despesas de viagem, comida e hospedagem (com 300 cruzeiros novos por mês, um estudante vive em Portugal). Vale a pena estudar no exterior? A maioria diz que "sim", apesar de alguns enfrentarem problemas de relações humanas. O engenheiro carioca, Sérgio Balloussier da Luz, por exemplo, que frequentou como bolsista a Escola Superior de Fundação, de Paris, de 1966 a 1967, conta que sua recepção não foi boa. Nos primeiros dias, ele e mais quatro bolsistas estrangeiros levaram uma descompostura de um catedrático: "Vocês são todos uns vagabundos e vêm a Paris fazer turismo". Luís Roberto Salinas Fortes, instrutor de Filosofia na Universidade de São Paulo, também se queixa: "Ganhei uma bolsa de estudos em Filosofia. Me mandaram para Rennes, uma cidade sem graça do interior da França, onde chove o ano inteiro. Às 10 horas da noite não havia mais ninguém nas ruas". Érica Jany, paulista, dezoito anos, viveu com uma família americana um ano, cursando a última série da High School (que corresponde ao 3.º científico), com bolsa do American Field Service. O regulamento da bolsa, sempre dada a secundaristas, proibia Érica de dirigir, beber e fumar. Na sua última semana nos Estados Unidos, Érica conheceu Nova York e preparou-se para a viagem de volta. Conselhos que recebeu do American Field: não usar blusões americanos berrantes, não dizer a toda hora "nos Estados Unidos é assim" e não ficar falando inglês para esnobar diante dos amigos. Conclusões de Sérgio Balloussier, Luís Roberto e Érica após os estudos na França e nos Estados Unidos: "O ensino é excelente, os cursos apertados, fazem-se boas amizades e vive-se a experiência de uma cultura diferente".

**Com bolsa, é melhor** — A melhor maneira de se estudar no exterior é com bolsa de estudos, o que significa passagens pagas, universidade de graça e uma importância em dinheiro para pagamen-

to de hospedagem e alimentação. Há bolsas para a França, Estados Unidos, Alemanha, Portugal, Espanha, Inglaterra, Holanda, Bélgica, Japão, Itália, Dinamarca e Polônia. Países preferidos e que oferecem maior número de vagas: Portugal, Estados Unidos e França. Portugal dá por ano 130 bolsas no valor de 700 cruzeiros novos mensais cada uma, algumas para especialidades raras como Estudo do Metabolismo de Medicamentos Marcados no Tratamento da Bilharziose. Em 1967, o Governo francês atendeu 89 dos 150 pedidos, a maior parte para estudos de pós-graduação nas áreas de Filosofia, Ciências Sociais e Letras. Este ano, para quarenta bolsas nos Estados Unidos, apresentaram-se quatrocentos candidatos, apenas em São Paulo. Exigências dos consulados e embaixadas (as informações sobre bolsas e a seleção de candidatos é sempre através deles): bons conhecimentos da língua do país onde o aluno vai estudar, currículo escolar com boas notas, diploma de curso superior, cartas de apresentação, muita saúde e, às vezes, idade inferior a 35 anos. O único organismo

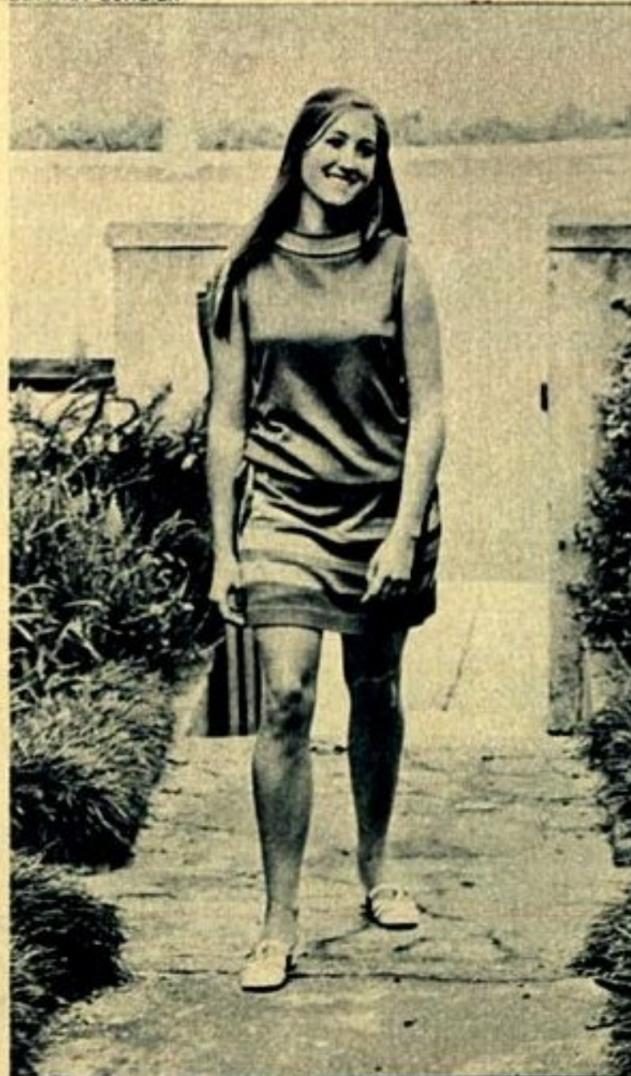
brasileiro que dá bolsas de pós-graduação para o exterior é a Capes (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior), ligado ao Ministério da Educação.

Além das seiscentas bolsas para estudos de pós-graduação (dadas a estudantes formados) há outras para secundaristas, oferecidas pelo American Field Service e o International Fellowship. Foi durante a guerra que o American Field começou a funcionar levando soldados feridos para um período de repouso nos Estados Unidos. Hoje, leva estudantes secundários (anualmente 3 200 de 52 países, inclusive da Cortina de Ferro) para permanência de um ano, estudando numa escola e vivendo em casas de família.

Os que vão para os Estados Unidos podem evitar problemas entrando em contato com a Associação Alumni, formada em São Paulo por ex-bolsistas. Seu presidente, Milli Teperman, diz: "Façamos tudo para ajudar os estudantes a se adaptarem mais rapidamente".

**Como viver com pouco dinheiro** — A maior parte dos bolsistas para a França recebe 400 cruzeiros novos por mês. Como o dinheiro é pouco, muitos procuram um "bico" para completar o orçamento: trabalho na cozinha do restaurante da Aliança Francesa ou como carregador noturno no mercado de Paris. Nos Estados Unidos não faltam empregos para estudantes apertados: pode-se fazer embrulhos na Mashall Field, uma grande loja de departamentos de Chicago, trabalhar de baby-sister (babá eventual paga por hora) ou nas bibliotecas das universidades, transportando livros em carrinhos. Se a bolsa não é boa financeiramente, o melhor é sair do Brasil com licença remunerada do emprego (no serviço público essa licença é possível). O Itamarati dá ajuda de 50 dólares mensais aos estudantes que recebem menos de 250 dólares mensais (solteiros) e menos de 400 dólares (casados). Apesar das dificuldades que vai enfrentar com uma bolsa de 400 cruzeiros novos mensais para um curso no Instituto de Altos Estudos, na França, Albertina Gordo de Oliveira Costa, 25 anos, formada em Ciências Sociais pela Universidade de São Paulo, já está arrumando as malas: "Se precisar, vendo meu carro. Sei o valor de um título conseguido em universidade estrangeira".

BETTINA SCHEIER



**Érica: ensino bom, comida insôssa.**



© VOLKSWAGEN DO BRASIL S.A.

## Tudo o que começa bem, termina bem.

Lembra como começou a sua vida em comum com o Volkswagen?

Ele sempre foi um companheiro de confiança desde o primeiro dia.

Nas tarefas fáceis, e naquelas não tão fáceis.

Pois mesmo quando v. exigia longas viagens dêle, sem parar, ele jamais ferveu.

Graças a seu motor refrigerado a ar.

E quando v. andava por estradas cheias de água e lama, ele também não reclamava.

Graças à chapa de aço que fecha o chassi embaixo.

Ele também nunca quebrou mola alguma, no meio de um caminho esburacado.

Porque usa barras de torção, em vez de molas.

E em troca de tudo isso, ele nunca exigiu muito.

Sempre se contentou com pouca gasolina, pouco óleo, pouca oficina.

Muito bem.

Mas digamos que v. resolveu

vender o seu Volkswagen.

Como serão as coisas nessa hora?

Nós sabemos: tudo vai terminar bem.

Sempre tem gente querendo pagar um bom preço para ter tudo aquilo que v. teve com o seu Volkswagen. E esse dinheiro já é boa parte do que v. precisa para começar tudo de novo.

Comprar um Volkswagen "0" km, com aquela certeza de que tudo o que começa bem, termina bem.



Começa uma nova era na vida da Terra: Neste sábado de manhã, três homens saem para visitar outro astro do sistema solar.



NASA

## Longa viagem para ver a Lua de perto

**E**ra uma vez três homens de olhos azuis que tinham onze filhos e amavam a aventura. Era uma vez também um sábado de manhã e os três homens estavam sentados numa minúscula cabina no alto do que parecia uma grande torre cilíndrica brilhante e metálica de mais de 100 metros de altura. Vestiam estranhas roupas fôfas e brancas e capacetes transparentes lhes cobriam toda a cabeça. De repente, a torre gigante começou a erguer-se lançando para o solo grandes labaredas vermelhas e azuladas. Fazia um barulho formidável, rugindo como nenhum outro veículo deste mundo e a terra tremeu ao redor, até vários quilômetros dali. Em poucos minutos, toda a imensa construção era um pequeno ponto negro que logo desapareceu no céu. E então algu-

mas pessoas no local anunciaram: "São três homens de olhos azuis que têm onze filhos e estão indo para a Lua, passar o Natal por lá".

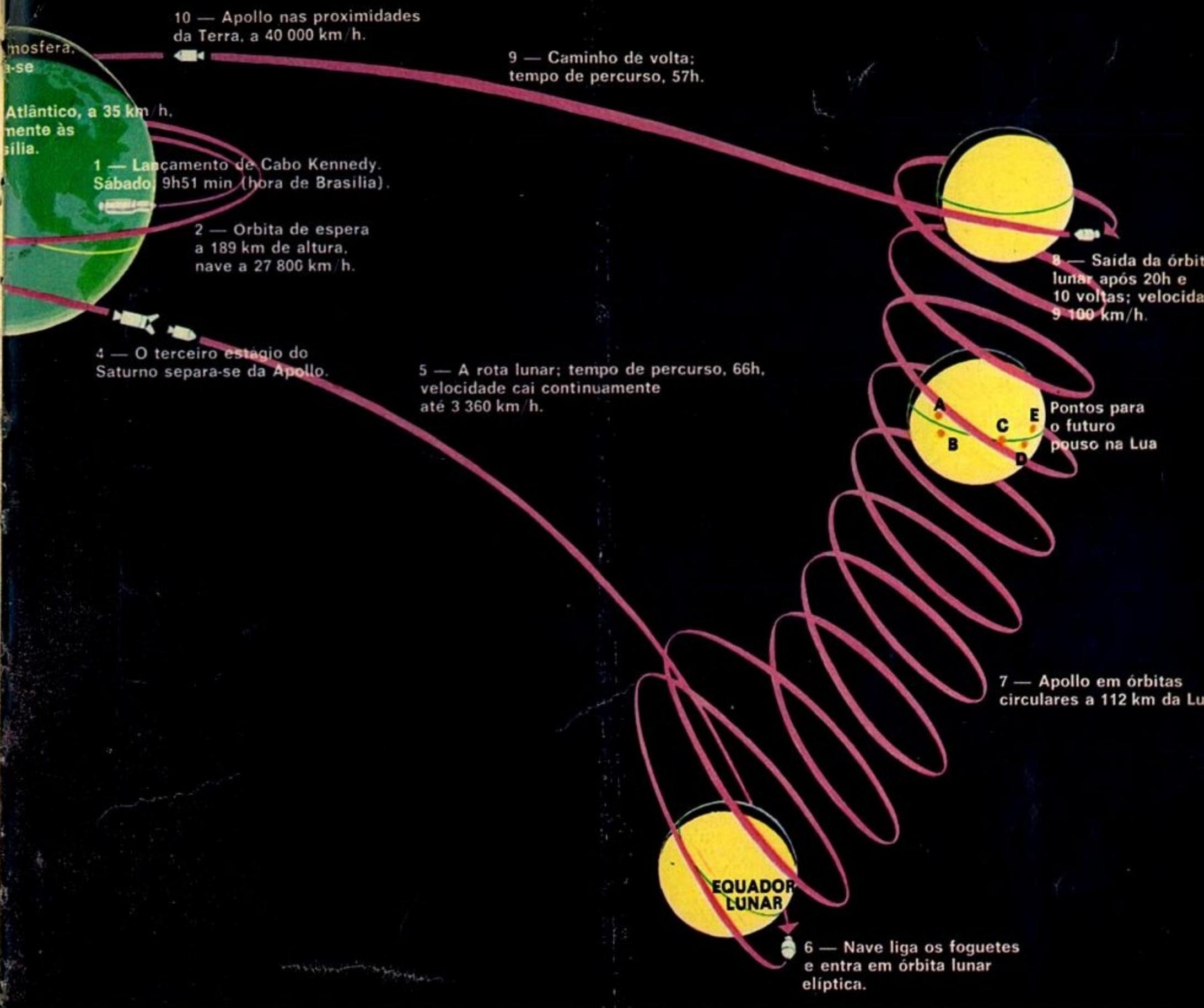
**Além da ficção** — Na manhã do próximo sábado, Frank Borman, James Lovell e William Anders estarão montados na mais poderosa máquina já construída pelo homem, o foguete Saturno V, prontos para iniciar a viagem que há alguns anos parecia uma aventura dos contos de fadas: um passeio para ver a Lua de perto durante vinte horas no Natal. Às 7 horas e 45 minutos da manhã, de Cabo Kennedy (9h51 min em Brasília), os três devem partir para uma navegação de 800 000 quilômetros no espaço profundo iniciando a época das excursões do homem pelo sistema solar.

Nesta primeira saída do planeta, os astronautas não têm grandes ambições científicas. Procurarão apenas testar o funcionamento do navio espacial num caminho inexplorado e contemplar com olhos humanos a fantástica paisagem além de seu pequeno mundo. Mas, politicamente, o vôo tem grandes intenções. Borman, Lovell e Anders sobem para tentar dar aos americanos a iniciativa na pista da Lua, que até agora tem sido marcada por uma sucessão de primeiros lugares russos.

**Os superlativos** — Este 28.º vôo espacial tripulado é a viagem dos superlativos. Nada semelhante foi tentado até agora. De todas as grandes navegações de descobrimento, esta excursão é de longe a mais fascinante e ambiciosa, a



MINORU NORIUTO



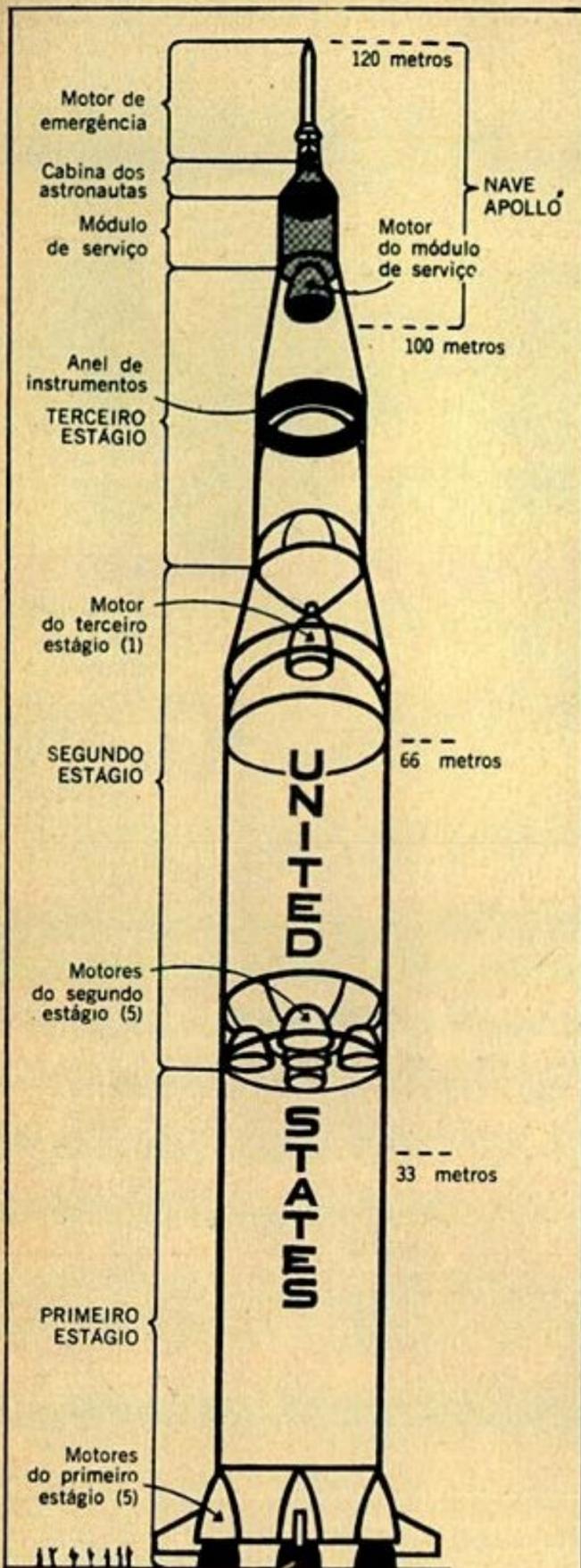
mais complexa e sofisticada, a que mais desperta o orgulho humano, o maior desafio à sua imaginação. Talvez por isso mesmo é uma viagem também criticada de forma superlativa. Segundo a revista inglesa "The Economist" seu objetivo é tão fútil como a conquista de um título de Miss Universo. Para a Academia Nacional de Ciências dos EUA, os diretores do projeto Apollo programaram mais um "show de televisão" do que um programa sério de pesquisa científica.

Ralph Lapp, um dos cientistas criadores da bomba atômica americana, acha que o vôo só deveria ser feito se a NASA tivesse condições de salvar os astronautas no caso de um defeito da nave perto da Lua. Os russos, que aparentemente teriam as melhores condições para fazer a viagem (já enviaram as sondas

Zond 5 e 6 pelo mesmo caminho e as recuperaram com precisão), até o começo da semana haviam desistido cautelosamente de fazê-la. Estrategicamente, estariam deixando a chance do sucesso e os grandes riscos de fracasso para os rivais que sempre superaram em onze anos de corrida ao satélite. "Os norte-americanos querem efetuar um vôo ao redor da Lua sem experiências automáticas prévias. Isso implica um risco", dizia, no começo da semana passada, Georgy Beregovoy, que pilotou a Soyuz-3 recentemente. "Finalmente os vencemos", dizia, no fim da semana passada, Walter Cunningham, que pilotou a Apollo-7 recentemente.

**A partida** — Indiferente aos maus presságios, o Saturno V está pronto para su-

bir da rampa 39 em Cabo Kennedy. E a viagem que faz a ponte entre a ficção e a realidade já está calculada minuto a minuto. Com um empuxo de 36 locomotivas diesel o primeiro estágio do Saturno arranca do solo a imensa torre cilíndrica com os três astronautas na ponta e dois minutos e meio depois os viajantes estão rasgando a atmosfera da Terra a 9 600 km/h, seus corpos pesadamente achatados nos assentos por uma aceleração que os torna oito vezes mais pesados. No fim desse pulo inicial, a 61 quilômetros de altura, com uma espécie de golpe de cotovelo proporcionado por retrofoguetes, o Saturno livra-se dos cinco gigantes motores de seu primeiro estágio. Ligando a segunda fase, seis minutos e meio depois a nave está no nível de sua órbita de espera,



Trezentos e cinquenta mil cientistas, engenheiros, técnicos e outros trabalhadores de 20 mil companhias construíram durante dez anos o navio que sairá sábado de Cabo Kennedy para levar três homens a 112 km da Lua. O foguete Saturno V e a nave Apollo, juntos, formam o mais complexo projeto tecnológico já executado pelo homem. O Saturno tem a altura de um prédio de 36 andares, cerca de 3 milhões de peças, o peso de 2 mil automóveis, produz energia como 543 bombardeiros a jato. Para encher seus reservatórios de combustível (3 100 t) são necessários 36 caminhões-tanques. Seu primeiro estágio, que funcionará apenas dois minutos e meio, consome 15 toneladas de combustível em cada segundo.

a 189 km de altura e 22 000 quilômetros por hora. Quando o segundo grande cilindro consome suas 500 toneladas de combustível e cai no mar o motor do terceiro estágio é ligado durante alguns segundos para acelerar a Apollo até 27 800 quilômetros horários para a espera em torno da Terra. Com o terceiro estágio do Saturno ainda agarrado a ela, a nave fará duas ou três órbitas em torno do planeta enquanto os astronautas inspecionam seu veículo para saber se há sinal verde para a partida. Se as duras condições de subida na atmosfera não tiverem danificado algum equipamento vital, por volta de meia-dia de Cabo Kennedy, 2 horas de Brasília, três homens partem para a Lua.

**A travessia** — Para sair da roda-gigante onde estão amarrados pela atração da Terra, os astronautas ligam novamente o terceiro estágio do Saturno e apontam o nariz da Apollo para o ponto no espaço onde a Lua deverá estar dali a dois dias e meio, tempo que precisam para chegar ao encontro marcado. O último sôpro do foguete dá à nave 40 000 km/h e a coloca na rota de travessia para a Lua. Durante 66 horas os astronautas se aproximam do satélite que a princípio é um pequeno disco de prata no negro vazio cósmico e depois vai crescendo sozinho num universo de luzes fixas e de brilho imutável. Na travessia, os astronautas irão rodando no espaço para evitar que o Sol queime sua habitação celeste; sem atmosfera para atenuar sua ação ou retransmitir o calor que ele deposita nos corpos, o Sol estará aquecendo continuamente apenas um dos lados da nave, enquanto o outro fica virado para a fria noite do espaço. Para distribuir o calor uniformemente sobre a Apollo e evitar fraturas devidas ao desequilíbrio térmico, os astronautas farão sua casa girar contínua e lentamente (uma rotação por hora) sobre seu próprio eixo, como um frango é girado no espêto para receber em toda a pele o calor da fogueira. Enquanto isso, em terra, as dezesseis estações de controle do vôo estarão seguindo todos os passos da linha imaginária que os viajantes descrevem no vazio sideral. A partir das informações enviadas pela nave, quando os marujos celestes observam as estrelas com seus sextantes para determinar a posição do veículo no espaço, os rápidos computadores de Houston calculam tôdas as pequenas inclinações que devem ser dadas ao nariz da Apollo para enviá-la exatamente ao ponto do encontro marcado com a Lua.

**Visão lunar** — Perto da Lua, os viajantes estarão voando "apenas" a 3 360 km/h, 1/12 da velocidade de saída. A responsável pelo atraso é a atração da Terra que terá freado continuamente a

nave na tentativa de trazê-la de volta ao planeta. A 48 000 quilômetros do satélite, a atração da Lua é mais forte e se encarrega de apressar os viajantes: depois de mais 40 000 quilômetros de aproximação eles estão a 9 100 km/h. Neste ponto, precisam enfiar a nave numa órbita lunar. Disparam os jatos do módulo de serviço em direção ao satélite durante 246 segundos, diminuindo de velocidade até que a Lua os amarra em torno dela uma elipse de 315 km no ponto mais alto e 112 km na menor altitude. A seguir os motores voltam a funcionar e mudam a elipse para um círculo a pouco menos de 112 km do solo. Nesta altitude, apontam as janelas da nave em direção ao satélite e pela primeira vez olhos humanos estarão analisando a Lua. Durante dez voltas de mais de duas horas cada os astronautas observarão com interesse especial os cinco lugares que os americanos escolheram para pousar na Lua no ano que vem. Sobre o astro deserto, sem nenhuma atmosfera para atrapalhar a visão, os contornos das crateras e das altas montanhas lunares aparecerão com enorme nitidez mostrando côres sempre acinzentadas, sombras sempre negras e bem definidas. A equipe de Borman fará fotografias a côres e em branco e preto, além de transmitir pela televisão diretamente para a Terra as primeiras imagens vivas do satélite.

**A volta** — Os astronautas ligam os motores do módulo de serviço por 206 segundos e a nave afasta-se da Lua tomando a rota que a levará à Terra em 57 horas. Na viagem a Apollo responderá continuamente aos chamados da gravitação terrestre aumentando sua velocidade de 8 800 km/h nas vizinhanças do satélite para 40 000 km/h na chegada à atmosfera. Pouco antes do encontro com o planeta, os astronautas disparam o mecanismo que separa o módulo de serviço da cabina de comando. Então, 147 horas (pouco mais de seis dias) depois da partida, tudo que resta da torre de 120 metros lançada de Cabo Kennedy é uma acanhada cabina cônica de 3,3 metros de altura por 3,9 de diâmetro. As chamas vermelhas da partida se repetem quando os violentos choques com as moléculas de ar elevam a temperatura da cápsula para 3 300 graus centígrados. A 7 200 metros do solo dois pára-quedas se abrem e estabilizam a descida. Mais três destes freios abrem suas bôlças no ar a 3 000 metros, reduzindo a velocidade de queda para 35 km/h. Depois, o mergulho nas acolhedoras águas do Pacífico. Os três homens de olhos azuis que viram a Lua passarão dois dias em exames, relatando aos cientistas as fantásticas impressões da viagem. Depois voltarão para seus onze filhos e viverão felizes, como nas histórias de fada. ○

# Perfis para a História



## Anders, Lovell e Borman: para mais longe e mais rápido que todos os homens.

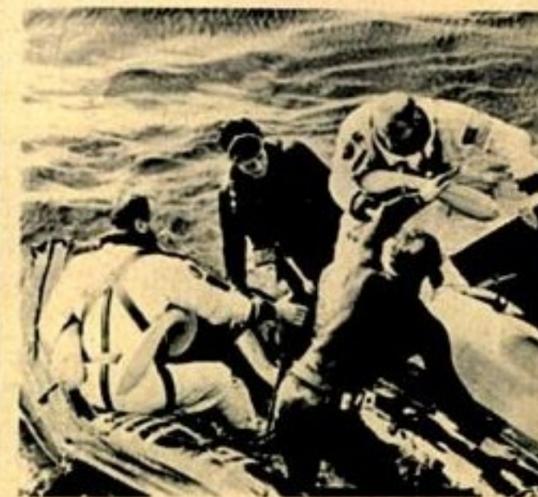
Como são os tripulantes da Apollo-8, homens que os livros de história no futuro descreverão como os primeiros a terem deixado o seu planeta? Para o grande mergulho no espaço profundo, os americanos escolheram marujos excepcionais, sendo dois deles os astronautas que mais navegaram no oceano celeste.

Frank Borman e James Lovell, ambos com quarenta anos, já são, antes de voar para a Lua, os viajantes que fizeram os mais longos percursos em toda a história da Terra. Em dezembro de 1965, na Gemini-7, os dois ficaram catorze dias em órbita (330 horas e meia), no vôo que provou definitivamente a possibilidade de os astronautas suportarem longos períodos de imponderabilidade nas minúsculas naves espaciais.

**Lovell, o viajante** — Onze meses depois, Lovell subiu com Edwin Aldrin na Gemini-12, que ficou 94 horas e meia, quase quatro dias, voando em torno da Terra. Lovell, loiro, 1 metro e 81,72 quilos, completou com aquele passeio dezoito dias no espaço e 12 milhões de quilômetros de viagem, mais que

qualquer explorador, qualquer piloto. Tem quatro filhos e quase foi o primeiro pai no espaço. Quando sua mulher Marilyn esperava o último, ele estava em órbita na Gemini-7. Pouco antes de descer do espaço, o pessoal do centro de controle do vôo, em Houston, Texas, disse-lhe pelo rádio, no tradicional estilo dos astronautas: "A tripulação em casa continua sendo três". Mas ele respondeu, completando: "E continuará assim até eu descer; lá em casa fazemos apenas um lançamento de cada vez". E James Lovell tinha razão. Um menino, Jeffrey Carl Lovell, nasceu logo três dias depois do seu regresso à Terra.

FOTOS PARIS-MATCH



Prontos para a viagem: o Capitão Borman se exercita e Lovell prepara os seus pés para o espaço. Acima, Lovell é recebido por homens-rãs junto com Aldrin, depois do vôo na Gemini-12. Lovell é o maior viajante da história: 12 milhões de km de viagem.

**Borman, o capitão** — Lovell e Borman juntos têm 755 horas e meia no espaço, 125 a mais que todos os cosmonautas russos reunidos. Borman será o comandante na Apollo-8. Também é loiro, tem 1 metro e 79,73 quilos, e dois filhos adolescentes. É formado em Engenharia Aeronáutica pelo Instituto de Tecnologia da Califórnia. Em 1951, pilotando um jato, rompeu um tímpano durante um mergulho violento. Sua carreira no ar parecia definitivamente encerrada; os médicos o proibiram até de andar de elevador. Mas Frank Borman recuperou-se alguns meses depois, quando a membrana rompida se recompôs naturalmente.

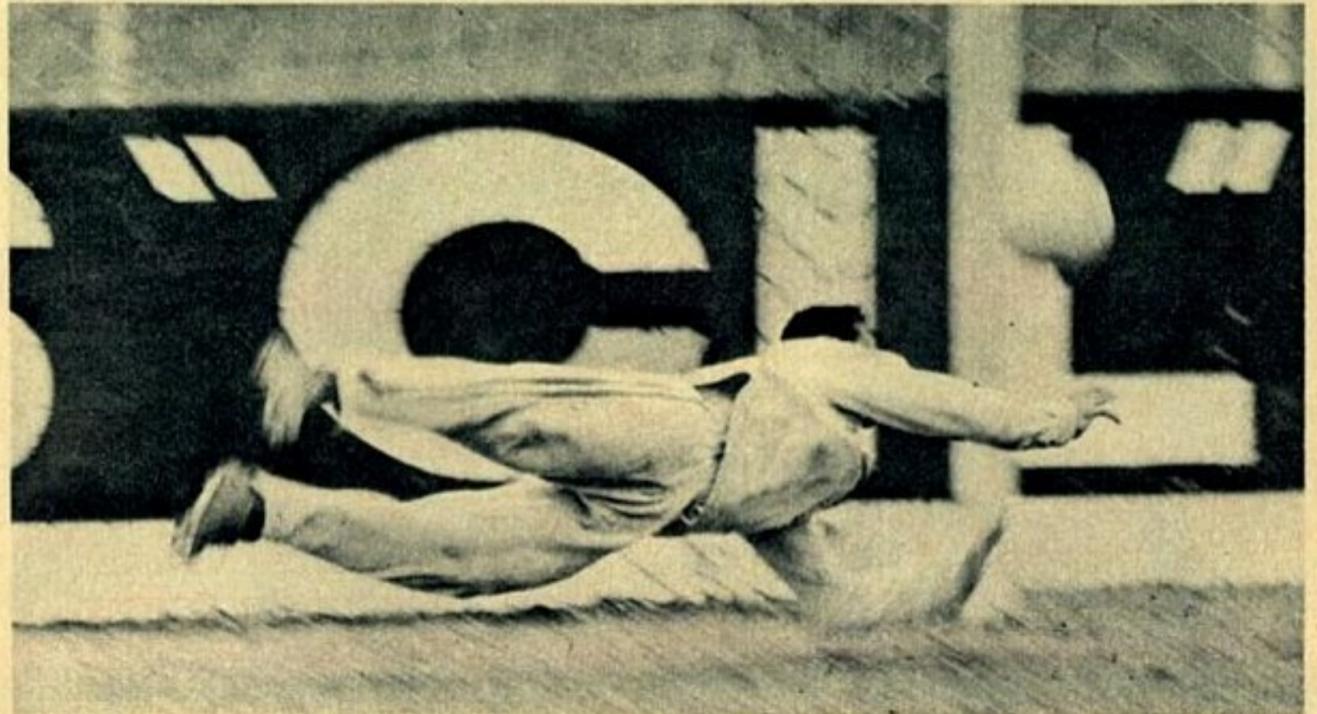
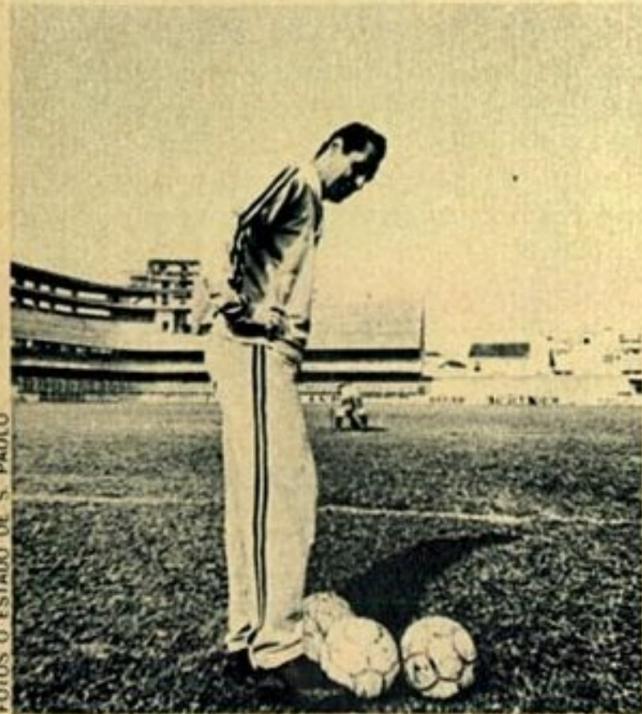
**O terceiro homem** — Anders é o mais novo, o mais leve e o mais baixo dos três (1 metro e 74,65 quilos). Cabelos castanhos, olhos azuis, tem cinco filhos pequenos. Nasceu em Hong Kong, quando seu pai era comandante da Marinha a serviço dos Estados Unidos. Formou-se em Engenharia Nuclear pela Academia Naval de Anápolis, onde se tornou instrutor. Dos três, é o único que não tem experiência de vôos espaciais. Seu passatempo fora de serviço: voar no seu pequeno Cessna 172. Com a viagem à Lua, Anders será a trigésima quarta pessoa a ir ao espaço, seguindo 21 astronautas americanos e doze soviéticos.

Quando o astrônomo inglês Bernard Lovell criticou a viagem da Apollo-8, dizendo que uma nave não tripulada faria o mesmo trabalho sem riscos humanos, Anders respondeu, em nome dos três pioneiros da Lua:

"Esta é a primeira oportunidade que os homens terão de colocar a 100 quilômetros da Lua um olho ligado a um cérebro ligado a um braço que pode escrever e a uma língua que pode falar. Esta é ainda a melhor máquina que existe na Terra".

## Gilmar, o goleiro para 1970

*Terá quarenta anos na Copa do México, mas depois de um recado do Dr. Paulo Machado de Carvalho treina puxado quatro vezes por semana*



**Gilmar: um goleiro precisa ter fortes músculos nas pernas, muita agilidade e nunca se impressionar com o jogo.**

Quatro vezes por semana, Gilmar dos Santos Neves, 38 anos, funcionário público estadual e homem de negócios (está construindo um edifício de apartamentos em São Paulo), pega seu Volks e viaja 70 quilômetros até Santos. Na Vila Belmiro, sob o controle do preparador físico Júlio Mazzei, do Santos Futebol Clube, Gilmar prepara-se para ser o goleiro da Copa de 1970, no México. Durante duas horas faz exercícios físicos que melhoram a sua forma atlética, impedem a flacidez muscular e regulam as funções nervosas. Cada um dos exercícios (puxados) é um lance de uma partida. Um deles: dobrar o corpo para frente e para trás, o que fortalece os músculos abdominais e é de fundamental importância para defender chutes violentos e de curta distância. As pernas de um goleiro de seleção têm de ser tão boas como as de um atacante. Durante vários minutos Gilmar as exercita, correndo, sem sair do lugar e erguendo as coxas, progressivamente, até formar um ângulo de 45 graus com o tronco. Em seguida, abaixa-se e levanta, flexionando de novo as pernas. Fortalece os músculos para os saltos. A parte do treinamento sem bola termina com uma volta em redor do campo, durante a qual Gilmar respira e expira profundamente a cada três passos. Nos exercícios com bola, Gilmar desenvolve os reflexos e a agilidade. Deitado no chão, de barriga, ou assentado, com as pernas abertas e retas, recebe um bombardeio de bolas de Mazzei, que as joga de curta distân-

cia sem dizer nunca para que lado. Com êstes treinos, Gilmar, na Copa, estará em condições de agarrar bolas chutadas para qualquer lado do gol; de defender os chutes cruzados; e, principalmente, pelo alto (perigosos porque podem apanhar o goleiro deslocado ou adiantado e porque exigem grande flexibilidade muscular). A parte agradável é o bate-bola que diverte, dá agilidade, firmeza, golpe de vista, atenção e reflexos. Vinte e três anos de futebol, bicampeão do mundo, realizado financeiramente e praticamente sem jogar há um ano e três meses quando fraturou a costela num jogo contra o Corinthians pelo campeonato paulista, Gilmar, há poucos dias, recebeu a visita de Oswaldo Brandão, supervisor técnico da Cosena (Comissão Seleccionadora Nacional), que lhe trazia um recado de Paulo Machado de Carvalho: "Você é ainda o melhor goleiro do Brasil e o homem certo para a seleção. Comece a treinar e se preparar para a volta".

**As chances de Gilmar** — Poderá Gilmar, com quarenta anos, ser o goleiro da seleção brasileira, em 1970, no Mundial do México? Ele acha que sim. "A única posição no futebol onde a idade não influi é a do goleiro. Ele joga parado, por isso não tem problema de desgaste físico, como os outros jogadores. Os melhores goleiros do mundo — diz — já ultrapassaram os quarenta. O russo Yashin está com 41 anos e Carrizo, titular da seleção argentina, com 43." Aos

38 anos, gosta de tomar uma dose de uísque — nunca mais de uma — enquanto assiste à "Missão Impossível" (um seriado de televisão) ou enquanto lê um livro de A. J. Cronin. Come feijoadada quando tem vontade: seu peso nunca ultrapassa 75 quilos, o que é pouco para um homem que mede 1 metro e 83 centímetros. Mas a grande arma de Gilmar, como goleiro, continua sendo o controle emocional. Os homens da seleção se queixam de que os atuais goleiros (Alberto, Félix e Picasso) não conseguem manter a calma nos momentos difíceis. "O goleiro que se deixa envolver pelas emoções é um perigo para o time", diz Gilmar. No início de sua carreira, ele era também nervoso, e ainda o é fora do campo. Aos poucos, foi procurando se controlar. Hoje nada o abala durante o jogo. Além de calmo, Gilmar diz saber resistir à tentação de aparecer, defeito imperdoável num goleiro (no entanto, esta é a crítica que já lhe foi feita por jornalistas e torcedores). Os jogadores de outras posições podem reter a bola, enfeitar a jogada, são até aplaudidos. "O goleiro, diz, é o carregador de pedras do time. Para ele todas as bolas devem ser difíceis, pois uma falha significa um gol." Mas, pronto para voltar, ainda carrega uma preocupação: toda vez que pega uma bola mais difícil, sente uma dor na espinha. Não se curou totalmente da lesão no local, fruto de uma injeção mal aplicada, logo depois da fratura da costela que o afastou dos campos o ano passado. O



Os direitos dêste anúncio foram doados ao Instituto de Estudos Brasileiros (U. S. P.)

## um amigo da família

Um amigo da família está sempre pronto a servir. E esta ajuda se divide por igual entre jovens ou não, pais ou filhos. Éste o nosso modo de trabalhar. Também o nosso modo de ver o mundo. E de nos vermos a nós próprios. Com 80 anos bem vividos, o BCI poderia ser conservador, voltar-se apenas para as velhas amizades. Não faz isso. Tendo apenas um quinto da idade do nosso jovem País, poderia dizer-se jovem, voltar-se exclusivamente para os novos amigos. Não faz isso. O BCI acha que não se deve separar os homens pela idade, mas uni-los pelos seus valores essenciais. Sergio (pai de Chico) e Chico (filho de Sergio) são nossos clientes. Merecem do BCI um só atendimento: o melhor possível.

**Banco do Commercio e Industria de São Paulo S/A**  
**um amigo da família**

FUNDADO EM 1889

MATRIZ: RUA 15 DE NOVEMBRO, 289 — SÃO PAULO — 232 AGÊNCIAS EM TODO O PAÍS

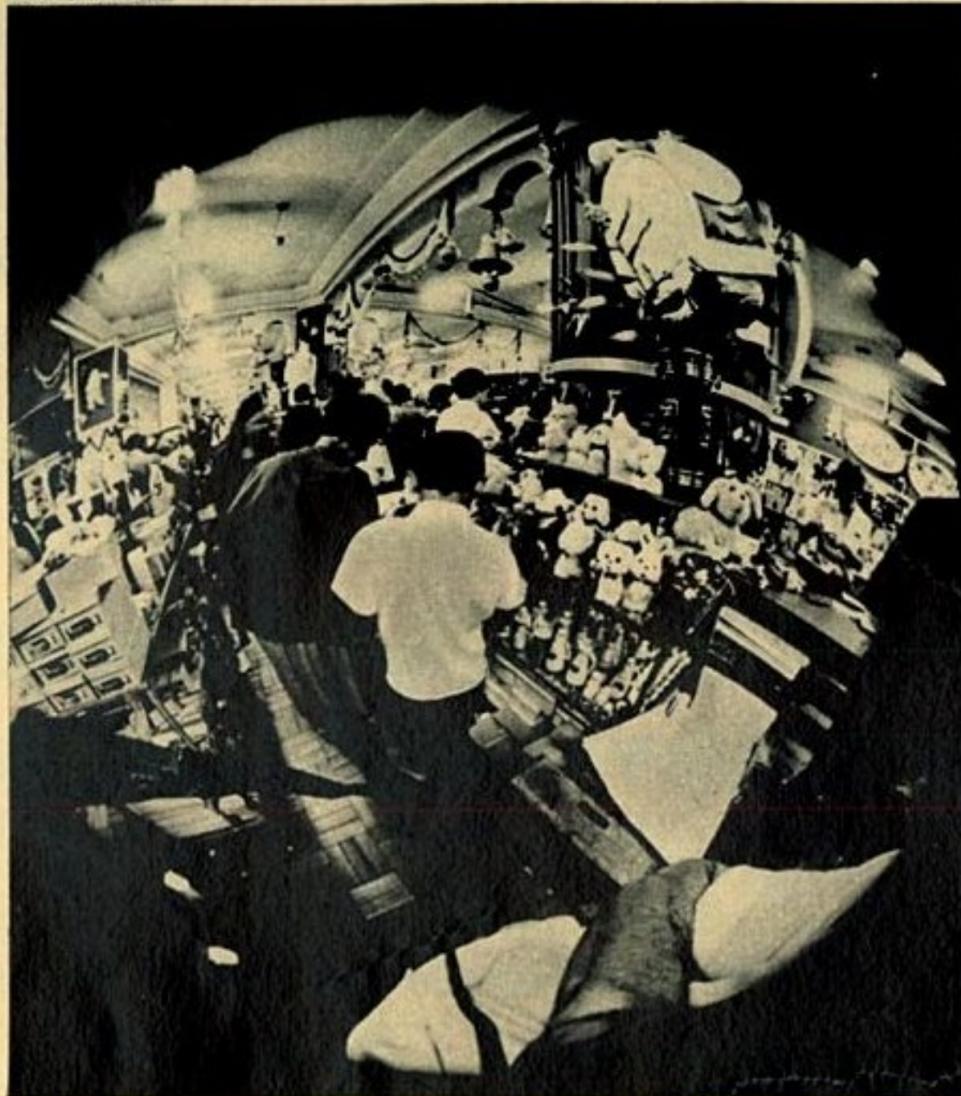
# NOTURNO DO COMÉRCIO

Com a movimentação das compras para o Natal, grande festa do comércio varejista, com a alegria das cidades decoradas por figuras de Papai Noel, trenós puxados por renas, arvorezinhas carregadas de bolas coloridas, surgem em vários pontos do País uma disputa e um temor curiosos: os comerciários não querem que se estabeleça um horário noturno permanente para o comércio. Sentem-se ameaçados. Achem que se as luzes das lojas permanecerem acesas até 10 da noite, a jornada de trabalho (oito horas) estabelecida por lei não será respeitada. Achem também que os patrões não pagarão corretamente as horas extras. "Todos sabem que o Ministério do Trabalho não tem condições de exercer a devida fiscalização", argumenta Romeu Pacheco de Abreu, presidente da Junta Governativa do Sindicato dos Comerciários de Pôrto Alegre (RS). E, pelo que afirma Mário Gessullo, presidente do Sindicato dos Empregados do Comércio de São Paulo, isso é verdade: "Até hoje não conseguimos sequer o cumprimento da lei que determina o descanso remunerado; apenas 10 por cento das lojas paulistanas o pagam direito".

**Quem tem, não usa** — Essa insegurança em relação à fiscalização do trabalho faz com que os comerciários protestem indignados contra um hábito aprovado em Londres, Roma, Paris, Nova York, Buenos Aires, Madri e Tóquio. Apenas uma capital brasileira pode ter lojas abertas até as 22 horas, das segundas às sextas feiras, o ano todo: Curitiba. O decreto que dá essa liberdade ao comércio da capital paranaense foi baixado em 1966 pelo Prefeito (hoje Ministro da Agricultura) Ivo Arzua. Mas não serviu para muita coisa: as lojas funcionam das 8 ao meio-dia e das 14 às 18 horas — Curitiba não oferece um movimento que justifique expedientes mais prolongados, julgam os comerciantes. O mesmo acontece com Brasília, onde os pontos co-

merciais se concentram junto às superquadras. Não há necessidade de as pessoas se deslocarem para um "centro da cidade" quando querem fazer compras. Comerciantes e comerciários vivem em paz e têm as noites livres. Quando chegam os dias imediatamente anteriores ao Natal, as lojas que funcionam à noite não registram grande aumento no caixa. No Recife, diz um decreto assinado pelo prefeito no dia 12 de novembro último, o comércio pode abrir suas portas das 7h30 às 22 horas nos períodos pré-natalinos e pré-carnavalescos. Em São Paulo o problema é outro. Trezentas mil pessoas transitam diariamente por apenas uma das calçadas do Via-

AMILTON VIEIRA



Nôvo horário aumentou as vendas no Rio e em São Paulo

duto do Chá, que liga o grande eixo comercial da cidade: as ruas Direita e Barão de Itapetininga. Essa gente, segundo pesquisa do IBOPE, é uma parcela dos 86 por cento da população paulistana que dispõe de menos de meia hora para se dedicar às compras. Das pessoas entrevistadas pelo IBOPE, 84 por cento acreditam que a abertura do comércio à noite viria beneficiar a maioria da população. No total dessa porcentagem pesaram sobretudo os casados (86 por cento) e os trabalhadores do setor de transportes e comunicações (95 por cento). No entanto, quando um projeto

do Prefeito Faria Lima tratando mais da política fiscal da Prefeitura e contendo um artigo de quatro linhas que institui o horário noturno para o comércio foi aprovado por decurso de prazo em 29 de novembro, os comerciários se eriçaram. "Mais de 80 por cento dos empregados trabalham sob comissão e não têm salário fixo", protestou Mário Gessullo. "Nada ganham nos domingos e feriados", continuou. "E, como as vendas não vão aumentar, serão obrigados a trabalhar mais tempo para ganhar a mesma coisa", profetizou. "Estudantes terão que largar o emprego ou deixar de estudar; as mães não vão poder cuidar das crianças. Será o fim da família", concluiu, dramático. Gessullo nega que o horário noturno aumentará as vendas: "Ninguém vai comprar um sapato, cueca ou par de meias a mais só porque haverá mais tempo para comprar. O poder aquisitivo da população permanecerá o mesmo e só com mágica os mesmos cruzeiros no bolso permitirão aquisições maiores".

**Um pouco do otimismo** — Contra o pessimismo do presidente do Sindicato dos Empregados do Comércio abre-se o sorriso do presidente do Sindicato dos Lojistas, Horácio Lomelino, dono de uma antiga livraria de São Paulo, amigo de intelectuais. Ele acha que o nôvo horário vai ampliar o mercado de trabalho em pelo menos 30 por cento. Estudantes universitários ou secundaristas poderiam trabalhar e os atuais empregados ganhariam mais comissão, com o aumento das vendas. Para garanti-los existe a Consolidação das Leis do Trabalho, proibindo que alguém trabalhe mais de duas horas extras por dia sem seu consentimento prévio. Contra a desconfiança dos pequenos lojistas que prevêem maiores gastos na manutenção da loja aberta (mais empregados, energia elétrica, segurança), Horácio Lomelino se defende lembrando que o comércio de bairro já tem 58 por cento da preferência do público e poderá desenvolver-se mais. "O trabalhador irá para casa sossegado, porque terá condução mais fácil depois das 18 horas. Então poderá tomar seu banho, jantar e fazer compras perto de casa, no comércio do seu bairro, sem ter que voltar à cidade. No mais, o comércio será liberado, apenas liberado. Se o lojista achar que as vendas noturnas não compensam, poderá fechar a casa e descansar." Outras razões dos que lutam por vendas noturnas: escoamento mais rápido do trânsito, tempo e condições de opção para o comprador, aumento das vendas e diminuição do desemprego. Jorge Geyer, presidente do Clube dos Lojistas da Guanabara, chega a dizer que o horário livre no comércio poderá auxiliar o programa estratégico do Govêrno a criar novas oportunidades de emprego a cada ano. ○

# FELIZ HUMOR NO NATAL



*de Novo!*



A árvore de Natal é o presente de Papai Noel que é o presente da mulher gorda. Mas os cartões estragam o bom humor do pessoal dos Correios.

Um aumento de 100 a 150 por cento no volume de trabalho que terão de fazer antes, durante e depois do Natal, será o presente de festas dos 72 mil funcionários do Departamento de Correios e Telégrafos. Carteiros, operadores postais, mensageiros, postalistas, telegrafistas, técnicos, inspetores de linha (gente que recebe um salário médio de 160 cruzeiros novos) estarão carimbando, empacotando, despachando e entregando cartões com mensagens de esperança, alegria, fé, felicidade, humor. E, embora também pesem nessa sobrecarga de serviço o volume de convites de formatura e a enorme quantidade de correspondência comercial dos fins-de-ano, quem podia prever que um cartão inventado em 1842 na Inglaterra, por um rapaz de dezesseis anos chamado William Egley, daria tanto trabalho aos homens encarregados de fazer com que pessoas distantes se comuniquem e aproximem? Quem podia prever que a mesma idéia seria usada para outras datas comemorativas e ajudaria a firma Thomas De La Rue a encontrar o caminho para a diversificação de sua produção de impressos, caso venha a perder a fabricação de cédulas de dinheiro quando o Brasil começar a fabricá-las pela Casa da Moeda?

**As piadas** — Pois essa impressora encomendou a quatro humoristas brasileiros — Millôr Fernandes, Fortuna, Jaguar e Ziraldo — cartões humorísticos sobre dez motivos, inclusive o Natal. E lançou a primeira série desses cartões, numa tiragem de 1 milhão de exemplares. Isto é mais um afluente a engrossar a torrente de correspondência que só numa cidade brasileira, o Rio de Janeiro, chega por dia a 140 toneladas de cartas, com

um movimento de 5 mil malas. O General Rubens Rosado Teixeira, gaúcho, diretor-geral do DCT, conta que, "para fazer transitar tantos envelopes, o Correio contratou nos últimos dois anos 6 mil funcionários entregadores, mas ainda há um claro de 4 mil telegrafistas e muitas agências fechadas". A obra prioritária da administração do General Rosado (no comando do DCT estão sempre militares porque o Correio e o Telégrafo são serviços de segurança nacional) foi a instalação do Centro de Triagem de São Paulo, "a cidade mais mal servida de correios no Brasil, porque das suas 23 700 ruas apenas 5 200 recebiam a visita do carteiro; agora já atendemos 20 mil". Esse Centro de Triagem custou 8 milhões de cruzeiros novos. Está em fase de acabamento. A seleção da correspondência será feita por cérebro eletrônico. O General Rosado só vê uma solução para que o DCT

passa a funcionar direito: sua transformação em autarquia. Essa transformação já foi determinada pela reforma administrativa e deverá ser brevemente levada ao Presidente da República, para sanção. ○

QUE TODOS  
JOGUEM NO MESMO TIME  
EM 1969!



Humor no cartão da Creditum, companhia de investimentos: um time com Kossiguin, Tio Ho, De Gaulle, Paulo VI, Dayan, Nasser, U Thant, o desenhista, Nixon, Fidel Castro e Mao



## SEIS ARTISTAS GUIAM O CORCEL PARA OS MUSEUS

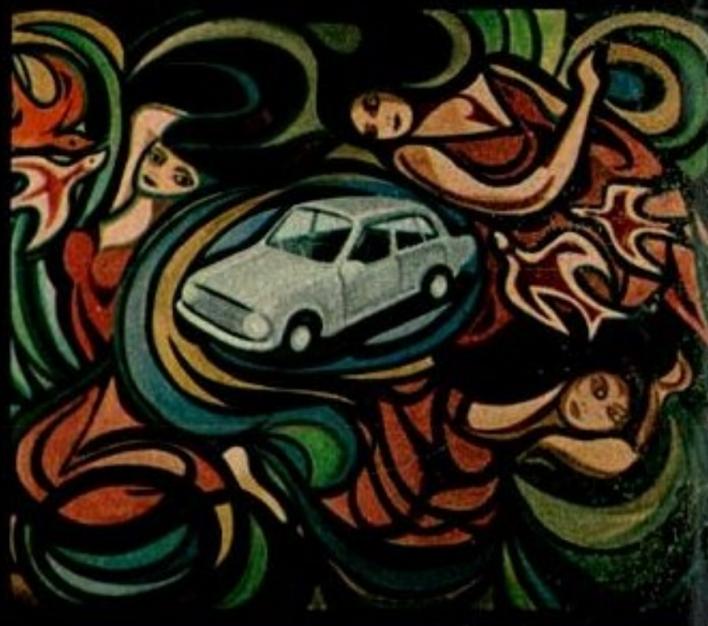
O Corcel pode ser um carro de quatro portas e 68 cavalos, vendido a cerca de 13 000 cruzeiros novos. Mas, para a Ford do Brasil, é muito mais que isso: é o veículo com que a indústria automobilística cruza, pela primeira vez, a linha de chegada dos museus e das salas dos colecionadores de obras de arte. O Corcel é um só carro para os que andam nêle; seis pintores contratados pela Ford, a preços que vão de 3 000 a 13 000 cruzeiros novos, com êle atravessam as barreiras da inspiração e mostram que um produto saído da linha de montagem pode ser tão artístico quanto uma paisagem e tão plástico quanto um corpo de mulher. "Não se pode encomendar a uma parteira um

desenho de carro", diz Aldemir Martins. Êle aceitou a encomenda da Ford com entusiasmo: "Só os imbecis acreditam que o trabalho encomendado é ofensivo". Como Aldemir, Di Cavalcanti, Djanira, Manabu Mabe, Aldo Bonadei e Clóvis Graciano passaram dias na fábrica da Ford, tomando notas, e agora oferecem ao público as suas versões pessoais do Corcel. Alfredo Volpi, 72 anos, também convidado, não apareceu na fábrica: "Não sei me inspirar para fazer êste tipo de arte".

**A máquina amiga** — Em outros tempos, os artistas mantinham relações tumultuadas com a arte e um poeta do século passado, Charles Baudelaire, che-



Êstes são os quadros que a Ford mostrou no Salão do Automóvel e que serão transformados em calendário, representando o Corcel segundo seis artistas: Djanira (ao lado) imaginou para o segundo plano as estufas de pintura dos automóveis; Clóvis Graciano (acima) usou uma cidade do ano 2000; Di Cavalcanti sentiu o carro cercado de mulheres e pássaros.



gou a erigir grande parte de sua obra como uma denúncia à "degradante troca da qualidade pela quantidade". O artista respirava mal nos primeiros dias das chaminés da revolução industrial, mas o tempo ensinou-o a acostumar seus pulmões e sua sensibilidade. Na mostra que a Ford oferece não existe nem cheiro de rancôres. Artistas de tendências muito diversas tomaram a mesma realidade — um automóvel — como ponto de partida, o que pode ser um tema interessante para as discussões entre os críticos. Que espécie de estímulo inspirador pode oferecer um automóvel a Djanira, pintora primitivista que aborda geralmente temas folclóricos ou paisagens e santos; a Di Cavalcanti, pintor



Manabu Mabe (acima), o único abstrato do grupo, fez uma faixa amarela e traços verticais para dar idéia de velocidade; Aldo Bonadei (extrema esquerda) eliminou o fundo para mostrar só o carro; Aldemir Martins pegou o Corcel pela frente a fim de acentuar a harmonia de suas linhas.

figurativo de paisagens, naturezas-mortas e tipos brasileiros (mulatas, principalmente); a Aldo Bonadei, paisagista; a Clóvis Graciano, pintor de cenas históricas relacionadas com São Paulo; ou a Manabu Mabe, pintor abstracionista lírico de inspiração ornamental? Esta adesão em massa dos artistas aos reclames da técnica moderna não é nova. Há dois anos, em São Paulo, a indústria de máquinas Olivetti organizou uma exposição, "O Artista e a Máquina", e alguns dos artistas do Corcel já tomavam parte nela. Volpi, que hoje não tem jeito para se inspirar em automóveis, mostrou uma obra que nem título tinha. Mabe pintou um quadro abstrato chamado "Alvorada da Indústria".

**Vale mais** — Esta exposição da Olivetti foi muito comentada — até então, a maioria das pessoas separava as "obras de arte" das "obras úteis". Um crítico, escrevendo sobre a mostra na época, concluía que as barreiras deviam ser derrubadas. Depois de visitar a fábrica da Olivetti em Guarulhos, descobriu que basta olhar para ver as coisas: "A beleza, nas linhas de produção e montagem, assume formas sempre novas". Para Otávio Bonoldi, colecionador e um dos gerentes de relações públicas da Ford, a intenção da empresa foi a valorização da cultura e da arte. Isto é: "Tentamos um casamento entre arte e máquina, que pode parecer estranho, mas que tem dado bons resultados: nós

pagamos a cada artista o que ele pediu pelos seus quadros". A Ford já tentara algo parecido, mês passado, quando entregou a artistas seis Galaxies para serem decorados. O futuro promete muitas surpresas: derrubadas as barreiras, nada impede que artistas "pop" pintem caixinhas de dentifrícios, paisagistas mostrem o gado mais saudável dos melhores laticínios e abstracionistas dêem sua contribuição aos estampados femininos. A Ford deu um bom exemplo, segundo Aldemir Martins, "pois serve para mostrar que o artista brasileiro é sério e disciplinado". Para Mabe, a Ford abriu um novo campo: "Outras empresas deveriam segui-la e promover seus produtos através dos artistas".

## MÉDIA DE IDADE, 30: ESTÁ NA BAHIA A BIENAL DOS JOVENS.

Um manequim de vitrina com um feto numa bacia prêsa ao ventre chocou a Madre Superiora do Convento da Lapa na Bahia. Ela tentou escondê-lo, mas o manequim foi salvo a tempo de ser exposto na II Bienal Nacional de Artes Plásticas de Salvador, que se inaugura esta sexta-feira. As obras dêste ano refletem as tendências novas que o júri de seleção (Walter Zanini, Mário Barata e Genaro de Carvalho, entre outros) escolheu depois de cortar 70 por cento dos trabalhos concorrentes. O júri manteve-se fiel à intenção da Bienal da Bahia: mostrar de dois em dois anos o que há de mais avançado em nossa arte. Na primeira, em 1966, foram premiados a escultora Lígia Clark, os pintores Hélio Oiticica e Rubens Gerchman, que se inscreviam na época no movimento chamado "Nova Objetividade". Com os cortes violentos nas seleções prévias do Rio, de São Paulo e Salvador, o júri transformou esta numa nova Bienal dos Jovens, muito semelhante à que se realiza em Paris e não admite artistas de mais de 35 anos. Embora sem prescrever êsse limite de idade no seu regulamento, a Bahia em 1968 suplantou Paris, com uma média que não chega a trinta anos.

**As duas faces** — Para abrigar 806 obras de 241 artistas de todo o Brasil (sem contar com as salas especiais destinadas a artistas convidados e a mostras de Arte Popular, Arquitetura e Fotografia), os organizadores dispunham de pouco espaço. A solução foi expor as obras concorrentes em painéis de duas faces distribuídos pelas salas e corredores do Convento. Êste velho prédio tombado teve de ser restaurado em tempo recorde pelo arquiteto Pasqualino Magnavita. Magnavita havia já restaurado o Convento do Carmo para a I Bienal e o prédio foi transformado em Museu do Estado. No Carmo, como agora na Lapa, houve problemas de espaço para a disposição de tôdas as obras que disputam os prêmios oficiais. Êste ano serão distribuídos 40 000 cruzeiros novos em prêmios, o maior dêles de 10 000 para a melhor representação em qualquer categoria (pintura, escultura, objeto, desenho, gravura e arquitetura). Os outros são de 5 000 cruzeiros novos, cada um para o melhor artista de cada seção. Quem não concorre a prêmio algum são os artistas convidados: Ana Letycia e Roberto Magalhães (Guanabara), Néelson Leirner (São Paulo), João Câmara Filho e Gilvan Samico (Pernambuco), Carlos Scliar (Rio Grande do Sul) e Fernando Jackson (Paraíba). ○



Alan Bates e Jannie Linden: os 2 e mais 3.

## GENTE

Apresentados apenas dois dias antes, **Alan Bates e Jannie Linden** foram convidados pelo diretor **Ken Russel** a ficar o mais à vontade possível na floresta inglesa de Sherwood (onde morou Robin Hood), a fim de colher as cenas mais eróticas do filme "Women in Love", baseado numa história de D. H. Lawrence. Como Jannie ficou muito encaulada, o diretor permitiu que ela e Alan Bates enrolassem toalhas em volta da cintura nos ensaios, e conseguiu filmar as cenas com apenas três pessoas olhando. Na tomada definitiva, o abraço foi filmado sem as toalhas, e o silêncio era tamanho que se podiam ouvir os passarinhos.

O crítico musical americano **John S. Wilson**, do "New York Times", comentando o concerto do brasileiro **Sérgio Mendes** e seu conjunto Brasil 66, no Philharmonic Hall, de Washington, classificou o seu "nôvo som" de "rocka nova": uma mistura de bossa-nova brasileira com "rock'n'roll" americano

**Bing Crosby**, o recordista mundial da venda de discos (mais de 15 milhões), voltou a gravar depois de mais de um ano de inatividade. As músicas moder-

nas, estilo "pop/rock", foram selecionadas por **Jimmy Bowen**, da Bowen's Amos Production, de Hollywood, e o lançamento do álbum ainda não tem data.

Em notícia publicada na sua coluna de assuntos sociais do jornal "Fôlha de Minas", de Belo Horizonte, o cronista **Wilson Frade** anunciou que o Governador **Israel Pinheiro** está tomando o nôvo preparado rejuvenescedor KH-3, e escreveu: "O produto rejuvenesce, provoca euforia, bem-estar, lucidez, disposição e outras bossas". O Governador Israel Pinheiro, que está com 72 anos, não ficou nada satisfeito com a expressão "outras bossas".

Após alcançar um dos grandes êxitos da sua carreira, ao voltar triunfalmente como "one-man-show" em Paris, o cantor **Yves Montand** vai aparecer agora num musical de Hollywood intitulado "On a Clear Day You Can See Forever" (Num dia claro se pode ver para sempre). Yves Montand, que não filma nos Estados Unidos há seis anos, fará o papel de um médico psicanalista, Dr. Marc Chabot, que se vê às voltas com a jovem cliente **Barbara Streisand**, uma môça tão sensível que regride à outra encarnação quando em estado de hipnose. O diretor será **Vincent Minelli**.

Enquanto os estudantes superiores de todo o Brasil continuam em guerra com as reitorias das universidades federais, no Espírito Santo o reitor **Alaor de Queiroz** foi escolhido paraninfo em cinco escolas superiores da sua Universidade: Engenharia Civil e Mecânica, Ciências Econômicas, Superior de Contador, Filosofia e Educação Física.

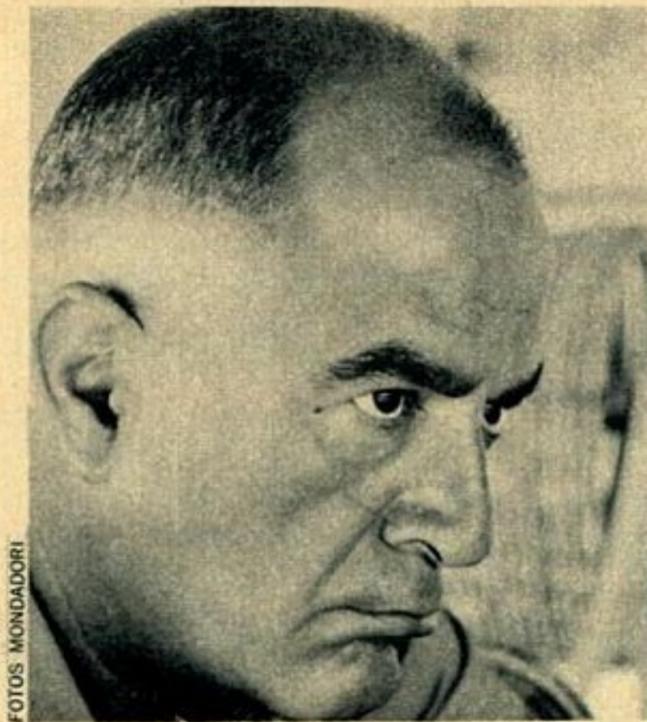
O presidente da Chrysler do Brasil, **Victor G. Pike**, foi escolhido Homem de Vendas de 1968 pela Associação dos Diretores de Vendas do Brasil, considerando duas conquistas: em pouco mais de um ano V.G.P. fez as vendas de automóveis de luxo pular de 11% para 38%, aumentando de 1 050 para 3 050 o número de funcionários da fábrica Chrysler brasileira. ○

# AS DUAS VIDAS DE BENITO MUSSOLINI

*Com muito dinheiro e muito luxo, os soviéticos levam também ao cinema o seu revisionismo da História, mostrando os tons vermelhos do fascista Mussolini*

Em julho de 1968, 25 anos depois de Benito Mussolini encontrar-se com o Rei Vítor Emanuel, em Vila Savóia, e perder o seu cargo de Chefe do Governo e das Forças Armadas italianas, um outro Mussolini, mais seguro e mais confiante, entrou na mesma Vila Savóia para sofrer a mesma punição. Da primeira vez, êle ouviu do Rei os motivos pelos quais perdia o cargo (Roma, pela primeira vez em sua história, estava sob bombardeio aéreo), limitou-se a desejar boa sorte ao seu sucessor, Marechal Badoglio, e em seguida foi prêso pelos carabinieri, para surpresa sua. Na segunda vez, Mussolini tem um ar levemente irônico e superior, não deseja nada a Badoglio e comenta, ainda no palácio, como que adivinhando sua prisão: "Esta é a primeira vitória do Estado-Maior italiano". A segunda cena está no filme que os russos estão acabando de rodar, "1943, Ocupação da Europa", e é apenas uma das imagens que coroam o antigo líder fascista com um certo toque de heroísmo e dignidade. Rodado em côres e tela panorâmica, com três horas de duração, é a primeira de uma série de biografias que vão mostrar os grandes líderes da II Guerra Mundial (Churchill, Stálin, Hitler, Roosevelt) e um dos frutos da mais recente tendência dos estúdios soviéticos: a superprodução, na qual têm batido recordes de grandiosidade que humilhariam o mais rico dos magnatas de Hollywood.

**Uma outra História** — Este Mussolini, interpretado pelo ator Ivo Garrani (que fizera o mesmo papel nos teatros de Roma, anos atrás), vai provocar muitas discussões e incentivar pelo menos uma dúvida: que laços de amizade podem ligar os cineastas comunistas de 1968 ao líder fascista de 25 anos atrás? "Eu acho tudo muito estranho", diz Garrani, "certos fatos eu sempre considerei hipóteses e no filme tudo aparece como certezas. Sempre imaginamos um Musso-



FOTOS MONDADORI

lini derrotado e destruído; no filme, sou muito esperto, forte e digno, mesmo na hora da queda." A equipe do diretor Yuri Osseoff, como tôdas as equipes soviéticas, "interessou-se pela realidade dos fatos". A Vila Savóia, residência do Rei, é a Vila Savóia mesmo, que Osseoff conseguiu filmar encoberto por uma manobra difícilíssima, a de enganar a imprensa italiana — os "paparazzi" só ficaram sabendo muito depois. Os estúdios soviéticos têm conseguido êste e outros milagres. Nos últimos dez anos, substituíram os filmes cívicos e poéticos (como "A Balada do Soldado" e "Quando Voam as Cegonhas") por superfilmes como "Otelo", "O Quadragésimo Primeiro" (já exibidos no Brasil) e, mais recentemente, "Os Irmãos Karamazov" e "Guerra e Paz". O espectador do Ocidente pode espantar-se com as cifras dêste último: oito horas de projeção, 100 mil figurantes, custo de 80 milhões de dólares (mais de NCr\$ 300 milhões, o dôbro do mais caro filme já feito em Hollywood, "Cleópatra"). "1943, Ocupação da Europa", ao lado dêstes atrativos espetaculares, tem um outro tempêro capaz de despertar o apetite ocidental: é a História que os russos começam a oferecer, revista segundo o seu ponto de vista.



Mussolini (Ivo Garrani) e Hitler (Diaz Franz).

**Socialista ou fascista?** — Os toques simpáticos em Mussolini deixam perceber que o método é fecundo e pode oferecer muitas surpresas. Um estudioso da vida de Mussolini, Renzo de Felice, acredita, porém, que a simpatia não demonstra "tendências fascistas" por parte dos estúdios soviéticos, conforme foi insinuado na imprensa italiana, e não tem nada de gratuita. Mussolini foi um socialista militante durante mais de quinze anos. Além disso — coisa muito boa para um filme —, tinha uma personalidade "mais interessante e complexa" que a de Hitler, que estava "mais próximo da paranóia total". Esta opinião não é só dos realizadores do filme. Em 1937, os russos estavam convencidos de que Mussolini era de fato um adversário muito perigoso, mas admitiam que êle poderia ser também, em certas circunstâncias, um "eventual e potencial simpaticante do socialismo". Aparentemente, os russos não engoliram bem o processo pelo qual Mussolini, o socialista, se convertera ao fascismo, e sonhavam com uma volta aos bons tempos. Tinham alguns motivos para isso.

**A História revista** — Em Genebra, a 18 de março de 1904, Mussolini falava num comício socialista. Lênin era um dos espectadores. Sua atuação deve ter sido sensacional, porque, anos depois, com a Revolução Soviética de 1917 já vencedora, Lênin declarou a uma comissão de socialistas italianos: "Pelo que ouvi naquele dia, Mussolini é o único homem capaz de deflagrar a revolução socialista na Itália". Em julho de 1912, escrevendo no "Pravda", Lênin já dissera a mesma coisa, observando que "o socialismo italiano está tomando o seu caminho nas mãos de Mussolini". Um outro comentário de Renzo de Felice: "Mussolini e Lênin tinham coisas em comum. Ambos proclamavam que da II Guerra Mundial nasceria a revolução popular, como realmente ocorreu na Rússia. E ambos acreditavam na força da minoria ativa no processo revolucionário". Lênin, ao morrer em 1924, já percebera que os primeiros germes do fascismo italiano haviam contaminado êste homem providencial. A revisão da História tem sido uma das constantes na vida política soviética. O fato de ter sido adotada também no cinema pode mostrar que as novas superproduções soviéticas pretendem ser discutidas não apenas pelo seu luxo. E segundo já se anuncia, os russos vão ter muita coisa que revisar: depois de Mussolini será a vez de Churchill, Roosevelt, Hitler e Stálin. O





FOTOS DE ABRAHAM LINCOLN

## GUARNIERI FALA DE MARTA SARÉ



Gianfrancesco Guarnieri, poeta, político e ator, dez anos depois de "Êles Não Usam Black-Tie", mostra em sua nova peça que mesmo bem vestido um marginal é sempre um marginal

**G**ianfrancesco Guarnieri, a propósito de sua nova peça, "Marta Saré" (estréia semana que vem em São Paulo), diz que pretende mostrar toda a repressão que uma pessoa sofre da sociedade. Dez anos depois de entrar pela porta da frente do teatro brasileiro com "Êles Não Usam Black-Tie", onde discutia problemas sociais que atormentavam sua geração, o político, o poeta e o acusador continuam vivos na obra deste italiano que conheceu de perto as favelas cariocas e que agora, aos 34 anos, resolve contar uma história de longo itinerário: do Nordeste a São Paulo, da miséria ao poder, Marta Saré é "uma questão de som" (a música que Guarnieri fez com Edu Lôbo, para a peça, tirou o segundo lugar nos dois júris do IV Festival da Record) e "uma questão de pernas: ela tem pernas tão bonitas, que acaba se transformando só nisso, um par de pernas". A história é comprida, passa-se durante muitos anos e começou a ser escrita no dia em que um estudante calado e magro resolveu trocar a Medicina pelo palco.

**Incertezas** — "Marta Saré pensa que pode conquistar o mundo", diz Guarnieri sobre a personagem. Mas ela está enganada. Aos quinze anos, para fugir à tirania do pai adotivo, um típico coronel do Nordeste, ela viaja num pau-de-arara para São Paulo. Prostituta, depois amante de um jovem militante político, depois mulher de um industrial rico, ela continua vendo fechadas as

**Gianfrancesco Guarnieri, Beatriz Segall, Sílvio Zilber (de camisa vermelha), Paulo César Pereio (de camisa verde), Fernanda Montenegro (de lado), Miriam Muniz, Antônio Fagundes (de camisa vermelha), Eudósia Cunha**

portas da sociedade. "Então toma consciência de que, para conquistar o mundo, é preciso fazer este mundo. E, para construir este mundo, é preciso também destruí-lo." Guarnieri tem 1,65 m de altura, é gordo, cabelos lisos e compridos, dentes meio amarelados de tanto cigarro, de uma calma constante em tudo o que faz, menos escrever. Fêz "Êles Não Usam Black-Tie" em sete dias. "Animália" (peça de um ato apresentada na Feira Paulista de Opinião, em julho passado) em três horas. Em 1955, nos primeiros tempos do Teatro do Estudante, em São Paulo, Guarnieri fazia superalimentação — era magro demais e andava cismado que o seu coração não ia bem. Pegou a mania de ficar batendo com a mão no peito. Ele sempre falou muito baixo e só no palco, quando trabalha como ator, consegue dar um tom certo à sua voz. O médico psiquiatra Pedro Paulo Moreira, seu colega no Teatro do Estudante, diz que Guarnieri fala baixo "talvez porque não tenha noção do seu valor". Jamais fêz psicanálise. Sua segunda mulher, Vânia Santana, 24 anos, ex-atriz de teatro e quartanista de Ciências Sociais na Universidade de São Paulo, acha o marido "muito inseguro": "Ele escreve com qualquer barulho ao lado. Mas, quando terminou 'Animália', Augusto Boal, que dirigiu a peça, disse para ele que 'no Brasil não se mata estudante' (isto foi no começo do ano). Guarnieri ficou meio doido e começou a reescrever tudo. Foi um custo para convencê-lo a não mexer no texto".

**Falar com as mãos** — O ator de teatro e cinema Paulo José conhece Guarnieri desde 1961 e dirigiu uma de suas peças, "O Filho do Cão" (escrita em uma semana). "Eu o imagino como um patriarca, um avô italiano sentado na mesa e rodeado de crianças por todos os

lados." Paulo diz que Guarnieri esta sempre mudando: "Podia ficar com 'Êles Não Usam Black-Tie' e partiu para 'Gimba'." É muito dispersivo, não tem método de trabalho nem arquiva nada. Escreve em qualquer lugar, até em bares. Detesta gravata e nunca se lembra de engraxar sapatos. É capaz de ficar dois dias conversando com um amigo, mas não agüenta quinze minutos de uma recepção. "Como ator", diz Paulo José, "êle é um deslumbrado: é sempre o último a sair do camarim, desgasta-se muito." Guarnieri não consegue falar sentado ("prender suas mãos é o mesmo que condená-lo ao silêncio") e diz que seu teatro está cheio de gente correndo e berrando. "Uma das coisas mais lindas que vi foi a cena da gritaria da família toda no filme 'Rocco e seus Irmãos'."

**Bom ouvido** — Guarnieri, filho do maestro Eduardo Guarnieri (falecido em maio passado, durante um ensaio no Teatro Municipal de São Paulo) e de Dona Elza Guarnieri, primeira harpista do Teatro Municipal de São Paulo, devia ter sido músico e não teatrólogo. "Aos cinco meses", conta sua mãe, "êle chorava ao ouvir música, mas aos cinco anos já adorava ópera." O pai era maestro em Milão e teve que se mudar com a família para o Brasil (Gianfrancesco tinha então dois anos) porque se opunha ao fascismo. Aos seis anos, Gianfrancesco sabia trechos inteiros da ópera "Tristão e Isolda", aos treze anos traduziu para o português o "Barbeiro de Sevilha". "Ele tem um ouvido sensacional", diz Edu Lôbo, seu parceiro em várias músicas. "Só sabe tocar piano, e mal, mas tem muito senso das coisas. E temos dado muita sorte um ao outro." Edu conheceu Guarnieri em 1965, quando êle queria música para uma peça sobre os vikings que pensa-

va escrever. Acabou saindo uma coisa inteiramente diferente, o espetáculo musical "Arena Conta Zumbi". Diz Edu Lôbo: "Foi um trabalho coletivo, os atôres iam pedindo para trocar as notas e as músicas saíam assim". É desta peça a canção "Upa Neguinho" e Edu acha que essa música não tinha a menor condição de existir. "Não havia negrinho nenhum na peça, mas resolvemos colocar um na música e tudo deu certo." Apesar disso, jamais conseguiram fazer juntos uma canção que não fôsse para teatro. "O Guarnieri faz no teatro mais ou menos o que eu faço em música. Poderíamos fazer outras coisas, mas gostamos de fazer é isso mesmo que fazemos. Eu não faria uma canção tropicalista, da mesma maneira que o Guarnieri não encenaria uma peça como 'Roda Viva'."

**Dar o recado** — E por que Guarnieri não poderia fazer alguma coisa do tipo "Roda Viva"? Ele vê uma confusão muito grande no teatro brasileiro, sem se referir diretamente à peça de Chico Buarque, dirigida por José Celso Martinez Corrêa. "Eu acho que o teatro brasileiro está completamente embananado. Quer se transformar em seita, afasta-se cada vez mais do público." Guarnieri — que leva em conta o fato de o teatro não alcançar mesmo as classes populares — acha que o artista que protesta

contra a sociedade que o reprime usando o anarquismo como arma está fazendo uma boa psicanálise pessoal, mas colocando-se por fora das coisas: "A avacalhagem não leva a lugar algum". Por isso quis com "Marta Saré" retomar uma tradição do teatro popular.

A comunicação é muito importante para Guarnieri e ele mesmo já experimentou "momentos intensos" de participação do público. Gosta de discutir e começou a fazer política estudantil ainda no ginásio, chegando a presidente da Associação Metropolitana dos Estudantes Secundários, no Rio. Quando sua família se mudou para São Paulo, em 1954, ele começou logo a trabalhar como ator de peças amadoras. Oduvaldo Viana Filho, ator e autor ("Se Correr o Bicho Pega, Se Ficar o Bicho Come"), conheceu-o em 1955 e conta que, quando Guarnieri apareceu com o texto de "Eles Não Usam Black-Tie", ninguém acreditou: era tímido, franzino e falava baixo demais para ter sido o autor daquele texto tão movimentado. "Nós éramos muito nacionalistas", diz Guarnieri, "e contra o teatro em moda na época, o TBC (Teatro Brasileiro de Comédia). Não queríamos aceitar Augusto Boal no nosso grupo porque ele acabara de chegar dos Estados Unidos, tinha um jeitão de "cowboy" e chegamos a achar que falava com sotaque. Depois tudo ficou esclarecido."

**Telenovelas** — Guarnieri mora num grande apartamento alugado perto do Colégio Dante Alighieri, em São Paulo, tem dois filhos com Vânia (e mais dois com sua primeira mulher) e divide o seu tempo entre o teatro e a televisão (trabalha como ator na novela "A Muralha"). Ele não gosta de televisão, mas acha que, além dos motivos econômicos, é preciso entrar nas novelas porque fica tudo mais difícil para quem faz teatro e não trabalha em TV.

O Guarnieri "inseguro como autor" sabe, porém, das coisas que gosta. "Sou um sujeito muito racional, que pensa direitinho as coisas. Romântico é que eu não sou. Sou meio deslumbrado com a pessoa humana: ver um grupo sentado num bar, tomando cerveja ou discutindo futebol, é para mim um negócio lindo." Por isso Guarnieri condena "a frieza racionalista de certos diretores, que deixam o homem por fora das coisas".

Guarnieri vive bem — tem três empregadas, ganha 4 000 cruzeiros novos por mês na televisão, vai ganhar mais 4 000 na apresentação de "Marta Saré" no Rio e em São Paulo, fora direitos autorais — "mas gastamos tudo", diz sua mulher. O sogro de Guarnieri é juiz de Direito e usa em suas sentenças frases como esta: "Dura lex sed lex estava naquela prateleira que o Caetano Veloso derrubou".

## Por dentro de Marta Saré

Em 1927, numa estrada do Nordeste, um casal de velhos encontra cinco crianças abandonadas, "coisas de pouco tamanho, com cada olho de metê mêdo". Os velhos querem cuidar delas e entregam a menina a um padre que, por sua vez deixa a menina com um coronel. É Marta Saré na sua infância e adolescência. Aos quinze anos, entrega-se ao primeiro namorado, Severino, mas o coronel descobre, dá uma surra no namorado e violenta Marta Saré, "que já estava desonrada". Ela é trancada nua dentro de um quarto escuro. Foge com um chofer de caminhão, dono de um prostíbulo em São Paulo. Lá ela conhece Antônio, um português rico, e casa com ele na igreja: "Casei hoje, em maio, como convém. Antônio parece tão comovido como eu. Chorei".

A REVOLTA — Antônio, já muito velho, gostava de ficar olhando as

pernas de Marta. O ano é 1945. Ela conhece um líder comunista, Romão, apaixonado por ele. Romão é perseguido pela polícia (e acaba sendo morto por Severino, o primeiro namorado de Marta, agora soldado em São Paulo).

Antônio também morre e Marta tenta recomeçar sua vida, mas não é aceita na sociedade. Pensa: "Uma vez prostituta,

GERALDO GUIMARAES



Fernanda Montenegro e Antônio Fagundes: no começo.

sempre prostituta". Então manda construir um enorme bordel, chama todas as antigas amigas de profissão e convida desembargadores, políticos, banqueiros. Na festa de inauguração, um desembargador fixa os olhos nas pernas de Marta. Ela dá-lhe vários tiros e se mata. Seus irmãos, que durante toda a peça aparecem como visões, desta vez atiram pedras nas pessoas que levam o caixão de Marta e gritam: "Vão embora, vão embora! Marta Saré é nosso sangue! Marta Saré a nós voltará! Marta Saré pulará nos trilhos! Rolará enormes ribanceiras! Que conduzem ao alto".

Guarnieri (que faz o papel de dois pais e de Romão) escreveu o papel de Marta Saré especialmente para Fernanda Montenegro. Os atôres — muitos deles fazendo mais de um papel — são Antônio Fagundes, Miriam Muniz, Beatriz Segall, Eudósia Cunha, Paulo César Pereio (que fez o papel do bêbado Mané, em "Roda Viva"), Graça Melo, Sílvio Zilber (também assistente de direção), Marcos Miranda e o compositor Fernando Lona. O conjunto Soma-3 toca a música composta por Edu Lôbo, os cenários são de Flávio Império e o diretor é o marido de Fernanda Montenegro, Fernando Tórreres.



## VIDEO-TAPE: NOSSA TELEVISÃO ENLATADA

*Blota Júnior (em São Paulo) e o palhaço Marrêta (no Maranhão) nem ao menos se conhecem, mas entram na mesma história: a vitória de um é desemprego do outro na invasão do tape.*



**T**V enlatada faz mal? Não, responde Blota Junior (48 anos, paulista), feliz da vida com o video-tape, que o tornou um dos dez artistas mais conhecidos e bem pagos (mais de 60 000 cruzeiros novos mensais) da televisão brasileira. O palhaço Marrêta (34 anos, maranhense) pensa o contrário. Dêle, o video-tape tirou tudo: a profissão (era artista de TV, hoje é motorista) e o salário (ganhava mais de 400 cruzeiros novos, hoje ganha 240). No dia em que a TV Difusora (São Luís do Maranhão) comprou sua aparelhagem de VT e começou a alugar programas gravados no Rio e em São Paulo, Blota Junior — sem querer e sem mesmo saber o que estava acontecendo — substituiu Marrêta. Dezoito anos depois da implantação da TV no Brasil, o drama de Marrêta — com outros dramas semelhantes em todo Brasil, de Pôrto Alegre a Belém, chega ao Congresso Nacional. Os artistas de TV pedem uma lei que lhes garanta o mínimo: oportunidades de trabalho. O artigo 6.º do Projeto n.º 1 004/68 obriga as emissoras de TV a apresentarem pelo menos sete horas diárias de programas ao vivo: três à tarde, quatro à noite. Os sindicatos e associações profissionais de artistas da TV pediram ao Deputado Montenegro Duarte (Arena, Pará) para apresentar o projeto e já festejam a primeira vitória: foi aprovado sem restrições pela Comissão de Justiça da Câmara.

**Indústria de conserva** — Em Pôrto Alegre, a TV Gaúcha tinha 244 empregados: cantores, atores, cenotécnicos, iluminadores, produtores e outros profissionais necessários à produção de programas. Comprou um aparelho de VT e reduziu toda a sua equipe a 41 pessoas. Em Recife, o programa "Você faz o show", com artistas locais, era transmitido aos domingos pela TV Jornal do Comércio. Era o programa de maior audiência do Nordeste, de Sergipe ao

Rio Grande do Norte. Veio a emissora concorrente, TV Rádio Clube, e atacou de video-tape: na mesma hora em que o pernambucano Fernando Castelão, ao vivo, aparecia na TV Jornal do Comércio, o paulista Blota Junior, enlatado, roubava todo o público para a TV Rádio Clube. Fim da história: hoje, as duas emissoras exibem Blota Junior (uma passa os programas da Record, de São Paulo, outra os da Tupi, do Rio). No País inteiro, o video-tape tomou conta dos horários e uma nova indústria surgiu no Rio e em São Paulo: a dos programas enlatados. A TV Record consegue vender seus VTs a mais de trinta emissoras e as telenovelas da TV Globo (Rio e São Paulo), TV Excelsior (Rio) e TV Tupi (São Paulo) saem de graça para as emissoras que as produzem. Só os aluguéis de video-tape cobrem todas as despesas de montagem, salários de artistas e técnicos e direitos autorais. Discretas até agora, as emissoras de TV do Rio e de São Paulo devem se manifestar: o Projeto n.º 1 004/68 limitará o mercado amplo do VT e lhes reduzirá uma fonte preciosa de renda. Na Câmara, as previsões são de uma batalha de grande repercussão.

**A fita prodigiosa** — O video-tape é uma fita de plástico (parecida com a fita do gravador de som) coberta de óxido de ferro, em que se grava, além do som, a imagem da televisão, tal como ela é vista e apresentada ao vivo. Permite que se apague, regrave ou emende os programas. Custa 2 500 cruzeiros novos um rolo de 60 minutos de duração, e pode ser regravado até mil vezes: basta apagar o programa gravado anteriormente depois de exibida quantas vezes se queira. O sistema de gravação em VT permite tirar de um programa tantas cópias quantas se desejam. Também livra a televisão de vexames e acidentes inevitáveis. Num sábado à noite, a TV Tupi (Rio) apresentava o seu Grande Teatro de Co-

médias, quando a atriz Renata Fronzi — que fazia um dos papéis — desmaia e cai, de acordo com o texto da peça. Cai de mau jeito e os seios ficam à mostra, o que não estava no espetáculo. Se o programa tivesse sido gravado em video-tape, o público não tomaria conhecimento do acidente: a cena seria facilmente regravada.

**Do míni-tape ao satélite** — Uma câmara de TV do tamanho de uma máquina de filmar, de 16mm, capaz de gravar em video-tape e substituindo o pesado equipamento de VT de estúdio, foi apresentada na TV Record pelo repórter Tico-Tico. Trata-se do "primeiro míni-tape do mundo", segundo Tico-Tico, e que abre novas perspectivas para o telejornalismo. Não se conhece outro equipamento de TV mais barato e de mais fácil operação para documentação jornalística. Ainda em fase experimental no Japão, foi adaptado no Brasil (pela Maxwell Eletrônica) para uso profissional: a TV Record vai usar o "míni-tape" para gravar, no dia 24 de dezembro, a Missa do Galo em Jerusalém, e exibi-la horas depois em São Paulo. Graças à diferença de fusos horários e à utilização de conexões aéreas internacionais, os brasileiros verão, ainda no dia de Natal, a Missa do Galo celebrada em Jerusalém. Disso, os sindicatos dos empregados nas empresas de televisão não reclamam. Temem mais os filmes estrangeiros (só a TV Globo adquiriu mais de 3 milhões de cruzeiros novos de filmes americanos) e as próximas inaugurações da Rede Nacional de Microondas e da estação brasileira que receberá sinais do satélite Telstar. Via satélite, chegarão ao Brasil os famosos programas da TV americana e européia e será a vez de Blota Junior — astro nacional — enfrentar os internacionais Andy Williams ou Dean Martin, tal qual seus videotapes venceram os shows regionais e a popularidade do palhaço Marrêta. ○

Com a explosão editorial do Brasil de hoje, o leitor já conta com a média de seis livros novos interessantes por mês: desde os gêneros tradicionais da literatura — o romance, a poesia, o conto — até os lançamentos de futurologia, ciência, espionagem (real e fictícia), e os temas eróticos, políticos e sociais.

## DA FICÇÃO À CIÊNCIA, ÓTIMOS LIVROS NO NATAL

Com pelo menos um grande romance, duas coletâneas de poemas e um livro de contos, a safra literária brasileira foi excelente, mas como mostra esta seleção de alguns dos melhores do ano, feita por Leo Gilson Ribeiro, há de tudo para todos os gostos, desde Gramsci até Sheerazades e os castelos da França

### FICÇÃO

“Desastres do Amor”, Dalton Trevisan (Civilização Brasileira, 171 págs., NCr\$ 8,00). A mais importante contribuição do “Vampiro de Curitiba” ao conto moderno em língua portuguesa revela a pequena burguesia brasileira nos círculos concêntricos do amor: do breve êxtase à morte e à indiferença.

“Nem só de Caviar Vive o Homem”, J. M. Simmel (Nova Fronteira, 516 págs., NCr\$ 15,00). As aventuras reais do mais incrível espião da II Guerra Mundial que enganou os serviços secretos de nove países enquanto preparava pratos requintados como blinis de caviar e sal-são-rábano à moda de Genebra. Contém excelentes receitas para “gour-mets” pacíficos também.

“Deus de Caim”, Ricardo Guilherme Dicke (Edinova, 235 págs., NCr\$ 13,00). Mato Grosso incorpora-se à literatura brasileira com a pujança de um “rodeio” em Campo Grande e a angústia do imenso

pantanal em que se agitam as figuras bíblicas e vibrantes destes esplêndido estreante, o melhor já premiado pela Walmap.

“Memórias de um Gigolô”, Marcos Rey (Senzala, 197 págs., NCr\$ 10,00). Uma visão hilariante da selva do “bas-fond” paulista, a obra-prima do autor de “O Entêrro da Cafetina”.

“Os Degraus do Pentágono”, Norman Mailer (Expressão e Cultura, 394 págs., NCr\$ 14,00). Um Mailer faiscante de argúcia cria um estilo inédito como repórter literário ao reviver a Marcha sobre o Pentágono dos pacifistas americanos em protesto “hippy” contra a guerra do Vietnam. O livro americano do ano.

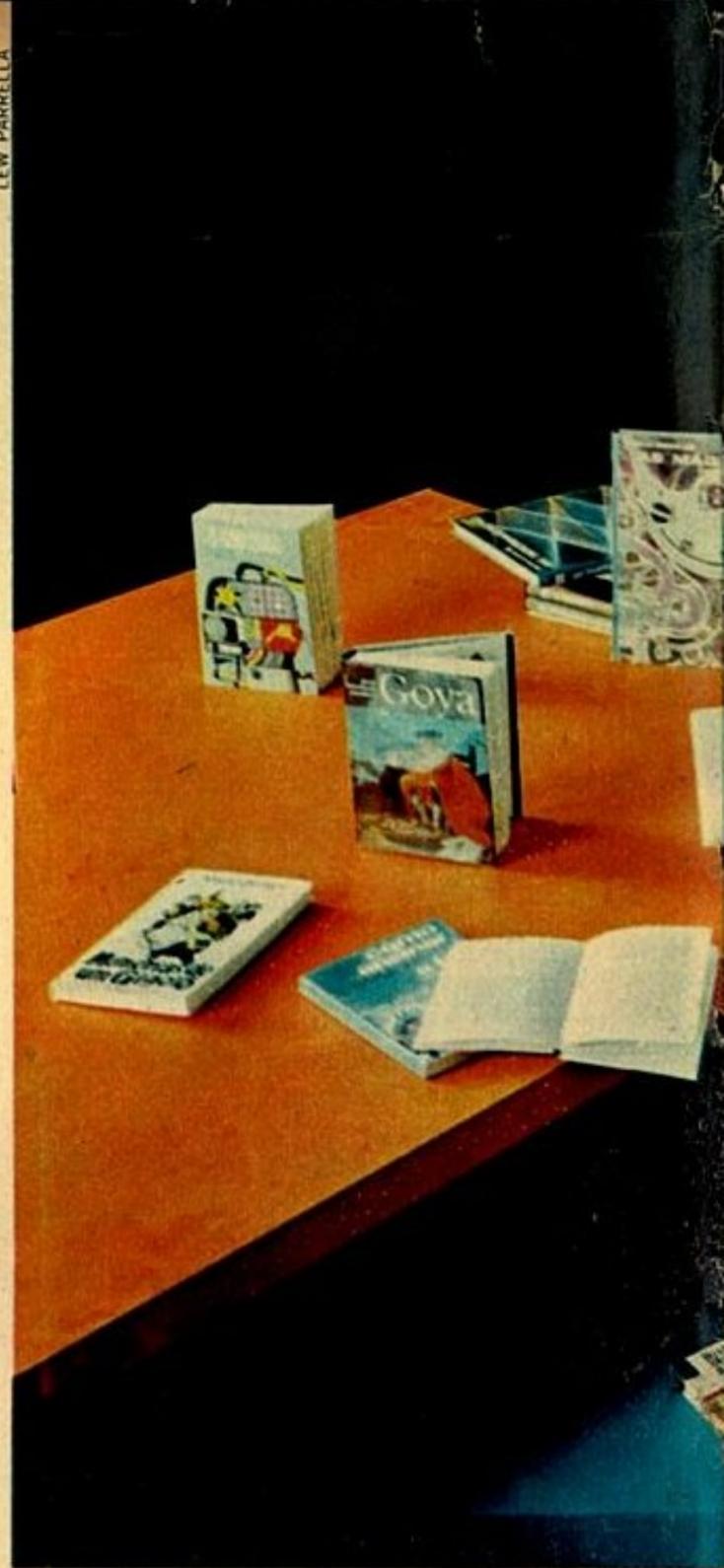
“Tapête de Carne”, Li-yu (José Álvaro, 246 págs., NCr\$ 10,00). Dentro da avalanche de literatura erótica que invade o mercado brasileiro, este é de longe o melhor, o mais requintado e poético, vindo da China do século XVII e misturando sabedoria de viver com a arte de amar.

“Náufragos da Lua” e “S.O.S. Lua”, Arthur C. Clarke (Coleção Argonauta, 172 págs. e 150 págs., NCr\$ 3,00 cada). O mais famoso divulgador científico do mundo, antes de escrever o roteiro para “2001, Odisséia no Espaço” relata com estilo e imaginação a tragédia de um grupo de turistas da Terra que naufraga num mar de pó sêco na Lua.

### POESIA

“Poesias Completas”, João Cabral de Mello Neto (Sabiá, 391 páginas, NCr\$ 10,00). O diplomata enamorado da Espanha traduz em imagens incomparáveis a paisagem da miséria nordestina na melhor poesia social da língua portuguesa.

“Boitempo & A Falta que Ama”, Carlos Drummond de Andrade (Sabiá, 185 págs., NCr\$ 10,00). O Poeta Maior evoca Minas e a folhinha ordeira de Mariana do passado, e sempre perplexo diante da condição do homem invoca a Morte num monólogo melan-





cólico: "ausência deliciosa, / lembrança de vinho / em garrafão translúcido".

**"Poesia Russa Moderna", Haroldo e Augusto Campos e Boris Schnaiderman** (Civilização Brasileira, 208 págs., NCr\$ 12,00). Nestas melhores traduções brasileiras desde o "Ulisses" de Joyce, grandes poemas russos de Blok e Maiakovski integram-se como grandes poemas em nossa língua, incluindo os de Voznessiensi, original e audacioso, mas excluindo o medíocre menino bem comportado da poesia soviética, Evtuchenko.

## ARTES PLÁSTICAS

**"Arte Mundial", dois volumes, professores da Universidade de Columbia (EUA)** (Difusão Européia do Livro, 521 págs., NCr\$ 18,00 ambos). Tradução lusitana da obra vertida para o francês, esta primeira série (da pré-história ao fim da Idade Média) é um itinerário deslumbrante das artes desde as caver-

nas de Altamira, na Espanha, até a Catedral de Chartres, com magníficas ilustrações, várias em côres.

**"Arte e Alienação", Herbert Read** (Zahar, 191 págs., NCr\$ 7,00). O mais lúcido crítico de arte desta geração refuta a tese marxista da alienação, "o fim do capitalismo em certos países não representou o fim da alienação. Mudar o mundo, referindo-se ao sistema econômico predominante, não basta". Só a arte restaura a totalidade do homem.

## CIÊNCIAS

**"Biblioteca Científica Life", doze volumes, cada grupo de quatro custa NCr\$ 120** (José Olympio). Em "O Corpo Humano" a aventura dos alimentos na montanha russa do intestino; em "A Mente", a revelação de que nos EUA até crianças de dois anos se submetem à psicanálise; em "As Máquinas", a descrição do computador eletrônico que soma parcelas em 1,5 milionésimo de segundo e do gravador que contém os 24 volu-

mes da Enciclopédia Britânica num só rolo de fita. Belíssimas ilustrações e um texto jornalístico capaz de despertar vocações científicas.

**"Grandes Enigmas da Humanidade", Roberto Pereira de Andrade e Luís Carlos Lisboa** (Vozes, 340 págs., NCr\$ 10,00). Enquanto o homem pesquisa o espaço como astronauta, permanecem insolúveis alguns dos grandes mistérios da Terra: o próprio homem — ou algumas raças humanas, como a branca — teria vindo de outros planetas? Como os fenícios e os egípcios antigos conheceram o pára-raios e a galvanoplastia? Os fenícios teriam descoberto o Brasil antes de Cabral?

**"O Pensamento Artificial — Introdução à Cibernética", Pierre de Latil** (Ibrasa, 337 págs., NCr\$ 13,00). O especialista francês "traduz" para o leitor leigo o funcionamento dos computadores que reproduzem a parte mecânica do pensamento humano e do homeostato, aparelho eletrônico que reage a situações, sem precisar de programações prévias.

## POLÍTICA, ECONOMIA, SOCIOLOGIA

**"Antimemórias", André Malraux** (Difusão Européia do Livro, 474 págs., NCr\$ 16,00). Ministro da Cultura do Governo De Gaulle há nove anos, filósofo da arte, romancista e combatente na Guerra Civil espanhola, André Malraux relata de forma incisiva e elegíaca seus encontros com Mao Tsé-tung, Nehru, a Gestapo e "com a morte que aflora em tudo que é mais forte que o homem" nestas magistrais "Antimemórias" que respondem a uma pergunta que as memórias não fazem e deixam de responder às perguntas, que elas fazem.

**"Mao e a China", Roberto Muggiati** (Gráfica Record, 374 págs., NCr\$ 14,00). A China, dos mandarins aos guardas vermelhos, nesta história da Revolução Chinesa desde o Império colonial (1840) até a explosão da bomba de hidrogênio e os jornais murais da Revolução cultural de hoje, complementada com a biografia do líder que deu ao marxismo sua versão asiática.

**"História Geral da Economia", Max Weber** (Mestre Jou, 367 págs., NCr\$ 12,00). Primeira edição em português do sociólogo alemão que em seus estu-

dos fundamentais do capitalismo opôs-se a Marx em vários pontos, inclusive na importância que atribui aos valores religiosos na criação da economia ocidental.

**"A República Comunista Cristã dos Guaranís"** (Paz e Terra, 353 págs., NCr\$ 14,00). No século XVIII os jesuítas instituíram na América do Sul — inclusive nas Missões do Rio Grande do Sul — uma República indígena de comunhão de bens de produção animada por festas religiosas e com eliminação do dinheiro e da concorrência econômica, mostra este relato histórico sumamente interessante, embora formule críticas ferozes contra o Brasil e seu Governo pelo Marquês de Pombal.

**"Afinal, a Verdade"**, Eugen Loeb e Dusan Pakorny (Laudes, 186 págs., NCr\$ 10,00). A lavagem cerebral, a mescalina e a insônia forçada eram as armas stalinistas usadas para extrair confissões e fuzilamentos sumários de patriotas checos durante a guerra fria.

**"A Amazônia Para os Negros Americanos"**, Nícia Vilela Luz (Saga, 188 págs., NCr\$ 8,00). O interesse americano pela Amazônia data desde os tempos do Império, quando Dom Pedro II repelia as invectivas de uma República forte contra um Reino débil, impedindo a canalização dos sulistas e de milhões de escravos negros para a Amazônia inexplorada. Uma tese histórica desenterrada de arquivos oficiais da Biblioteca do Congresso em Washington pela historiadora brasileira.

**"O Poder Secreto"**, David Wise e Thomas B. Ross (Nova Fronteira, 322 págs., NCr\$ 13,00). A história alucinante e verídica da espionagem moderna que utiliza venenos no café e mensagens cifradas dentro de moedas, tornando James Bond um amador desajeitado no manejo do arsenal eletrônico e de condicionamento mental da espionagem contemporânea.

**"Os Intelectuais e a Organização da Cultura"**, Antonio Gramsci (Civilização Brasileira, 237 págs., NCr\$ 12,00). Negando a condição aristocrática e alienante que separa o intelectual do "povo", o teórico marxista italiano nega também o determinismo stalinista que reduz os intelectuais a meros propagandistas do Partido, reconhecendo ao contrário que pensar não pode estar separado de agir numa sociedade democrática e igualitária.

**"O Desafio de Nosso Tempo"**, Arnold J. Toynbee (Zahar, 231 págs., NCr\$ 8,00). Nossa época precisa com urgência de um governo e um idioma mundiais, além de colocar o coração (a tradição)

em dia com o cérebro (a aceleração do progresso tecnológico) — é a advertência do brilhante historiador britânico nesta série de considerações profundas sobre o final de século.

## FUTUROLOGIA

**"O Ano 2000"**, Herman Kahn e Anthony Wiener (Melhoramentos, 508 págs., NCr\$ 15,00). Enquanto nos EUA o homem só trabalhará três dias por semana, dedicando-se ao lazer e à educação contínua, foguetes interplanetários levarão turistas para um fim-de-semana na Lua, o mar será o vastíssimo celeiro para a parte faminta da humanidade e o Brasil estará entre as penúltimas nações do mundo, insuficientemente industrializadas e com excesso de população parasitária. Tudo isso em alguns dos "futuros possíveis" deste livro inquietante e que fascina da primeira à última predição.

## INFANTIS

**"Por quê?" Adaptação de Maria Clara Machado** (Liceu, 186 págs., NCr\$ 16,00). Responde com graça e belas ilustrações aos infinitos porquês da criança: por que o mar é salgado? e o relógio faz tique-taque? por que se pode ver a imagem dentro do rio? etc. etc. etc.

**"Aventuras de Pimpão Cosmonauta"**, texto e ilustração de Alain Grée (Verbo Infantil, 21 págs., NCr\$ 4,50); **Pedrinho e Teteca**, Guilherme de Figueiredo (Expressão e Cultura, 31 págs., NCr\$ 5,00); **"O Calhambeque Voador e Chitty-Chitty Bang-Bang"**, Ian Fleming (Expressão e Cultura, 48 págs., NCr\$ 6,50).

**"Aventuras do Dito Carreiro"**, Jannart Moutinho Ribeiro (Melhoramentos, 217 págs., NCr\$ 7,00). Uma história encantadora em torno ao carro de bois que levou progresso a todo o Brasil.

**"Jóias das 1 001 Noites"**, ilustrações de Grabianski (Melhoramentos, 286 págs., NCr\$ 15,00). As lindas ilustrações coloridas do artista polonês tornam ainda mais atraentes as histórias de Sheerazade.

## HUMORISMO

**"Átila, você é bárbaro"**, desenhos de Jaguar (Civilização Brasileira, 167 págs., NCr\$ 15,00). A turista descendo de um enorme Rolls-Royce pergunta a uma preta de lata d'água na cabeça diante de uma favela no morro: "Onde posso encontrar algo típico para fotografar?"; o marido murado pela mulher antes que ela coloque o último tijolo: "Então isso é um adeus, querida?" Jaguar faz sua

TV pessoal do Brasil e da humanidade no cinescópio da gargalhada.

**"O Homem ao Zero"**, Leon Eliachar (Expressão e Cultura, 280 págs., NCr\$ 14,00). Entre os anúncios modernos: "Troca-se um carro que pertenceu a uma só mulher e troca-se também uma mulher que pertenceu a vários carros"; das "Frases com algum nexos": "Atende o telefone, Maria. Se fôr empregada, diz pra vir logo pra substituir você". Com muita graça e truques gráficos, Eliachar esgotou em um ano duas edições.

**"10 em Humor"**, vários autores (Expressão e Cultura, 132 págs., NCr\$ 14,00). Stanislaw, Millôr, Eliachar, Fortuna, Claudius, Jaguar e outros completam o quadro do variado humorismo brasileiro nesta coletânea.

## VÁRIOS

**"A Vida dos Beatles"**, Hunter Davies (Expressão e Cultura, 417 págs., NCr\$ 18,00). Desde 1830, quando teve sua primeira ferrovia, a cidade industrial inglesa de Liverpool não tinha sido tão abalada quanto com o aparecimento dos quatro rapazes que se tornaram milionários ídolos da juventude musical em todo o mundo.

**Revolução na Comunicação**, Edmund Carpenter e Marshall McLuhan (Zahar, 248 págs., NCr\$ 10,00). A comunicação de massas vistas por dezenove especialistas, desde o sociólogo David Riesman e o poeta Robert Graves até o zen-budista Suzuki e o "papa" da comunicação, o sociólogo canadense McLuhan.

## LIVROS DE LUXO

**"Galeria de los Museos"**, (em espanhol), Uffizi (Aguilar, 365 págs., NCr\$ 200,00). Com cem "slides" coloridos para projeção, uma viagem fascinante pelo Renascimento italiano na sua maior galeria, em Florença.

**"Merveilles des Châteaux du Val de Loire"**, maravilhosas ilustrações a côres e uma descrição histórica dos grandes castelos do rio Loire, desde Chenonceaux até Chambord (Hachette, 327 págs., NCr\$ 111,00).

**"Brazil"** (em inglês), com 58 fotografias em côres, 143 págs., NCr\$ 45,00; **Imagens do Passado de Minas Gerais**, 32 fotografias a côres, 96 págs., NCr\$ 19,00; **"Rio de Janeiro"**, **"São Paulo"**, **"Bahia"** e **"Brasília"**, textos em alemão, inglês, francês e espanhol, cerca de 50 a 60 págs., NCr\$ 11,00 cada (todos da Livraria Kosmos, Rio e São Paulo). ○

## A FELIZ ELIS REGINA

*Para vencer na Europa é preciso  
muito trabalho.  
Agora ela quer os Estados Unidos.*

Uma cantora que ganha mais de 50 000 cruzeiros novos por mês em seu país, apoiada pelo público e com o marido ao seu lado, "não pode se dar ao luxo de tentar iniciar uma carreira no estrangeiro". É Ronaldo Bôscoli, 39 anos, que assim vê as recentes tentativas de sua mulher, Elis Regina, para conquistar o mercado europeu. Segundo êle, a Europa só vale pelos reflexos que possa ter no Brasil: "Fotos ao lado de Bécud, Aznavour ou dos Beatles impressionam muito por aqui". Sucesso na Europa, primeira cantora a se apresentar duas vezes no mesmo ano no Teatro Olympia de Paris, mais de 20 mil discos vendidos, Elis surpreendeu a todos com a sua volta precipitada. "Não sou dada a sentimentalismos, mas a verdade é que eu estava morrendo de saudades do Rio", confessa a cantora. "Mas há outro motivo: se os franceses já eram sujeitos chatos pela própria natureza, depois dos acontecimentos de maio ficaram insuportáveis."

**UM MERCADO COMUM** — Elis no Olympia chamou a atenção da imprensa especializada, talvez por seu "exotismo brasileiro". Até em Nova York a revista "Variety" comentou: "Embora Elis Regina também cante em francês, sua vibrante atuação supera a fronteira dos idiomas, graças à sua musicalidade, impacto, e, principalmente, à contagiante presença". A cantora explica: "No show do Olympia só dava eu e o cara do balé americano. O pobre do Pierre Perret, a primeira atração (misto de Juca Chaves com Pagano Sobrinho), foi supermalhado". Embora os contratos previssem apenas a apresentação no Olympia, ela recebeu ofertas para a TV da Inglaterra, Alemanha, Suécia, Portugal, Espanha e Suíça. A Philips holandesa, gravadora de Elis, achou melhor lançar primeiro seus discos — só depois dessa divulgação é que Elis voltará a exhibir-se na Europa. Herb Alpert — dono da gravadora A&M —, agora no Brasil, está interessado em apresentar Elis nos Estados Unidos.

O maestro Júlio Medaglia, criador dos programas de TV "Opus 7", acredita que, se isso acontecer, ela se tornará "uma das quatro maiores cantoras do mundo, ao lado de Ella Fitzgerald: além de técnica e domínio de voz, Elis



**Elis no Brasil: 60 000 por mês.**

leva a vantagem do balanço. Seu samba é tão evoluído como o jazz".

**"HÉLICE" OU ELIS?** — Nos tempos de maior sucesso — "O Fino da Bossa", em 1965 — Elis era tão bem aceita pelos fãs, que poucos se incomodavam com a gesticulação (os braços funcionando o tempo todo como pás de moinho) que lhe valeu o apelido de "Hélise" Regina. Hoje, além de algumas pequenas modificações físicas —



**Elis-Bôscoli: felizes há um ano.**

operação plástica, cabelos curtos à "joãozinho" —, ela procura policiar os seus gestos quando canta, e consegue um ar mais calmo e interiorizado. "Nada como uma boa cama para dar jeito numa mulher." Elis refere-se desinibidamente a seu casamento com Ronaldo Bôscoli — o "Velho", como ela o chama. Em sua casa no alto de uma enorme ladeira que dá para o mar na Avenida Niemeyer, Rio, ela fala de seus planos, num estilo claro e lógico — mas seus termos são impublicáveis: de cada cinco palavras, três ou quatro são palavrões. Elis pretende enfrentar o palco, inaugurando o Teatro da Lagoa, Rio, num espetáculo que ela quer encenado pelo jovem diretor paulista Fauzi Arap.

Dos festivais ela não quer mais saber: "Se acontecesse comigo o que se passou com Caetano Veloso e Sérgio Ricardo, aquele tipo de vaias e de reação do público, não sei bem o que faria: desconfio que ia dizer muito palavrão".

**UPA NEGUINHA** — Dona de um público certo e fiel — seu LP de setembro último vendeu mais de 25 mil cópias —, Elis pretende continuar gravando somente músicas brasileiras. Edu Lôbo é seu compositor predileto, e "Upa Neguinho" sua música de sorte. "Acredito tanto nela", diz Elis, "que fiz três gravações, tôdas diferentes." Elis grava pouco para não inflacionar o mercado. "O que canto e gosto está todinho no meu último disco: 'Bom Tempo', do Chico (Vip!). Do Edu gosto de tudo. Músicas de Tom. Sambas de Mangueira, que dão pé na avenida e no disco também. De Gilberto Gil, na sua fase A.T. — Antes da Tropicália." Os mesmos compositores de seus primeiros discos continuam figurando no último: Elis é das poucas cantoras fiéis à bossa-nova. Só duas músicas estão selecionadas para seu próximo disco para depois do carnaval: "Vera Cruz", de Milton Nascimento, e "Superbacana", de Caetano Veloso, "em ritmo de marchinha, nunca de iê-iê-iê". Tanto Bôscoli como Elis consideram o tropicalismo "avançado demais". Diz êle dos vanguardistas: "Eles estão trinta anos na frente. Vão ter que aparar as arestas e voltar a fazer coisas na base de 'Alegria, Alegria': a cultura deve ser dada ao povo em doses homeopáticas".

GERALDO GUIMARAES



Tapes: a música em nova embalagem.

## A INVASÃO DA MÚSICA EM "TAPES" VAI MATAR O DISCO?

O maestro Herb Alpert, criador da orquestra Tijuana Brass e da gravadora A&M, lançadora de Sérgio Mendes nos Estados Unidos, declarou enfático ao desembarcar no Rio: "O futuro das gravações musicais está nos 'tapes', que já formam uma poderosa indústria nos Estados Unidos". Herb Alpert deve ter ficado surpreendido, horas depois, em Copacabana, ao encontrar nas vitrinas o cartucho de seu maior sucesso "Creme Batido e Outras Delícias", fabricado no Brasil pela Tape-car, editado primeiro pela Fermata e, agora, pela Odeon. A Fermata já possui duzentos cartuchos lançados e a Odeon vai editar um suplemento de Natal, contendo, entre outros, Aguinaldo Timóteo e Altemar Dutra, que, junto com Roberto Carlos e Chico Buarque, têm todos os seus LPs imediatamente editados em "tapes". A venda dos "tapes" no Brasil ainda não pode ser considerada boa, mas a indústria — com apenas um ano de existência — vende, em uma só gravadora, 1 500 fitas, em média, por mês.

**Tapes x discos** — Os "tapes" estão ampliando o mercado. "Não ameaçam o disco, porque custam três vezes mais caro", diz o gerente da Eletrodisco em São Paulo, loja que trabalha com os dois tipos de gravação. O "cartridge" e o "minicassette" — os dois tipos de gravador de fitas mais procurados, custam quase a mesma coisa: entre 400 e 500 cruzeiros novos — o que não difere muito do preço de uma eletrola média. É nas fitas que se nota a diferença: 13 ou 18 as virgens para "minicassette" e 35 ou 45 cruzeiros novos as já gravadas, nacionais e estrangeiras. "Bach, clique, Beatles, clique, Sinatra, clique, Beethoven", anuncia um fabricante de toca-fitas. Com as facilidades de manuseio, transporte e a variedade de programas — basta encaixar outro cartucho e apertar um botão — os "tapes" poderão, a médio prazo, tornar tão obsoletos os discos quanto estes tornaram obsoletas as antigas pianolas do início do século.

# DISCOS

## Brasil

### O INIMITÁVEL ROBERTO CARLOS

Roberto Carlos canta o que sente. Lambretas, carangos, brasa, casamento não é papo pra mim, namorada de um amigo meu, que tudo vá para o inferno, e, agora casado e consagrado, doze românticas canções de amor: "Não vou Mais Deixar Você tão Só", "Eu te Amo, te Amo", "Ciúme de Você", "Ninguém vai Tirar Você de Mim", "É Meu, É Meu", mostram um Roberto possessivo que chega até o sentimental bolero "Quase Fui lhe Procurar". O disco tem poucas músicas suas (quatro, todas com Erasmo Carlos) e não há nenhum iê-iê-iê rápido. Poucos solos de guitarra (Roberto, na capa, aparece tocando violão). "Madrasta", do Festival da Record, foi gravada com grande orquestra e cordas. Órgão, gaita, pequeno corno e uma interpretação mais trabalhada de Roberto, pronunciando bem as palavras, usando as pausas e nenhuma gíria. O LP, lançado perto do Natal, é um teste à popularidade de Roberto abalada por Paulo Sérgio, cujo reflexo está no título "O Inimitável". CBS-375885.

### SÉRGIO MENDES FAVORITE THINGS

Gravado há mais de um ano nos Estados Unidos, quando o pianista Sérgio Mendes ainda não tinha formado o conjunto que hoje é hit-parade em todo o mundo. Sérgio toca piano (às vezes cravo), acompanhado de grande orquestra com arranjos bem trabalhados. As músicas — "A Banda", "Ponteio", "Tempo Feliz" — estão um pouco antigas e a interpretação ainda não tem o balanço do "Brasil 66". "Veleiro", de Edu Lôbo e "My Favorite Things" são as melhores faixas. ATCO-Philips 805002.

## Música Clássica

### NOITE DE GALA NA ÓPERA / Grandes conjuntos operísticos

Alguns dos momentos mais conhecidos e mais apreciados das óperas internacionais. "Lúcia de Lammermoor", na voz de Maria Callas. Mimi e Rodolfo de "La Bohème", ótimos nas vozes de Mirella Freni e Nicolai Gedda. Victoria de Los Angeles é Rosina no "Barbeiro de Sevilha". O "Fausto", de Gounoud, tem simplesmente as vozes de Victoria de Los Angeles, Nicolai Gedda e Boris Christoff. "Der Rosenkavalier", de Richard Strauss, tem a regência de Herbert von Karajan. Ótimo disco para quem consinta ouvir apenas trechos isolados das principais óperas. Angel-3, Cbx-448.

### A VIÚVA ALEGRE / Franz Lehar

Vinte anos da morte de Lehar, mestre da opereta vienense, suas melodias continuam a agradar o mundo inteiro. Sua peça mais popular, "A Viúva Alegre", estreou em 1905, já consagrada. Gravação difícil, exige de seus intérpretes mais que voz: um desempenho convincente que transmita em disco a forte dose de erotismo do texto de Lehar. Anneliese Rothenberger e Nicolai Gedda fazem Hanna e Danilo com a mais absoluta segurança. Angel-3, Cbx-447.

## Estados Unidos

### DELLA REESE

Enquanto a orquestra balança em movimentados arranjos, a voz firme da cantora negra americana Della Reese, fraseado quase mas-

culino, dá grande força às músicas. Quase todas são desconhecidas no Brasil, mas homogêneas e bem escolhidas para seu tipo de voz. ABC-Fermata-FB-234.

### HER POINT OF VIEW / Clea Bradford

Clea Bradford lembra a divisão de frase jazzística de Ella Fitzgerald, mas seu estilo é mais suave. Acompanhada de grande orquestra, ela recria o famoso "Summertime" de Gershwin e "By By Blackbird" de Henderson. Lançamento de alto nível. Cadet-Som Maior. 1578.

### THE SOUND OF VELVET SOUL / Johnny Lytle

Primeiro LP do vibrafonista americano Johnny Lytle lançado no Brasil. Dentro do estilo do jazz, Johnny interpreta alguns sucessos americanos, "Somewhere" e "Up Up And Away" e o internacional "Live for Live" de Francis Lai ("Viver por Viver"). O som de seu conjunto é macio e às vezes provocante: "Under the Rising Sun", vibrafone acompanhado de solo de bongô. Além da qualidade do repertório, o som uniforme do conjunto tornam o LP importante e agradável de ouvir. Solid State — Copacabana — 20033.

## Os mais vendidos

### São Paulo

#### COMPACTOS SIMPLES

- 1.º — Hey Jude — The Beatles (Odeon)
- 2.º — Eu te Amo, te Amo, te Amo — Roberto Carlos (CBS)
- 3.º — I Love You — People (Odeon)
- 4.º — Light My Fire — José Feliciano (RCA)
- 5.º — Só o Ôme — Noriel Vilela (Copacabana)

#### LONG PLAYINGS

- 1.º — Realization — Johnny Rivers (RCA)
- 2.º — As 14 Mais — Vol. XXI — Diversos (CBS)
- 3.º — O Sucesso é Aguinaldo Timóteo — (Odeon)
- 4.º — O Som da Pilantragem — A Turma da Pilantragem (Philips)

### Rio

#### COMPACTOS SIMPLES

- 1.º — O Milionário — Os Incríveis (RCA)
- 2.º — Só o Ôme — Noriel Vilela (Copacabana)
- 3.º — Sou Louca por Você — Elizabeth (Caravelle)
- 4.º — Hey Jude — The Beatles (Odeon)
- 5.º — Tá Tudo Aí — Oswaldo Nunes (Equipe)

#### LONG PLAYINGS

- 1.º — O Sucesso é Aguinaldo Timóteo — (Odeon)
- 2.º — Paulo Sérgio n.º 2 — (Caravelle)
- 3.º — O Som da Pilantragem — A Turma da Pilantragem (Philips)
- 4.º — Especial — Renato e Seus Blue Caps (CBS)



Chegou ao Brasil o primeiro Bourbon importado – o legítimo whiskey americano. Four Roses para todos. É aquele whiskey de alta qualidade, aromático e delicioso, tradicional nos Estados Unidos. Puro ou “on the rocks,” como preferir. É questão de escolher entre gostar muito e adorar.

**Four Roses / Bourbon Whiskey.**  
Envelhecido seis anos em barris novos de carvalho. Daí seu aroma e sabor tão característicos. Posteriormente, os barris usados do Bourbon são utilizados no envelhecimento dos famosos whiskies da Escócia.

# Four Roses Bourbon Whiskey

*Procure-o somente nas boas casas.*

*Produzido por Four Roses Distilling Co., Louisville, Kentucky, U.S.A.*



boas festas  
se diz com  
**minister**

